



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – UFPE
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO – CAC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – PPGL

**O ESPAÇO DIASPÓRICO NAS LITERATURAS
AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA**

KLEYTON RICARDO WANDERLEY PEREIRA

RECIFE/2015

KLEYTON RICARDO WANDERLEY PEREIRA

**O ESPAÇO DIASPÓRICO NAS LITERATURAS
AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para obtenção do título de doutor.

Área de Concentração: Teoria da Literatura

Orientador: Prof. Dr. Roland Walter

RECIFE/2015

Catálogo na fonte
Bibliotecária Maria Valéria Baltar de Abreu Vasconcelos, CRB4-439

P436e Pereira, Kleyton Ricardo Wanderley
O Espaço diaspórico nas literaturas africanas de língua portuguesa /
Kleyton Ricardo Wanderley Pereira. – Recife: O Autor, 2015.
175 f.

Orientador: Roland Gerhard Mike Walter.
Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco, CAC.
Letras, 2015.
Inclui referências.

1. Literatura africana (Português). 2. Diáspora africana. 3. Espaço e
tempo na literatura. 4. Identidade. I. Walter, Roland Gerhard Mike
(Orientador). II. Título.

809 CDD (22.ed.) UFPE (CAC 2015-79)

KLEYTON RICARDO WANDERLEY PEREIRA


O Espaço Diaspórico nas Literaturas Africanas de Língua Portuguesa

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Letras da Universidade Federal de Pernambuco
como requisito para a obtenção do Grau de Doutor
em TEORIA DA LITERATURA em 12/2/2015.

TESE APROVADA PELA BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dr. Roland Gerhard Mike Walter
Orientador – LETRAS - UFPE



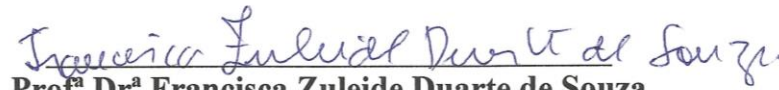
Prof. Dr. Alfredo Adolfo Cordiviola
LETRAS - UFPE



Prof. Dr. Lourival Holanda
LETRAS - UFPE



Prof. Dr. Amarino Oliveira de Queiroz
LETRAS - UFRN



Prof.ª Dr.ª Francisca Zuleide Duarte de Souza
LETRAS - UFPB

Recife – PE
2015

DEDICATÓRIA

Àqueles que, por serem órfãos de um lugar para chamarem de casa, padecem dos males da ausência.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos professores e funcionários do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE com quem tive contato frequente durante o período de realização do mestrado e do doutorado, em especial aos sempre presentes Diva Rego e Jozaiás Santos;

Agradeço aos meus colegas de mestrado e doutorado que de alguma forma contribuíram na minha jornada acadêmica;

Agradeço a Zuleide Duarte por me proporcionar, durante o mestrado e até hoje, esse encontro com as Literaturas Africanas, e por ser fonte (quase) inesgotável de livros, cafés e afetos;

Agradeço aos professores Alfredo Cordiviola, Amarino Queiroz e Lourival Holanda por gentilmente participarem desse processo e pelas generosas arguições e contribuições durante a defesa pública desta tese;

Agradeço a Roland Walter, orientador, por ser esta pessoa brilhante e admirável que partilhou de meu sonho, pela sua disponibilidade, paciência e generosidade com que afetuosamente me guiou nessa travessia;

Agradeço à FAFIRE, principalmente às professoras Liliame Jamir, Lúcia Olivera e Cristina Botelho, pelos primeiros passos na minha vida acadêmica;

Agradeço aos meus familiares, parentes e amigos, pelo apoio, direto e indireto, e os melhores desejos sempre;

Agradeço a Angelita, presente em todos os momentos desta e de outras jornadas, sempre compreensiva e paciente, principalmente nos momentos que se fizeram mais necessários, pelo amor, companheirismo e pelos olhares que dividimos juntos;

Agradeço também a CAPES, pela concessão do apoio financeiro que permitiu a realização deste trabalho.

Hora de bai,
Hora de dor,
Ja'n q'ré
Pa el ca manchê!
De cada bêz
Que 'n ta lembrâ,
Ma'n q'ré
Fica 'n morrê!

Hora de bai,
Hora de dor!
Amor,
Dixa'n chorâ!
Corpo catibo,
Bá bo que é escrabo!
Ó alma bibo,
Quem que al lebabo?

Se bem é doce,
Bai é maguado;
Mas, se ca bado,
Ca ta birado!
Se no morrê
Na despedida,
Nhor Des na volta
Ta dano bida.

Dicham chorâ
Destino de home:
Es dor
Que ca tem nome:
Dor de crecheu,
Dor de sodade
De alguem
Que'n q'ré, que q'rem...

Dicham chorâ
Destino de home,
Oh Dor
Que ca tem nome!
Sofrí na vista
Se tem certeza,
Morrê na ausencia,
Na bo tristeza!

Eugénio Tavares, "Morna de despedida" (1969)

RESUMO

O presente estudo investiga os espaços diaspóricos nas literaturas africanas de língua portuguesa. Para isso, partimos do pressuposto de que, construído a partir da intersecção entre diáspora, fronteira e deslocamentos, o espaço diaspórico está centrado nas configurações de poder e que, por isso, se transforma num espaço dinâmico de negociação (trans)cultural, uma encruzilhada de culturas. Primeiramente, procuramos construir o arcabouço teórico sobre a diáspora, distinguindo entre aquelas que são consideradas como históricas, das contemporâneas. Assim, entendemos que estas são caracterizadas pela heterogeneidade e estão vinculadas às dinâmicas do capitalismo global e aos efeitos do pós-colonialismo, numa interação complexa de relações de poder entre lugares de origem e fixação. Observamos que nas literaturas africanas de língua portuguesa, a experiência da diáspora é vivenciada de maneiras diferentes e pode provocar reações as mais diversas, tanto naqueles que retornam ao seu lugar de origem (quando retornam), quanto nos que os recebem (uma segunda pátria, talvez). Associado a essa ideia, problematizamos a questão do espaço a partir de um diálogo crítico e transdisciplinar entre seu conceito na teoria literária e as várias ciências que o consideram elemento fundamental de seus estudos, a saber, a Filosofia, a Geografia, a Sociologia, e outras. A partir desse entrelaçamento, foi possível elaborar uma síntese teórica para analisá-lo enquanto uma categoria ficcional que dialoga não só com os elementos internos da obra, foco narrativo, personagem, tempo, como também externos, o “espaço da identidade”. Por fim, analisamos algumas obras das literaturas africanas de língua portuguesa procurando identificar a construção e configuração dos espaços diaspóricos e, em consequência disso, a identidade cultural proveniente das relações entre os agentes da (pós)-colonização. A metodologia do nosso trabalho teve caráter bibliográfico e analítico, baseando-se nos pressupostos da teoria do romance e dos Estudos Culturais. Diante disso, percebemos que as obras escolhidas para compor nosso *corpus* de análise possibilitam compreender melhor, a partir da relação entre obra ficcional e seu contexto de produção, o processo de construção da configuração dinâmica do espaço e das diferentes identidades diaspóricas que compõem as matrizes culturais das sociedades dos países africanos de língua portuguesa.

Palavras-chave: Literatura Africana (Português). Diáspora africana. Espaço e tempo na literatura. Identidade.

ABSTRACT

The present study investigates diasporic spaces in the Literatures of Lusophone Africa. For this, we assume that, built from the intersection of diaspora, border and displacements, diasporic space is centered on power settings, therefore, becoming a dynamic space of (trans)cultural negotiation, a crossroad of cultures. Firstly, we engaged in the articulation of a theoretical framework on diaspora distinguishing between historical and contemporary diasporas. In this, we understand that contemporary diasporas are characterized by heterogeneity, the dynamics of global capitalism and the effects of post-colonialism, in a complex interplay of power relations between places of origin and fixation. We observed that in African Literature written in Portuguese, diaspora is experienced in different ways and cause different reactions on those who return to their place of origin and on those who receive them (a possible second homeland). Bearing this in mind, we discuss the issue of fictional space using a critical and transdisciplinary dialogue between its concept in literary theory and the various sciences which consider space as a key element for their studies -such as Philosophy, Geography, and Sociology. Based on this entanglement, it became possible to build a theoretical synthesis to analyze space as a fictional category that dialogues not only with the internal elements of a work of fiction, such as narrative focus, character, time, but also with external elements, the "space of identity". Finally, we analyzed some works from African Literature written in Portuguese trying to identify the construction and layout of diasporic spaces and therefore the cultural identity resulting from the relationship between agents of the (post)-colonization. The methodology of our study was bibliographic and analytical, based on the theory of the novel and Cultural Studies. Finally, we realize that the works chosen as the corpus of analysis enable us to better understand from the relationship between the fictional work and its context, the construction process of the dynamic configuration of space and the different diasporic identities that make up the cultural matrix of societies from Portuguese-speaking African countries.

Keywords: African Literature (Portuguese). African diaspora. Space and time in literature. Identity.

RESUMEN

El presente estudio investiga los espacios diaspóricos en las literaturas africanas de lengua portuguesa. Para eso, partimos del supuesto de que, configurado a partir de la intersección entre la diáspora, frontera y desplazamientos, el espacio diaspórico está centrado en los ajustes de poder y que, por eso, se convierte en un espacio dinámico de negociación (trans)cultural, una encrucijada de culturas. Primeramente, buscamos construir el marco teórico sobre la diáspora, distinguiendo entre aquellas que se consideran como históricas de las contemporáneas. Así, entendemos que éstas se caracterizan por la heterogeneidad y están vinculadas a las dinámicas del capitalismo global y a los efectos del poscolonialismo, en una interacción compleja de relaciones de poder entre lugares de origen y fijación. Observamos que en las literaturas africanas de lengua portuguesa, la experiencia de la diáspora es vivida de maneras distintas y pueden provocar reacciones las más diversas, tanto en aquellos que vuelven a su lugar de origen, cuando lo hacen, cuanto en los que los reciben. Asociado a ésta idea, procuramos problematizar la cuestión del espacio a partir de un diálogo crítico y transdisciplinar entre su concepto en la teoría literaria y las diversas ciencias que la tienen como elemento fundamental de sus estudios, a saber, la Filosofía, la Geografía, la Sociología, y otras. A partir de ése entrelazamiento, fue posible construir una síntesis teórica para analizarlo en cuanto una categoría ficcional que dialoga no sólo con los elementos internos de la obra, foco narrativo, personaje, tiempo, cómo también externos, el “espacio de la identidad”. Por último, analizamos algunas obras de las literaturas africanas de lengua portuguesa buscando identificar la construcción y configuración de los espacios diaspóricos y, en consecuencia de éso, la identidad cultural proveniente de las relaciones entre los agentes de la (pos)-colonización. La metodología de nuestro trabajo, de carácter bibliográfico y analítico, adoptó los supuestos de la teoría del romance y de los Estudios Culturales. Antes de eso, nos dimos cuenta de que las obras escogidas para componer nuestro *corpus* de análisis nos permiten comprender mejor, a partir de la relación entre la obra ficcional y su contexto de producción, el proceso de construcción de la configuración dinámica del espacio y de las distintas identidades diaspóricas que componen las matrices culturales de las sociedades de los países africanos de lengua portuguesa.

Palabras-llave: Literatura Africana (Portugués). Diáspora africana. Espacio y tiempo en la literatura. Identidad.

ABREVIATURAS E TRADUÇÕES

- Na análise do *corpus* literário, para evitar repetições excessivas, convencionamos as seguintes abreviaturas:

PMA – O pecado maior de Abel

15DR – 15 dias de regresso

AUT – A última tragédia

CSS – Cais-do-Sodré té Salamansa

IP – Ilhéu dos pássaros

ACM – A casa dos mastros

VA – Ventos do apocalipse

- Nas citações de obras em língua estrangeira, optamos por manter no corpo do texto os originais, traduzindo-os em nota de rodapé.
- Nas citações dos textos literários, mantivemos a convenção ortográfica vigente em cada país e ano de publicação, sendo fiel ao original.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	DIÁSPORA	20
2.1	Diáspora: reflexões teóricas	21
2.2	Diáspora, êxodo e exílio	26
2.3	Uma ponta de Nostalgia	29
2.4	Da Diáspora Clássica às Diásporas Contemporâneas	34
2.5	Fronteiras e Espaços Diaspóricos	40
2.6	Literaturas Africanas de Língua Portuguesa e Diáspora	45
3	ESPAÇO	66
3.1	Espaço, Lugar, Território e afins	66
3.2	Categorias do Espaço nos manuais de narratologia	77
3.3	Espaço e Teoria Literária	84
3.4	Passos, Ex-passos e Espaços	94
3.5	Em volta do Espaço: uma síntese	99
4	O ESPAÇO DIASPÓRICO NAS LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA	103
4.1	Memória e <i>homeland</i>: diáspora nas narrativas de Inácio Rebelo de Andrade e Olinda Beja	104
4.2	Diáspora e as consequências do (pós)colonial: <i>A última tragédia</i>, Abdulai Sila	123
4.3	Identidade, gênero e memória na diáspora: Orlanda Amarílis	133
4.4	Narração, guerra e diáspora endógena: <i>Ventos do Apocalipse</i>,	

	Paulina Chiziane	146
5	CONCLUSÕES.....	158
	REFERÊNCIAS	162

1 INTRODUÇÃO

Os estudos das literaturas produzidas em África impõem-se como um verdadeiro canto de sirena que desperta as nossas ancestrais raízes, convocando-nos à comunhão com um mundo antigo que se apresenta, para nós, com uma epifania em que se celebra o encontro tantas vezes adiado, mas nem por isso menos desejado.

Zuleide Duarte

Trabalhar com as literaturas africanas de língua portuguesa não é hoje nenhuma novidade. Desde o final da década de 70 que no Brasil foram publicadas obras de autores do continente africano. Num projeto inovador e dos mais importantes na história editorial brasileira, a Ática publicou um total de 27 volumes, começando em 1979 com *A vida verdadeira de Domingos Xavier*, novela do angolano José Luandino Vieira, e se encerrando, no início dos anos noventa, com o romance *Nós, o do makulusu*, do mesmo autor, compondo uma coleção relativamente duradoura e culturalmente diversa. A partir de então, muitos outros autores tiveram seus trabalhos (re)conhecidos, vários trabalhos acadêmicos foram escritos sobre a produção ficcional dos países das áfricas lusófonas e muitos professores - brasileiros, portugueses e africanos - têm se empenhado para divulgar e ampliar os estudos dessas literaturas.

O objetivo desta pesquisa é analisar a configuração ficcional do espaço diaspórico nas literaturas africanas de língua portuguesa nos livros *O pecado maior de Abel* (2009), de Inácio Rebelo de Andrade, angolano; *Cais-do-Sodré té Salamansa* (1974), *Ilhéu dos pássaros* (1974) e *A casa dos mastros* (1989), de Orlanda Amarílis, caboverdiana; *A última tragédia* (1995), de Abdulai Silá, bissau-guineense; *Ventos do apocalipse* (2002), de Paulina Chiziane, moçambicana; e *15 dias de regresso* (2007), de Olinda Beja, santomense. Para tanto, traçamos um perfil

dos aspectos que constituem as diferentes diásporas nas culturas e obras literárias dos PALOP e analisamos a construção do espaço diaspórico e da identidade cultural nas ficções selecionadas para compor o *corpus* de análise deste trabalho.

Embora haja cada vez mais trabalhos de mestrado e doutorado publicados sobre essas produções literárias, o que contribui positivamente para sua disciplinarização nas universidades, muitos versam sobre os mesmos temas. Não é difícil percebermos isso quando, numa rápida pesquisa no banco de teses e dissertações da CAPES, encontramos os seguintes temas como os mais comuns para o assunto “literaturas africanas de língua portuguesa”: História, Cultura, Identidade, Etnicidade, Negritude, Hibridismo, Gênero, Mito, Memória, Oralidade, Polifonia, Religiosidade, Fantástico, Realismo Maravilhoso, Ficção e Realidade, entre outros. Além disso, constatamos também o seguinte: boa parte deles faz uso do mesmo referencial teórico, em geral de autores do eixo ocidentocêntrico; poucos problematizam o uso indiscriminado e impositivo da teoria literária na compreensão estético-cultural dessas obras; apenas alguns autores vigoram entre os eleitos na formação de um novo cânone pela crítica especializada.

Não estamos querendo, com isso, negar a contribuição do pensamento crítico desses autores, mas sim ressaltar a existência e a importância de intelectuais oriundos desses países africanos, como também do Brasil e de Portugal, que pensam, refletem e escrevem sobre os fenômenos socioculturais das áfrias lusófonas. Diante disso, se faz necessário problematizar e estabelecer um diálogo crítico entre esses autores para realizar, segundo Inocência Mata, “uma abordagem conjunta e generalizante, que não reduza às contradições e incongruências na relação (ex-)colonizador e (ex-)colonizado nas suas percepções de centro e periferia e de dominador e dominados”, buscando configurações específicas da expressão literária do continente africano.

Com isso, acreditamos que a questão das diásporas nos PALOP não foi analisada de forma mais aprofundada, ou de forma que apontasse para uma visão abrangendo a dinâmica e a diversidade das diásporas nos cinco países africanos de língua portuguesa em sua representação no espaço ficcional. Este trabalho, então, se justifica pela contribuição aos estudos literários, considerando a possibilidade de aprofundamento no estudo do tema. Além disso, enfatizamos a importância deste estudo na contribuição para a fortuna crítica dos autores e obras estudados.

Consideramos que o caráter inovador deste trabalho está não só em analisar obras de autores desconhecidos ou pouco conhecidos do público acadêmico em geral, como é o caso de Inácio Rebelo de Andrade e da obra em prosa de Olinda Beja, mais conhecida pela sua produção poética, como também pela análise do tema abordado. A diáspora e seus desdobramentos é um tema recorrente nas literaturas africanas de língua portuguesa. Aliás, ela é um dos principais temas de que se alimentam as literaturas modernas e contemporâneas.

Este trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro, procuramos discutir e problematizar a questão da diáspora e seus desdobramentos, principalmente a partir da distinção entre a chamada diáspora histórica e a contemporânea. Aqui, numa perspectiva crítica, articulamos conceitos dos Estudos Culturais e dos estudos Pós-Coloniais, principalmente no que diz respeito à construção das identidades diaspóricas e às heranças nas relações de poder entre colonizado e colonizador. Para tanto, consideramos os estudos críticos de Stuart Hall, Kachig Tölölyan, James Clifford, Anh Hua, Roland Walter e Avtar Brah. Este capítulo é composto de seis partes: 1) “Diáspora: reflexões teóricas”, em que procuramos fazer uma reflexão sobre o conceito de diáspora a partir de várias perspectivas teóricas; 2) “Diáspora, êxodo e exílio”, distinguimos estes entre outros conceitos que estão diretamente ligados à diáspora; 3) “Uma ponta de Nostalgia”, mostramos os males físicos e psíquicos que os sujeitos diasporizados sofrem no exílio; 4) “Da Diáspora Clássica às Diásporas Contemporâneas”, destacamos suas principais diferenças a partir da comparação entre a diáspora clássica dos judeus e as mais recentes, em especial a africana; 5) “Fronteiras e Espaços Diaspóricos”, centramos nossa discussão teórica sobre o conceito diaspórico enquanto espaço de múltiplas relações de poder; 6) “Literaturas Africanas de Língua Portuguesa e Diáspora”, apresentamos um breve panorama do tema nas literaturas dos PALOP.

No segundo capítulo, voltamos nossa discussão para a dimensão interdisciplinar do espaço. Adotamos uma perspectiva rizomática porque o conceito de espaço possui relevância teórica em várias áreas das ciências e se erige como uma categoria importante na discussão das epistemologias contemporâneas. Para tanto, dividimos o capítulo em cinco partes: 1) “Espaço, Lugar, Território e afins”, procuramos construir uma episteme a partir do olhar múltiplo sobre o espaço e seus desdobramentos. Aqui traçamos um diálogo crítico entre a perspectiva do espaço a

partir da filosofia clássica, passando pelos conceitos de heterotopia, de Michel Foucault, e *l'espace vécu*, de Henri Lefebvre, até chegarmos aos conceitos de agenciamento e desterritorialização propostos pelos filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari.

Os demais subcapítulos: 2) “Categorias do Espaço nos manuais de narratologia”, analisamos as definições do espaço e de como este se relaciona com os outros elementos da diegese a partir dos manuais de narratologia; 3) “Espaço e Teoria Literária”, procuramos analisar o destaque (ou sua falta) que as várias perspectivas teóricas da literatura deram a categoria do espaço durante o século XX; 4) “Passos, Ex-passos e Espaços”, refletimos sobre a dimensão do espaço e sua relação com a obra; 5) “Em volta do Espaço: uma síntese”, momento em que traçamos um diálogo com as várias teorias e abordagens apresentadas. Assim, a partir de uma visão múltipla entre obra ficcional e realidade, contemplando a relação entre o texto literário e a cultura em que ele está inserido, perceberemos como o espaço diaspórico reflete as tensões culturais na construção de uma identidade fragmentada e dividida no cronotopos.

Após a problematização e síntese do conceito de espaço diaspórico enquanto um “espaço de identificação”, no terceiro capítulo passamos à análise do *corpus* literário escolhido. Antes de prosseguirmos, queremos aclarar que a escolha feita não abraçará a totalidade do espaço africano da lusofonia, muito menos de todo o continente, o que seria impossível e inesgotável. No entanto, a eleição das obras acontece por critérios de semelhanças e divergências. Estas obras foram escolhidas porque acreditamos que elas mostram, cada uma através de sua própria perspectiva, um espaço diaspórico onde é possível percebermos o processo de construção das diferentes identidades culturais que compõem as matrizes das sociedades dos países africanos de língua portuguesa.

Dividido em quatro partes, o capítulo está composto da seguinte forma, onde se analisam: 1) “Memória e homeland: diáspora nas narrativas de Inácio Rebelo de Andrade e Olinda Beja”, as diferentes perspectivas de retorno de quem teve que sair de seu lugar de origem por causa da insegurança de um país tomado pela guerra colonial e de quem vive nas encruzilhadas culturais da diáspora africana, respectivamente; 2) “Diáspora e as consequências do (pós)colonial: A última tragédia, Abdulai Sila”, o drama interno de quem migra pela imposição das forças

coloniais; 3) “Identidade, gênero e memória na diáspora: Orlanda Amarílis”, a impossível ubiquidade, drama duplo da partida, pedra de toque que move a diáspora das narrativas centradas em personagens femininas caboverdianas; 4) “Narração, guerra e diáspora endógena: Ventos do Apocalipse, Paulina Chiziane”, análise da perspectiva da diáspora endógena, fruto da guerra, da completa miséria e do sofrimento que assolam os personagens em um êxodo apocalíptico.

Desta maneira, esperamos que *O espaço diaspórico nas literaturas africanas de língua portuguesa* possa contribuir significativamente para as futuras pesquisas sobre as literaturas dos PALOP. Que este trabalho possa trazer novas formas de ler, compreender e interpretar criticamente as obras e os autores aqui estudados, bem como conceber os espaços dessas obras ficcionais como espaços permanentes de construção de uma identidade diaspórica, como propomos.

The concept of diasporas presupposes the idea of borders. Correspondingly, the concept of border encapsulates the idea of diasporising processes. The two are closely intertwined with the notion of the politics of location or dislocation. The three concepts are immanent. I wish to propose the concept of *diaspora space* as the site of this immanence. Diaspora space is the intersectionality of diaspora, border, and dis/location as a point of confluence of economic, political, cultural, and psychic processes. It is where multiple subject positions are juxtaposed, contested, proclaimed or disavowed; where the permitted and the prohibited perpetually interrogate; and where the accepted and the transgressive imperceptibly mingle even while these syncretic forms may be disclaimed in the name of purity and tradition. Here, tradition is itself continually invented even as it may be hailed as originating from the mists of time. what is at stake is the infinite experimentality, the myriad processes of cultural fissure and fusion that underwrite contemporary forms of transcultural identities. These emergent identities may only be surreptitiously avowed. Indeed, they may even be disclaimed or suppressed in the face of constructed imperatives of 'purity'. But they are inscribed in the late twentieth-century forms of syncretism at the core of culture and subjectivity.

Avtar Brah, *Cartographies of diaspora* (2005)

2. DIÁSPORA

Talvez seja clichê começarmos recorrendo à diáspora do povo hebreu para dizer do movimento de dispersão mais conhecido e antigo da história, presente desde o relato bíblico do Êxodo, e que a partir dele houve formação de inúmeras comunidades judaicas ao redor do mundo. O fato é que a diáspora enquanto movimento de dispersão do ser humano sobre a terra remonta aos primórdios da humanidade e a acompanha até os dias atuais, diferenciando-se das suas origens pelas motivações que levaram alguns povos a abandonarem seus lugares de origem, pacífica ou violentamente, e migrarem desde pequenas distâncias até atravessarem oceanos para atingir outros continentes e lá começar outra vida, outra história.

Considerando-a de maneira mais ampla, enquanto processo de desterritorialização do ser humano, podemos dizer que a primeira diáspora foi o movimento responsável pela dispersão do homem primitivo que surgiu na África¹ e que foi migrando desde 100 mil anos atrás, e se espalhou pela África, Ásia e Europa, nesta última a cerca de 50 mil e 20 mil anos atrás, evoluindo sempre que fosse necessário adaptar-se às novas condições geoclimáticas.

Enquanto tema de análise, a diáspora não é novidade. As tradicionais, a saber, a judaica, a grega, a armênia, são objetos de estudo e discussão acadêmica há alguns anos. Atualmente, são as contemporâneas que alimentam boa parte das discussões tanto nos círculos dos Estudos Culturais como nos estudos do Pós-Colonial. As diásporas contemporâneas se distinguem das clássicas por não necessariamente reclamarem um retorno ao país de origem. Sua problemática, no entanto, envolve vários pontos de vista e, por não ser um fenômeno distinto facilmente definível, evoca um complexo rizomático interdisciplinar de áreas e teorias

¹ Seguimos aqui as teses de Cheikh Anta Diop (*apud* NASCIMENTO, 2008) e seus mais recentes seguidores com suas teses sobre a origem africana da humanidade e da própria civilização ocidental que abalaram os mais respeitados círculos científicos do pensamento ocidental. De acordo com o autor, o *Homo erectus*, datado de 1,8 milhão e cem mil anos atrás, teria nascido na África e espalhou-se pela Europa, dando origem ao homem de Grimaldi, e pela Ásia levando consigo sua tecnologia primária, uma cultura lítica onde ele já fazia uso de ferramentas rudes como o machado de pedra. Assim, a África não só seria o nascedouro do ser humano, como também o berço da civilização, tendo o Egito africano como fonte da civilização ocidental.

a fim de analisar seus vários processos de formação com efeitos positivos e negativos. Mesmo assim, apesar da atualidade e diversidade do tema, “existe ainda uma grande lacuna na análise e avaliação da diáspora em geral, mas especialmente no seu impacto no desenvolvimento dos seus países de origem.” (FERREIRA *et alli.*, 2008, p.31).

Dessa maneira, se faz necessário postularmos algumas questões a guisa de introdução sobre o tema e procurar respondê-las ao longo do capítulo: o que significa diáspora? Como o termo passou por tantas transformações até chegar ao significado atual, mais amplo e abrangente? De que maneira as culturas africanas podem ser consideradas diaspóricas? Qual o reflexo das diásporas na produção literária dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP)?

2.1 Diáspora: reflexões teóricas

Em seu étimo grego, o verbo *diaspeiró* (*διασπείρω*) significa “passar através de todos os lados, dispersar”. O termo Diáspora [gr. *διασπορά*], justaposição dos termos *speiro*, que significa “semear”, “dispersar”, e a preposição *dia*, “através”, designa um processo abrupto, mas natural, de dispersão das sementes desde um corpo de origem que, ao mesmo tempo em que dispersava, reproduzia o organismo, significando tanto dissipar, como semear. Assim, a diáspora designa um movimento de dispersão reprodutiva, ou disseminação, por todas as partes.

O *Oxford English Dictionary Online*² registra sua origem na *Septuaginta*, tradução da Tanakh hebraica para o grego koiné, e seu primeiro uso da palavra na língua inglesa no ano de 1876, relacionando-o não só com o exílio do povo hebreu, entre os séculos VIII e VI a.C., e com o saque de Jerusalém, como também com o movimento de dispersão dos religiosos protestantes pelas igrejas do continente a fim de espalhar a fé cristã. No Português, por sua vez, O *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*³, assim como seu análogo inglês, também simplifica sua caracterização sob a rubrica histórica da dispersão dos judeus, enquanto suas causas estão ligadas a “preconceito ou perseguição política, religiosa ou étnica”.

² Disponível em <http://oxforddictionaries.com/definition/diaspora?q=diaspora>

³ Diáspora. **Dicionário Eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Versão1.0. São Paulo: Objetiva, dez. 2001.

Um dos primeiros registros escrito está no relato da *História da guerra do Peloponeso* (II, 27), no século V a.C., do historiador Tucídides. Usado aqui para designar a violenta destruição da cidade de Egina e o desenraizamento, dispersão e exílio de sua população por todo o mundo helênico, a passagem do texto diz o seguinte:

[...] os atenienses também expulsaram os eginetas de Egina, juntamente com suas mulheres e filhos, acusando-os principalmente de terem sido responsáveis pela guerra na qual estavam envolvidos; além disto, Egina fica perto do Peloponeso e seria evidentemente uma política mais prudente mandar seus próprios colonos ocupá-la. E de fato despacharam os colonos pouco depois para lá. Quanto aos refugiados eginetas, os lacedernônios lhes deram Tireia para habitar e cultivar, movidos não somente pela hostilidade dos eginetas em relação a Atenas, mas também porque os mesmos lhes haviam prestado bons serviços por ocasião do terremoto e da revolta dos hilotas, O território da Tireia está situado na região fronteira entre a Argólida e a Lacônia, estendendo-se até o mar. Lá se estabeleceram alguns eginetas, enquanto outros se dispersaram pelo resto da Hélade. (TUCÍDIDES, 2001, p.104-5).

Alguns séculos mais tarde, por volta do ano 250 a.C., numa tradução da Torá realizada por eruditos judeus, o termo já havia sido incorporado pela cultura judaica e era utilizado não só para designar a dispersão do povo hebreu pela ira divina do Antigo Testamento, como ameaça e/ou castigo; mas também para descrever o exílio da elite de Jerusalém de 586 a 530 a.C. Tempos depois dessa tradução, o termo foi usado para referir-se às comunidades judias importantes e que estavam bem estabelecidas naquela região e, pouco depois, 'diáspora' foi usado, por extensão, a todos os judeus do mundo greco-romano⁴.

Observamos, nos dois exemplos, uma fundamental diferença entre eles: o caso da cidade grega de Egina tratou-se apenas de uma dispersão surgida da violência que exerceu sobre o corpo de origem e que não produziu uma cidade nova cuja

⁴ Esse movimento de dispersão do povo judeu pela Europa antiga se deu após a destruição do Templo e o assalto de Jerusalém pelas legiões romanas e, principalmente, após a repressão do messianismo pelo imperador Adriano, como será visto mais adiante no texto, mudando o próprio conceito do termo diáspora, incorporando a ele o sentido trágico e sobre-humano do exílio judaico. Segundo a pesquisadora e estudiosa das literaturas do exílio Maria José de Queiroz (1998, p.25), "O primeiro êxodo assinala o nascimento do povo eleito [...]. Só o cativo e o exílio em Babilônia garantem-lhe o perdão e aplainam os obstáculos para novas jornadas. [...] Se apurarmos rigorosamente o que ocorreu, [...] acabaremos por convencer-nos de que toda a miséria e toda a tragédia do exílio, no que tem de sobre-humano e de enaltecido mas, também, no que tem de mesquinho e desprezível, cumpre-se de modo definitivo e inexorável nas suas diásporas."

identidade coletiva fora a verdadeira descendente da velha entidade política e, por isso, não foi diaspórico no sentido orgânico, tradicional, que requer ruptura, dispersão e reprodução.

No caso dos judeus no mundo helênico, por sua vez, as primeiras comunidades diaspóricas se resumem a uma classe de sacerdotes e escribas associados com o templo e a elite da linhagem de Davi, não se dispersou uma população inteira nem se destruiu a pátria. Além disso, não se formaram como resultado da coação, mas sim pela migração de judeus que buscavam melhores oportunidades econômicas. Assim, durante quase quatro séculos, a diáspora judaica não possuía as características que depois seriam consideradas essenciais para definir uma comunidade como diáspora: em seu início, o elemento da saída forçada e traumática estava ausente (Cf. TÖLÖLYAN, 2011b, p.60).

A conotação inicialmente positiva das sociedades que se disseminavam entre as diferentes geografias políticas e culturais, procurando por melhores oportunidades muda, a princípio, por causa da diáspora provocada pelo confronto entre os judeus e outros povos que queriam subjugar sua cultura e dominar seus territórios, como foi o caso dos povos babilônicos. Em um segundo momento, a partir da destruição da Judeia e da perda da proximidade redentora dos judeus com o centro religioso de Jerusalém para as legiões romanas, o termo diáspora – e por extensão a produção de uma literatura diaspórica – se preenche de seu significado violento e doloroso da experiência opressora em que o sujeito é banido de sua pátria e confinado no território estrangeiro. Esse movimento forçou os judeus a procurarem, gradativamente, novos territórios na Europa, na África e na Ásia, estabelecendo, assim, novas comunidades no estrangeiro à espera talvez do retorno à terra prometida, - que só aconteceu com a criação do Moderno Estado de Israel, em 1948.

Con el tiempo, el concepto de diáspora se llenó con el sufrimiento que acompaña muchos tipos de exilio. El dolor y el significado específicos del sufrimiento judío en la diáspora se fusionaron – sobre todo en la imaginación literaria – con el dolor que desde Ovidio hasta Dante y más allá han sentido y expresado los laicos de otros pueblos como respuesta al exilio individual. Por consiguiente, una definición de “diáspora” surgió implícitamente del uso consistente y perduró en una literatura de lamentación que se produjo entre los judíos y, mil años después, entre los armenios. La nota de

lamentación persistió, pero su tono y su premura variaron mucho. Se mitigó cuando las realidades materiales – como la próspera vida diaspórica de ciertas comunidades judías en Bagdad o Córdoba, y de armenios en Estambul, Tbilisi o Ispahán – la acallaron, o en situaciones extrañas donde una mezcla de inmigrantes y diáspóricos de hecho fundó un nuevo Estado en una tierra que les había sido ajena⁵ [...]. (TÖLÖLYAN, 2011b, p.60).

Como podemos ver no excerto acima, com o tempo, o sentido da diáspora se encheu dos sofrimentos que acompanham muitos tipos de exílio, principalmente com a produção de uma literatura de lamentação que se (re)produziu entre várias comunidades de judeus dispersos pelo mundo, principalmente pela Península Ibérica.

Outra característica das culturas judaicas exiladas nesta região durante os séculos XI e XII foi, além da recuperação da liturgia dos antepassados, mantendo pelos bons auspícios da liberdade religiosa o culto à fé de Abraão, a penetração de elementos oriundos de outras culturas, tais como: a filosofia, a matemática e a medicina árabe e o lirismo cristão, criando, assim, uma originalíssima literatura hebraico-espanhola. Essa convivência se deu até a contrarreforma quando, expulsos em 1492, e acossados dos limites da Europa, os judeus se retirariam por outros lugares do mundo – principalmente África, Holanda, Itália, Grécia, Rússia e Américas – iniciando uma nova diáspora.

A partir de então, prevaleceu nos estudos da diáspora (e até hoje prevalece em alguns centros de debate) uma definição centrada na experiência traumática dos judeus, baseada numa religião e língua comuns, numa memória coletiva de independência, num desejo de retorno a sua terra natal (*homeland*), aquela prometida pela aliança com Javé.

Partindo dessa experiência em particular, William Safran (2011, p. 32) aponta algumas características constitutivas dos povos diaspóricos. São elas: 1) tenham sido dispersados de um ‘centro’ específico para duas ou mais regiões ‘periféricas’; 2)

⁵ “Com o tempo, o conceito de diáspora se encheu com o sofrimento que acompanha muitos tipos de exílio. A dor e o significado específicos do sofrimento judío na diáspora se fundiram – sobretudo na imaginação literária – com a dor que desde Ovídio até Dante e mais além sentiram e expressaram os laicos de outros povos como resposta ao exílio individual. Por conseguinte, uma definição de “diáspora” surgiu implicitamente do uso consistente e perdurou em uma literatura de lamentação que se produziu entre os judeus e, mil anos depois, entre os armênios. A nota de lamentação persistiu, mas seu tom e sua urgência variaram muito. Se mitigou quando as realidades materiais – como a próspera vida diaspórica de certas comunidades judias em Bagdá ou Córdoba, e de armênios em Istambul, Tbilisi ou Ispahã – a silenciaram, ou em situações estranhas onde uma mescla de imigrantes e diáspóricos de fato fundou um novo Estado numa terra que lhes havia sido alheia [...]”

conservam uma memória coletiva, visão ou mito acerca de sua pátria; 3) crêem que não são – ou talvez não possam ser – totalmente aceitos na sociedade anfitriã; 4) vêem sua pátria ancestral como seu verdadeiro lugar ideal e para onde retornarão quando chegar a hora certa; 5) crêem que estão empenhados na conservação ou restauração de sua pátria original, sua segurança e prosperidade; 6) continuam relacionando-se pessoal e indiretamente com essa pátria de alguma maneira.

Assim, longe espaço e temporalmente de seus lugares de origem e em terra estranha, os povos diásporizados são, portanto, deslocados, marginalizados em relação ao lugar que estão e do qual vieram, habitam o entre-lugar das margens de uma cultura e de outra, das relações de poder e autoridade de uma e de outra.

Nesta fusão entre culturas, estes sujeitos estão imersos, nas palavras de Clifford (1994, p.311), “(...) in a lived tension, the experiences of separation and entanglement, of living here and remembering/desiring another place”⁶. Lembrar e desejar lugares que não são os mesmos e nem necessariamente geográficos, mas apontam para o pertencimento a uma cultura, a um povo. Assim, enquanto essas recordações se projetam para um ponto de origem, uma terra natal (*homeland*), o desejo se projeta para outro lugar de acolhimento, o desejo de um lar (*homing desire*).

No entanto, essa noção de *homeland*, isto é, de um lugar que é nostalgicamente percebido como o local de origem para o qual se deseja retornar, deve ser pensada com cautela. De acordo com Anh Hua (2005, p.195), essa interpretação romântica muitas vezes ignora a experiência sofrida de determinados povos em seus locais de origem – e a África com seus inúmeros conflitos é um bom exemplo. Além disso, é possível que no reencontro com seu lugar de origem, uma insatisfação pode surgir no sujeito diaspórico com relação a esses locais e as mudanças ocorridas durante o fluxo migratório. Isso porque “one may cultivate a memory of an idealized homeland that has nothing to do with contemporary history, or one may pretend that the homeland has not changed.”⁷ (RADHAKRISHNAN *apud* HUA, *op. cit.* p.196).

⁶ “numa tensão vivida, as experiências de separação e entrelaçamento, de viver aqui e lembrar/desejar outro lugar.”

⁷ “o sujeito pode cultivar uma memória de uma terra natal idealizada que não tem nada a ver com a história contemporânea, ou pode ainda fingir que a terra natal não mudou.”

Dessa forma, apesar de reconhecermos a importância da definição de Safran a partir das características citadas anteriormente, uma vez que sem elas seria mais difícil identificar e estabelecer comparações entre os vários grupos diaspóricos, seu conceito está intimamente relacionado com a “experiência ideal dos judeus” e, por isso, não consegue abarcar outros grupos “dispersados” de seus locais de origem – como, por exemplo, as diásporas africanas, a armênia, a cigana, a indiana, a chinesa, o leste europeu e aquelas que se estabelecem entre os vários outros lugares do mundo. Isso porque, contrário a alguns dos aspectos destacados por Safran como característicos das diásporas, nem todos os grupos são formados a partir de uma experiência violenta em seus lugares de origem; muitos, quando voltam, não estão empenhados na conservação ou restauração de sua pátria; nem todos querem voltar para esses lugares por inúmeros motivos; muitos não têm uma casa para voltar e, por muitas vezes, ela não é um lugar acolhedor com o qual possam se identificar política, cultural, ideológica, social e afetivamente.

2.2 Diáspora, êxodo e exílio

O termo diáspora compartilha significados com um domínio semântico mais amplo, incluindo palavras como: imigrante, refugiado, desapropriação, desterritorialização, deslocamento, exílio, nostalgia, memória, comunidade no estrangeiro, comunidade étnica, entre outras que se tornaram palavras-chave para a noção das diásporas contemporâneas, e termos como hibridismo, transnacional, identidade cultural e fronteiras também desempenham um papel significativo na identificação de temas diaspóricos.

Segundo Khachig Tölölyan, atualmente, diáspora é apenas um dos termos utilizados para designar as várias formas de dispersão e mobilidade de sujeitos e comunidades entre territórios, compreendendo um cenário semântico mais amplo. Segundo o autor (2011a, p.5):

Other forms of mobility and dispersion include migration intended to acquire education, jobs, land, settlement, new citizenship, or a combination thereof; there are also mobile traders and itinerant laborers who circulate between homeland and extraterritorial

opportunities; there are victims of mass deportations, refugees and asylum seekers – some choose mobility, others have it thrust upon them; some are uprooted, others uproot themselves. Some eventually return home, many are assimilated, and the remainder may become consolidated into diaspora communities⁸.

Dois termos sempre presentes nas discussões sobre a diáspora são o êxodo e o exílio. Em sua tese sobre a melancolia na diáspora portuguesa, Zuleide Duarte (1999, p.26) distingue entre as formas da seguinte maneira: a primeira, partida representada pela atitude voluntária do emigrante; a segunda, do latim *ex-ilium*, por sua vez, saída forçada em que o sujeito é obrigado a deixar a sua pátria, seu lugar de origem, muitas vezes como uma forma de condenação onde o sujeito não tinha o direito de escolher o lugar onde exilar-se, pois se assinava a ele uma residência obrigatória.

A narrativa mais antiga e conhecida sobre o êxodo, que em grego significa “via (de saída)”, “caminho”, é a do segundo livro do Antigo Testamento e do Pentateuco, logo após o livro do Gênesis. Segundo a tradição hebraico-cristã, sua autoria é atribuída ao profeta Moisés, e relata como este conduziu os israelitas do cativeiro do Egito pelo deserto por quarenta anos até a chegada na terra prometida e o estabelecimento da aliança entre Javé e seu povo. Neste sentido, o livro do Êxodo marca o nascimento do povo de Israel, da sua fé e a importância da memória de sua saída do Egito⁹.

Durante a Idade Média, com o incentivo do comércio e o surgimento e desenvolvimento das cidades, o êxodo provocou a migração das populações camponesas para os novos centros urbanos. Outras formas de êxodo ficaram conhecidas a partir do século XVIII, com as revoluções industriais, onde grande parte da população rural migrou para os grandes centros urbanos em busca de melhores condições de vida. Esse movimento causou no ocidente a inversão no número de habitantes das áreas rurais, antes maioria, e urbanas. Essas

⁸ “Outras formas de mobilidade e dispersão incluem a migração na intenção de conseguir educação, empregos, terra, acomodação, nova cidadania ou uma combinação destes; há ainda comerciantes móveis e trabalhadores itinerantes que circulam entre a pátria e oportunidades extraterritoriais; há as vítimas de deportação em massa, refugiados e quem procure asilo – alguns escolhem a mobilidade, outros a têm imposta a si; alguns são arrancados, outros se arrancam a si mesmos. Alguns eventualmente voltam pra casa, muitos são assimilados, e o restante pode se consolidar nas comunidades diaspóricas.”

⁹ Sobre o lugar do tema do Êxodo tanto no Novo quanto no Velho Testamento, ver Monloubou & Du Buit, *Dicionário Bíblico Universal*.

transformações causaram uma profunda mudança nas cidades, grandes centros do poder, por medo da quebra da ordem social e econômica.

Desde a primeira fase de expansão rápida, [...] houve um esforço prolongado por parte das classes dominantes no sentido de conter o crescimento de Londres e, particularmente, impedir que os pobres se instalassem na cidade. [...] Os pobres e vagabundos, vítimas de uma economia em transformação, ou as pessoas ambiciosas ou em dificuldades financeiras que procuravam em Londres uma alternativa para a ausência de perspectivas, eram os alvos expressos das leis excludentes. No entanto, as transformações gerais do período eram de tal ordem que a exclusão tornava-se impossível. Além dos séquitos dos criados, milhares de outros migrantes chegavam à cidade, e o principal resultado das restrições foi uma onda prolongada de construção e adaptação de imóveis dentro dos limites legais, gerando habitações superlotadas e perigosas: labirintos e becos para as populações pobres. [...] Como acontece tantas vezes, a classe dominante queria desfrutar as vantagens de um processo de transformação que ela própria estava promovendo e, ao mesmo tempo, controlar ou suprimir suas consequências indesejáveis, porém inevitáveis. (WILLIAMS, 1990, p.203-4).

No Brasil, a onda de fluxo migratório se dá em vários momentos e motivos, principalmente a partir do século XIX: a seca do Nordeste, o ciclo e exportação da borracha em Manaus, a construção de Brasília, a industrialização do centro-sul brasileiro. De acordo com o censo realizado em 2010, estima-se que mais de oitenta por cento da população nacional viva em grandes centros urbanos¹⁰, o que não difere muitos de outros países do mundo.

O outro termo, a saber, o exílio, também está intimamente ligado aos demais temas da desterritorialização, isto é, da diáspora. De acordo com o estudo de Maria José Queiroz sobre a literatura do exílio, a condição de exilado remonta ao ano 2000 a.C., quando um imperador egípcio baniu um cidadão chamado Sinuhe. De acordo com a pesquisadora (1998, p.20), nos papiros encontrados havia a opinião do exilado sobre sua punição aplicada severamente por força das leis, dizendo: “ir para o exílio não estava escrito na minha mente nem no meu coração. Eu me arranquei por força do solo onde estava”.

Desde as primeiras páginas do livro do Gênesis o exílio está presente. É só

¹⁰ Segundo dados do censo realizado em 2010 pelo IBGE, o Brasil tem, aproximadamente, 190 milhões de habitantes. Desses, 160 milhões moram em áreas consideradas urbanas; e 30 milhões, em áreas rurais. Disponível em: <<http://7a12.ibge.gov.br/vamos-conhecer-o-brasil/nosso-povo/caracteristicas-da-populacao>>.

lembrarmos da narrativa de Adão e Eva expulsos do Paraíso, o exílio forçado de Caim, Noé errando em sua arca durante o dilúvio, o exílio voluntário de Jesus no deserto, entre outros. No entanto, para além de uma experiência de ruptura e de renúncia, o exílio implica também sutura, reconstrução. Tomando como base para explicação alguns dos exemplos citados anteriormente, a partir deles há não só a quebra da aliança com o divino, mas também seu recomeço e reconstrução: Adão e Eva são expulsos do Paraíso, mas seu exílio faz surgir a humanidade; Caim é expulso e condenado à maldição infernal de errar pela terra, mas, segundo a narrativa de tradição javista, torna-se construtor de uma cidade e dá a esta o nome de seu filho, Henoc, continuando sua linhagem; Noé é escolhido para iniciar uma nova aliança com Javé após o dilúvio; e assim sucessivamente. Para cada ruptura há sempre um recomeço, uma nova aliança, no caso das narrativas bíblicas.

Enquanto povo exilado, os judeus sujeitaram-se a regimes diversos: alguns foram escravizados, outros feitos prisioneiros, enquanto a maioria conseguiu manter sua liberdade. Estes últimos procuravam não se misturar com outros povos, formando grupos homogêneos, cada qual com um chefe reconhecido pelas autoridades do país em que estavam fixados, fortalecendo o sentimento nacional e o sentimento de que voltariam à Jerusalém. No entanto, de agricultores a comerciantes, os judeus acabaram por atenuar a vivacidade desse sentimento, e aos poucos enfraquecendo a resistência acabariam por adotar nomes babilônicos; mudar o calendário judaico pelo babilônico; e o hebraico é progressivamente abandonado e substituído pelo aramaico, língua falada na Babilônia (MONLOUBOU; DU BUIT, 1996, p. 273).

Nesse sentido, os exílios configuram uma ideologia, seja ela religiosa, mítica, política, econômica ou social. E em todos o resgate do imaginário do *homeland* procura, através de um ato fundador, sob novo céu, recompor a célula doméstico-familiar, ou seja, a *Terra Mater* de onde foram retirados por forças diversas.

2.3 Uma ponta de Nostalgia

Durante o século XVII, o médico suíço Johannes Hoffer (Basiléia, 1678) apresentou uma tese sobre uma doença ainda sem diagnóstico nos tratados e

manuais de patologia da época. Seus sintomas físicos e mentais eram caracterizados por: tristeza abrumadora que levava muitos, principalmente jovens soldados convocados a força para servir na guerra, a uma profunda depressão, a definhar até a morte e um desejo doloroso de querer voltar para casa. Além da enorme tristeza, quem era acometido desse mal também apresentava insônia, falta de apetite, febre, apatia, e suspirosas lembranças do lar distante. Contudo, o jovem médico germânico observou também que, quando voltavam aos seus lugares de origem, milagrosamente se curavam, para espanto de todos, incluindo os incrédulos médicos. Sua conclusão foi a de que os pacientes sofriam do “mal do exílio”, popularmente conhecido por *Heimweh* na Suíça, equivalente à *maladie du pays* na França, e ao *mal de corazón* entre os espanhóis.

De remotíssima presença nos escritos e depoimentos de quantos cruzaram mares, correram terras e se ausentaram da pátria, ou apenas do lar, fossem viajantes, aventureiros, marinheiros, conquistadores ou colonizadores, proscritos, deportados ou exilados, a nostalgia chega, afinal, ao léxico românico. Introduzindo na terminologia médica, após definição científica e enunciação sintomatológica, o termo passa a nomear o traço mais característico do “mal do exílio”: a dor de querer voltar pra casa. Ou, no jargão da época, “a dolorosa obsessão do retorno”. Conformando-se aos étimos gregos – *algos*, dor; *nostos*, volta –, o vocábulo expressa, à maravilha, o diagnóstico inédito. Inédito e original. (QUEIROZ, 1998, p. 35).

Em fins do século XVIII, já integrando os manuais clínicos da época, a nostalgia era reconhecida como uma enfermidade recorrente e descrita em vários países da Europa. Assim, ela foi listada nos tratados sobre as moléstias mentais do período como uma variedade da “loucura patética” (*pathetic insanity*) chamada “loucura nostálgica” (*nostalgic insanity*), que levava à apatia e desinteressa pela vida. (ODA, 2007, p.358).

Nos séculos seguintes, outros estudos foram desenvolvidos sobre o tema, principalmente em casos ocorridos entre jovens soldados recrutados forçadamente, tornando-se objeto de especial interesse entre os médicos militares. A respeito disso, J. G. Zimmerman, médico suíço, publica em 1764 uma coleção de casos recolhidos entre soldados de vários países europeus, assinalando que os brutais

métodos de recrutamento contribuíram significativamente para o surgimento da nostalgia.

Philippe Pinel, importante alienista cujas obras marcam a configuração do campo da medicina mental durante o século XIX, considerava a nostalgia um mal que afligia todos os seres que respiravam e provavam da necessidade de rever a terra natal, dos animais ao homem selvagem, e deste ao civilizado (ODA, 2008, p.743). Assim, caracterizada pela necessidade imperiosa que provam os que sofrem por ela atingidos de retornar ao seu país, a nostalgia causava tormentos de aflição e outros sintomas graves a quem este desejo lhes era recusado, aproximando-se da melancolia, do *spleen*, e conseqüentemente levando ao suicídio.

Quanto ao seu tratamento, segundo Pinel, os casos mais “simples” de nostalgia deveriam ser tratados a partir de meios que despertassem a alegria no doente, conforme a lógica de balancear as paixões humanas – jogos, diversões, qualquer entretenimento ou ocupação agradável que desejasse. Nos casos mais graves, no entanto, o único remédio eficaz era o retorno do enfermo a seu anelado país.

Guardando íntima ligação com o conceito que circulava na cultura popular, o quadro clínico dos “males da ausência” se espalha geograficamente, principalmente, através da sua reelaboração como *tropo* pela literatura romântica. Assim, a partir do século XIX, a concepção psicossomática da nostalgia torna-se cada vez mais ausente da literatura médica – isso porque uma vez quebrada a solidão, muitos pacientes acometidos do famoso mal se recuperavam¹¹ – e mais próxima do lirismo sentimental típico dos românticos: seus tons, métricas, e ritmos; seu sotaque, a mímica e a dicção tornar-se-ão símbolos dolorosos na evasão para o país perdido. Assim, para o Romantismo, “a nostalgia pressupõe um olhar onírico em relação ao passado e está em consonância com o ideal de evasão para o sonho romântico (...), tido por alguns críticos como uma forma de escapismo.” (WANDERLEY, 2010, p.243). Esse passado pode, por extensão, relacionar-se espaço-temporalmente com a memória da terra deixada para trás e que permanece intacta até o reencontro no retorno do estrangeiro.

¹¹ Ainda a esse respeito, Queiroz (Cf. 1998, p.37) diz que “os estudos de patologia geral tomavam novo rumo. As investigações orgânicas visavam à determinação de fatores verificáveis. Exatos, sempre que possível. Cientificamente comprováveis e comprovados.”

Na cultura e na literatura grega, a longa permanência fora de casa poderia provocar à pessoa ausente o não reconhecimento pelos parentes e amigos. Isso porque desfigura o sujeito de tal maneira que ele se transforma num irreconhecível forasteiro. Um exemplo clássico é o que acontece com o personagem Ulisses, dos épicos *Ilíada* e *Odisseia*. Seu longo exílio só termina quando, ao voltar para casa, é reconhecido por causa de sua cicatriz¹². No épico, mesmo em face da condição de estrangeiro em trânsito, todos reconhecem que ninguém é feliz senão em casa, isto é, ninguém é feliz fora de sua pátria.

Na cultura helênica, hospitalidade e xenofobia são parte de um comportamento que promove tanto o acolhimento quanto a hostilidade a todos os estrangeiros. A hospitalidade é um preceito divino que devota ao *outsider* o acolhimento e, recebidos pelo anfitrião, partilham comida e bebida oferecida aos demais convivas. Esse código de hospitalidade é profunda e repetidamente invocada por Homero na *Odisséia*. Assim, “ao estrangeiro ou pedinte, soldado ou peregrino, herói ou descendente de heróis em viagem não se negam acolhida nem agasalho” (QUEIROZ, 1998, p.46). Além disso, havia também o temor de que os deuses se disfarçassem de viajante estrangeiro, percorrendo cidades e campos, para observar de perto a impiedade ou justiça dos homens, ou até mesmo aproveitar certos privilégios dos humanos.

Por outro lado, a xenofobia, comportamento largamente difundido na Grécia por volta do final do séc. I a.C. e que se estende ao longo dos séculos seguintes, infringe com os preceitos dos deuses e promove a hostilidade. Todos os estrangeiros em solo helênico eram assassinados junto com suas famílias e escravos e seus bens confiscados e dividido entre o rei, seus denunciadores e seus assassinos. A xenofobia trazia assim grande lucro: incorporava novas terras, dinheiro e poder. “Tudo é permitido: confiscam-lhes os bens, cobram-lhes taxas abusivas, metem-nos a ferros quando não os deportam, torturam e matam. Até nos santuários se faz sentir a animosidade contra os peregrinos oriundos de outros países.” (QUEIROZ, *op.cit.* p. 47-8).

¹² Essa passagem é analisada por Erich Auerbach no capítulo “A cicatriz de Ulisses”, em seu livro *Mimesis*. Nela, o autor aborda textos com características diversas que influenciaram o modo de representação literária da realidade na cultura ocidental.

O certo é que entre acolhidas e rejeições, inúmeros são os casos da literatura mundial em que o exílio e os males da ausência são partes tanto da biografia do autor como de sua obra. Podemos citar autores conhecidos pela cultura ocidental, como: Dante Alighieri, Luís de Camões, Daniel Defoe, Manuel Maria du Bocage, Gonçalves Dias, Tomás Antônio Gonzaga, Fernando Pessoa, Vladimir Nabokov, Marina Tsvetaieva, Anna Akhmatova, Franz Kafka, entre inúmeros outros.

Outra dimensão da nostalgia encontra-se na associação entre a melancolia e a escravidão. A palavra *banzo* foi utilizada para descrever o sentimento de profunda tristeza e desgosto pela vida experimentado pelos negros escravizados, atribuídos à nostalgia da terra de onde foram sequestrados, bem como dos castigos e crueldades que sofriam dos traficantes e senhores de escravos.

Segundo Ana Maria Galdini Raimundo Oda (2008, p.736-737), o verbo *banzar* surge no primeiro dicionário da língua portuguesa, publicado em Coimbra na primeira metade do século XVIII, significando “pasmado com pena”, e *banzeiro*, “inquieto, mal seguro” – metáfora marítima usada geralmente para designar o mar agitado. O substantivo *banzo*, no entanto, parece só ter sido incorporado ao léxico apenas a partir da segunda metade do século XIX significando “uma mortal nostalgia dos escravos africanos transportados ao Brasil”. No entanto, o termo *banzo* já havia sido utilizado no ensaio do luso-brasileiro Luis Antonio de Oliveira Mendes, escrito em 1793, e em pelos menos duas outras obras em língua estrangeira. Para Oliveira Mendes, o *banzo* era uma das principais moléstias de que sofriam os escravos e que só se extinguiu com a morte.

Por outro lado, a partir dos estudos afro-brasileiros nas décadas de 1930-40, o termo tem sua etimologia ligada ao quimbundo *mbanza*¹³, que significa “aldeia” e, por extensão, terra natal, ou o quicongo *mbanzu*, “pensamento”. Aparece também, mesmo que timidamente, nas últimas páginas de um dos mais importantes estudos sobre a formação socioantropológica da cultura brasileira: *Casa-grande & Senzala* (1933), de Gilberto Freyre. Segundo o autor pernambucano (2003, p.552-3), passando da “alegria da vida dos escravos” para suas terríveis enfermidades:

¹³ A esse respeito, o Dicionário Houaiss (2001) afirma ser duvidosa a sua etimologia, vindo, provavelmente, do verbo português banzar.

Houve os que se suicidaram comendo terra, enforcando-se, envenenando-se com ervas e potagens dos mandingueiros. O banzo deu cabo de muitos. O banzo – a saudade da África. Houve os que de tão banzeiros ficaram lesos, idiotas. Não morreram: mas ficaram penando. E sem achar gosto na vida normal – entregando-se a excessos, abusando da aguardente, da maconha, masturbando-se. Doenças africanas seguiram-nos até o Brasil, devastando-os nas senzalas. As boubas e talvez o pião, entre outras. E comunicando-se às vezes aos brancos das casas-grandes. A África também tomou vingança dos maus-tratos recebidos da Europa.

De fato, o banzo é um estado mórbido intimamente ligado à escravidão, à violenta perda da liberdade, aos maus-tratos e injustos castigos recebidos, e que levou muitos negros cativos à morte voluntária, “seja na forma passiva de deixar-se morrer de tristeza, (...) seja por meios ativos, como suicídios, enforcamentos, afogamento, uso de armas brancas etc.” (ODA, 2007, p.347-8). Nesse sentido, a prática do banzo também pode ser considerada como uma das várias formas de resistência ao jugo servil do trabalho escravo na época, assim como a geofagia (ingestão de terra ou barro), greve de fome, o suicídio, o aborto, o infanticídio e o quilombismo. Dessa forma, uma história do banzo remete, necessariamente, a um jogo “de escravos contra senhores, da vida contra a morte, em longa e tensa peleja” (ODA, 2008, p.756).

2.4 Da Diáspora Clássica às Diásporas Contemporâneas

Atualmente o debate gira em torno da chamada diáspora africana, esquecida pela história e resgatada recentemente com o surgimento dos Estudos Culturais, a partir da década de 60, e dos Estudos Pós-coloniais, fim da década de 80. E cada vez mais ela tem sido posicionada, política e ideologicamente, dentro dos contextos sobrepostos das travessias ultramarinas, revelando, nas suas mútuas relações, a interconexão dos povos africanos e seus descendentes através dos continentes.

Fenômeno sociocultural e histórico marcado pela imigração forçada durante o período da escravidão mercantil, e suas consequências, a diáspora africana teve início por volta dos séculos XV e XVI, durante o comércio de escravos¹⁴ através do

¹⁴ Não há um número exato sobre o holocausto africano, até porque os estudos se preocupam mais em registrar quantos africanos chegaram ao novo mundo, negligenciando quantos morreram em ataques, diversas

atlântico para suprir as necessidades mercantis e econômicas das novas colônias, e que, de alguma forma, dura até os tempos presentes.

Durante o século XV, as conquistas ultramarinas, promovidas pelas grandes navegações, impulsionaram cada vez mais a necessidade dos impérios europeus de obter grandes quantidades de minérios preciosos e da expansão do próprio comércio. Com a ampliação do comércio com a Ásia e a diversificação dos produtos de consumo vendidos na Europa — especiarias e tecidos vindas do oriente —, muitos comerciantes acumularam enormes fortunas. Mais tarde, algumas regiões se lançam no Atlântico na busca por outras rotas mercantis e o “achamento” de novas regiões ricas em matérias de exploração — fossem elas minerais, animais ou, um pouco mais tarde, humanas.

A partir do domínio das regiões africanas colonizadas e da necessidade de mão-de-obra barata nas terras do novo mundo nas *plantations*, a escravidão dos negros africanos movimentava e alimentava o ciclo econômico das potências europeias. Entre os séculos XVI e XIX, estima-se que, com a escravidão, mais ou menos entre 15 e 20 milhões de negros foram escravizados e enviados para terras além do Atlântico, na maioria para colônias portuguesas, inglesas, francesas e holandesas. Apenas no século XIX o comércio de escravos tornou-se uma atividade ilegal e foi reduzindo o número de escravos trazidos e de navios negreiros.

Hoje o período mais recente da globalização provoca e permite o movimento de pessoas, entre culturas. Sua história, no entanto, remonta ao surgimento do sistema de trocas do século XV, entre a Europa e os centros comerciais da África e, principalmente, da Ásia. Estas novas formas de diáspora oriundas desse longo processo, alguns estudiosos denominam de “diáspora contemporânea” para opor-se à “diáspora histórica”. Ou seja, enquanto esta designava, tradicionalmente, uma

fatalidades nos navios, mortes causadas por doenças trazidas pelos europeus, vítimas das consequências da escravidão, traumas, bem como o número daqueles que chegaram em navios piratas e, por motivos óbvios, não têm seus números computados. No entanto, estima-se que, aproximadamente, entre 9 e 12 milhões sobreviveram às precárias condições de transporte e chegaram aos seus destinos para servir como mão-de-obra escrava. No entanto, no Brasil, em 1890, o então Ministro da Fazenda Ruy Barbosa mandou queimar os livros de matrículas de escravos existentes nos cartórios das comarcas e registro de posse e movimentação patrimonial envolvendo todos os escravos, alegando querer apagar a mancha da escravidão do passado colonial brasileiro e, talvez o motivo mais forte, eliminar os comprovantes de natureza fiscal que pudessem ser utilizados pelos ex-escravocratas para pleitear uma indenização junto à recém criada República Federativa do Brasil. Talvez dados mais precisos sobre o número de escravos no Brasil até a promulgação da Lei Áurea poderiam ser obtidos caso os documentos não tivessem sido destruídos.

terra, portanto, um lugar de origem, aquela, atualmente, significa muito mais uma encruzilhada entre “lugares, tempos, culturas, epistemes” (WALTER, 2009, p.43).

A principal consequência desses movimentos migratórios forçados é o deslocamento de milhões de pessoas, temporariamente ou permanentemente de seus locais de origem. O comércio atlântico e, mais tarde, a colonização, de caráter predador e destrutivo, são precursores da mais recente globalização. Ela tem efeitos sobre as diferentes formas de participação na sociedade e, por isso, não é linear e muito menos isenta de contradições que mantêm a assimetria econômico-social entre as várias regiões do globo, nações e culturas.

Entender esse paradoxo do pertencimento e suas formas, atravessando diversas fronteiras étnicas, culturais, raciais e de gêneros, revelam experiências de vida que não sucumbem às marcas do binarismo clássico, como Preto/Branco, ou de muitos identificadores nacionais dos quais as identidades diaspóricas tendem ser excluídas. Como alerta Khalid Koser (2003), existe um perigo de enxergar estas formas sociais meramente em relação a uma moeda local racial e ideal de origem, reduzindo, desse modo, o âmbito e a complexa dimensão de novas diásporas africanas.

Para Gilroy (1994), heurísticamente, o Atlântico Negro configura-se numa formação transcultural, internacional, e que, por isso, por oferecer “uma alternativa ao pensamento da origem única e do pertencimento cultural estável” (WALTER, *op. cit.*, p. 47), permite um diálogo mais profundo sobre a questão da diferença.

A existência diaspórica, portanto, designa um entre-lugar caracterizado pela desterritorialização e reterritorialização, bem como pela implícita tensão entre a vida e a memória e o desejo pelo lá. [...] Membros de uma diáspora habitam línguas, histórias e identidade que mudam constantemente. São tradutores culturais cujas passagens fronteiriças minam limites estáveis e fixos, que reescrevem o passado e as tradições num processo de reinscrição contínua; um recontar que mina autenticidades e problematiza os interstícios sombreados pelo discurso oficial. A casa-lar que a diáspora constrói, além de ser um entre-*topos*, existe também em um entre-*cronos*: entre um passado perdido, um presente não-integrado e um futuro desejado e diferido. (WALTER, *op. cit.*, p.43-4).

Nesse sentido, entender as formações diaspóricas pode ajudar a melhor compreender a relocação e as novas configurações comunitárias daqueles que estiveram sob a tutela da opressão e colonização, assim como aqueles que são forçados a, ou escolhem, a ficar longe de suas casas (HUA, 2005). Tanto que palavras como desapropriação, exílio, deslocamento tornaram-se palavras-chave para a noção de diásporas contemporâneas, e termos como hibridismo, transnacional, identidade cultural e fronteiras também desempenham um papel significativo na identificação de temas diaspóricos. Essas palavras sugerem as redes real e imaginária de relações entre os povos espalhados cujo senso de comunidade se sustenta através de formas de contato várias, tais como, parentesco, língua, rituais, entre os novos meios eletrônicos de *mass media*.

Assim, o conceito de diáspora abre novas trilhas críticas para o estudo das identidades culturais, como afirma Stuart Hall (2000, p.31):

The diaspora experience as I intend it here is defined, not by essence of purity, but by the recognition of a necessary heterogeneity and diversity; by a conception of 'identity' which lives with and through, not despite, difference; by *hybridity*. Diaspora identities are those which are constantly producing and reproducing themselves anew, through transformation and difference.¹⁵

São elas, as identidades diaspóricas, que no dizer de Hall (2000, p.31), constantemente se produzem e reproduzem de novo com e através da transformação e de múltiplas diferenças. Essas diferenças, no entanto, não são estruturadas por oposições binárias, mas sim por relações heterogêneas e posicionamentos dinâmicos, conflituosos e complementares, que procuram constantemente minar a hegemonia dos discursos oficiais.

Como os dias atuais são marcados pela mobilidade social, pelo desenraizamento geográfico, as diásporas são processos históricos vinculados aos processos e dinâmicas do capitalismo global e da interação complexa de relações

¹⁵ "A experiência diaspórica, a meu ver, é definida, não por essência ou pureza, mas pelo reconhecimento de uma heterogeneidade e diversidade necessária; por uma concepção de 'identidade' que vive não apesar, mas com e através da diferença; por *hibridismo*. As identidades diaspóricas são aquelas que constantemente se reproduzem e reproduzem novamente através da transformação e da diferença."

de poder dentro e entre nações de origem e fixação. Segundo Khalid Koser (2003, p. xvii):

The tumultuous patterns of social, cultural and economic dislocations of global capitalism and the complex interplay of power relations in and across nation-states has often been associated with the creation of vast interconnected global systems of cultural, economic and social relations and the decentering of the people, objects and ideas that move across the 'hypermodernity' of late capitalism. [...] Images of disjunction and the proliferation of identities in motion replace 'essential' markers of identity and boundary. The figure most commonly associated with the borderlands and interstitial zones of this world, caught between at times reconfigured national spaces, are the migrant, of diaspora communities.¹⁶

Durante as décadas de 30 e 60-70, respectivamente, após os movimentos de Negritude e o Pan-Africanismo, os sujeitos da diáspora tornaram-se mais conscientes de suas formações múltiplas desenraizadas espaço-temporalmente. Assim, as novas diásporas africanas são, cada uma delas, redes globais dinâmicas, entrelaçadas e interdependentes

of whose localized constituencies are also sensitive to and impacted by the particular nation-states of which they are a part, i.e. the French-African diaspora, the Brazilian-African diaspora, the Canadian-African diaspora, the American-African diaspora, the English-African diaspora and so on.¹⁷ (IFEKWUNIGWE, 2003, p.58).

Nesse sentido, os movimentos sociais e intelectuais de manifestação e contestação política e cultural da década de 1960 contribuíram para deslegitimar, questionar e enfrentar a ideia hegemônica do Ocidente. Também a globalização, em sua configuração mais recente, foi crucial para a reavaliação das identidades, uma

¹⁶ "Os padrões tumultuosos de deslocamentos sociais, culturais e econômicos do capitalismo global e da interação complexa de relações de poder dentro e entre Estados-nação tem sido frequentemente associado com a criação de vastos sistemas globais de relações culturais, econômicas e sociais interligados e do descentramento do pessoas, objetos e ideias que se movem através da 'hipermodernidade' do capitalismo tardio. [...] Imagens de disjunção e a proliferação de identidades em movimento substituem marcadores 'essenciais' de identidade e de fronteira. A figura mais comumente associado com as fronteiras e zonas intersticiais deste mundo, às vezes presos entre espaços nacionais reconfigurados, são o migrante, das comunidades da diáspora."

¹⁷ "de cujos eleitorados locais também são sensíveis e impactados pelos estados-nações particulares dos quais fazem parte, ou seja, a diáspora Afro-Francesa, a diáspora Afro-Brasileira, a diáspora Afro-Canadense, a diáspora Afro-Americana, a diáspora Afro-Inglesa, e assim por diante."

vez que “representa uma certa forma de interconexão e interpenetração entre regiões, estados nacionais e comunidades locais (...), ela também se faz acompanhar por uma potencialização da demanda por singularidade e espaço para a diferença” (BURITY, 2001, p.2). Isso se dá pois, apesar de não ser um fenômeno novo, os processos globalizantes mais recentes, associados às tecnologias cada vez mais sofisticadas, são desterritorializantes, no sentido que, ao implicarem na mobilização de pessoas, bens e informações – milhões de pessoas se deslocam entre cidades, regiões ou países em função das oportunidades oferecidas associadas ou não às dificuldades que enfrentam em seu local de origem; da mesma forma que se transferem bens e informações – levam a um afrouxamento dos laços entre as culturas e os “lugares” (Cf. HALL, 2006).

Dessa maneira, as diásporas contemporâneas podem ser caracterizadas por sua heterogeneidade social, cultural, política e histórica. Enquanto movimentos marcados pela mobilidade social e pelo desenraizamento geográfico, são processos históricos vinculados aos processos e dinâmicas do capitalismo global, dos efeitos do pós-colonialismo (ou neocolonialismo¹⁸) e da interação complexa de relações de poder dentro e entre lugares de origem e fixação.

A respeito dessas configurações, Stuart Hall (2006a) diz que a nova fase de globalização, posterior aos anos setenta, está profundamente enraizada nas disparidades estruturais de riqueza e poder, a níveis mais globais e associados a: interesses corporativos transnacionais; desregulamentação dos mercados mundiais; e fluxo global de capital, tecnologias e sistemas de comunicação que transcendem e tiram de cena o velho marco do conceito de Estado-Nação. Nos moldes atuais, a globalização não permite ao Estado o reconhecimento da cidadania para todos porque num mundo globalizado o indivíduo tem cada vez menos espaço de expressão, suplantado pela massa a qual é considerado pertencente. Seus desejos não são mais seus, são os do mercado consumidor com o seu perfil.

¹⁸ Para Shohat & Stam, a comparação entre os termos pós-colonial, pós-independência e neocolonial faz toda a diferença, uma vez que, como “pós” significa “depois”, o prefixo inibe as importantes articulações que se pode fazer com o neocolonialismo; também porque a independência formal nem sempre significa a libertação das estruturas hegemônicas e arcabouços conceituais gerados no período colonial. No entanto, o termo neocolonial indica o surgimento do colonialismo sob outros disfarces, enfatiza a repetição com diferença: designa uma hegemonia geoeconômica. (Cf. SHOHAT & STAM, 2006, p. 37-88). Stuart Hall (2006b, p.56) também não diminui a compreensão do pós-colonial em “antes” e “depois”, mas a passagem de uma configuração ou conjuntura histórica de poder para outros.

Desse mesmo modo, pensando a partir de uma perspectiva diaspórica de uma cultura que subverte os modelos tradicionais baseados pelo conceito de nação, a chamada globalização cultural torna-se, em verdade, um elemento desterritorializado. Ou seja, apesar de ter uma cartografia 'localizável', não é tão fácil encontrar sua origem, uma vez que são processos de (re)construção identitária que funcionam em um marco espaço-temporal diferente dos tradicionais.

Nesse sentido, compreender a diáspora denota um predicamento de múltiplos lugares e os sujeitos diaspóricos são versões distintas da experiência moderna, transnacional e intercultural. Historicizada deste modo, o conceito de diáspora pode converter-se no principal *tropo* ou figura para as identidades modernas, complexas e posicionais, que são cruzadas transversalmente e deslocadas pela raça, pelo sexo, pelo gênero, pela classe social, e pela cultura, isto é, por "formas geo-políticas e geo-culturais de vida que são resultantes da interação entre sistemas comunicativos e contextos que elas não só incorporam, mas também modificam e transcendem" (GILROY, 2001, p. 25). A diáspora deve relacionar-se com determinados processos culturais de construção das identidades pós-modernas.

[...] é importante ver essa perspectiva diaspórica da cultura como uma subversão dos modelos culturais tradicionais orientados para a nação. Como outros processos globalizantes, a globalização cultural é desterritorializante em seus efeitos. Suas compreensões espaço-temporais, impulsionadas pelas novas tecnologias, afrouxam os laços entre cultura e o "lugar". Disjunturas patentes de tempo e espaço são abruptamente convocadas, sem obliterar seus ritmos e tempos diferenciais. As culturas, é claro, têm seus "locais". Porém, não é mais tão fácil dizer de onde elas se originam. O que podemos mapear é mais semelhante a um processo de repetição-com-diferença, ou de reciprocidade-sem-começo. (HALL, 2003, p.36-7).

Nesse sentido, a metáfora frequentemente usada das identidades enquanto raízes dá lugar à condição fronteira de fragmentação, raízes moventes e rizomas (trans)nacionais escolhidas ou impostas por diversos motivos. As identidades culturais são parte de processos transitórios e fugazes de identificação, e que têm por suposto o individual e o coletivo, a tradição e a modernidade.

2.5 Fronteiras e Espaços Diaspóricos

De acordo com Sheffer (*apud* KOSER, 2003, p.3), “modern diasporas are ethnic minority groups of migrant origins residing and acting in host countries but maintaining strong sentimental and material links with their countries of origin – their homelands”¹⁹. No entanto, como forma de complementação do pensamento do autor, Anh Hua (2005, p.194) alerta que é crucial lembrarmos sempre que, ao se teorizar a diáspora, não podemos separá-la de suas especificidades histórica e cultural, isto é, é necessário distinguir entre as várias formações diaspóricas²⁰. Isso porque alguns discursos diaspóricos tendem a homogeneizar a diferença e a multiplicidade e omitir as lutas de poder dentro de um determinado grupo a fim de formar o que Paul Gilroy (1994) chama de “absolutismo étnico”. Assim, a vida de indivíduos diaspóricos não transcende as diferenças binárias de gênero, sexualidade, raça e classe, nem tão pouco o conceito pode sustentar-se sozinho numa análise separada das outras categorias interrelacionais, ou seja, sem uma relação crítica com outros temas e áreas do conhecimento.

Todas as diásporas são espaços heterogêneos e de contestação que devem ser entendidos como enraizados numa compreensão multiaxial de poder²¹. Diáspora é sempre uma perspectiva múltipla de descontinuidade espaço-temporal. Teorizar sobre a diáspora é, de acordo com Paul Gilroy (1994), compreender, de maneira heterogênea, seus processos de crioulização, sincretização e hibridização²².

¹⁹ “Diásporas modernas são grupos étnicos minoritários de origens migrantes residentes e atuando nos países de acolhimento, mas mantendo fortes ligações sentimentais e materiais com seus países de origem – sua terra natal.”

²⁰ Aqui os autores falam sobre diásporas históricas e diásporas contemporâneas para diferenciar a dispersão do povo judeu das novas formas de dispersão iniciadas com a expansão colonial no século XV e impulsionada pela globalização, no século XX. Além disso, as diásporas diferem entre si em seus motivos e características e, por isso, é necessário estudá-las em suas especificidades.

²¹ Para Foucault (2000, p.248), o poder não é algo que estaria restrito ao domínio do Estado, mas em constante circulação, seja no âmbito individual, seja no coletivo. “O poder não existe. Quero dizer o seguinte: a idéia de que existe em determinado lugar, ou emanado de um determinado ponto, algo que é um poder, me parece baseada em uma análise enganosa e que, em todo caso, não dá conta de um número considerável de fenômenos. Na realidade o poder é um feixe de relações mais ou menos organizado, mais ou menos piramidalizado, mais ou menos coordenado. Portanto o problema não é de construir uma teoria do poder [...] se poder na realidade é um feixe aberto mais ou menos coordenado (e sem dúvida mal coordenado) de relações, então o único problema é munir-se de princípios de análise que permitam uma analítica das relações de poder”. Assim, o poder é um jogo dialético que permite sua circulação por diferentes grupos e instituições em determinados contextos sócio-históricos.

²² O hibridismo, apesar de pertencer ao campo da biologia e da genética, é atribuído, no campo cultural, ao romancista indiano Salman Rushdie, que em seu romance *Os Versos Satânicos* celebra as novas e inesperadas combinações de seres humanos, culturas, idéias, políticas, isto é, do “excesso cultural”, no dizer de Homi Bhabha (Cf. 2003), que facilita a formação de novas formas de identidade cultural. Já o termo crioulização, inspirado em formulações da sociolinguística a respeito da interação entre as línguas, foi adotado pelo antropólogo sueco Ulf Hannerz no sentido de apreender o sentido das culturas contemporâneas que foram

Voltando ao curso da discussão, a partir da compreensão desse pensamento, isto é, de espaços heterogêneos enraizados numa complexa relação de poder, é que a ideia de diáspora se tornou integral a esse empreendimento dinâmico, descentrado e multi-centrado da pós-modernidade. Quanto mais ampla e flexível a rede em que os membros diaspóricos estão inseridos, “maiores as possibilidades de que diferentes territórios se tornem um trunfo ou um ‘recurso’ na configuração de nossa multiterritorialidade.” (HAESBAERT, 2010, p.354). São elas, isto é, as grandes diásporas, que têm um papel fundamental no mundo contemporâneo multiterritorializado, uma vez que esse movimento – sócio, político, econômico e cultural – provoca múltiplos encontros e choques entre diferentes identidades.

Em seus estudos sobre a diáspora, Anh Hua (2005) se propõe a (re)pensar problematizando as várias versões das narrativas diaspóricas com suas noções fixas de lar, identidade e exílio; o lar enquanto espaço autêntico de pertencimento e o exílio como algo inautêntico e indesejável. Nesse sentido, entre um presente indesejado e um passado remoto mas profundamente presente, diáspora e memória são campos conceituais que se articulam através de negociações culturais em diferentes histórias na História. Uma pessoa, por exemplo, pode cultivar a memória de uma terra natal idealizada que não tem absolutamente nada a ver com sua história contemporânea, ou pretender que sua pátria não mudou desde que ela saiu de lá. Segundo Hua, nem sempre o discurso diaspórico remete às noções de saudade e nostalgia: principalmente entre os sujeitos mulheres da diáspora, uma vez que as memórias da terra natal remetem a dolorosa e violenta coleção de atitudes patriarcais, costumes e tradições encontradas em seus lugares de origem. Essas talvez sejam memórias que não deixam saudades da *homeland*.

Robin Cohen, por sua vez, considera que as diásporas – no plural e não no singular – acontecem por diferentes motivações, entre elas estão: a expansão imperial, o comércio, o choque cultural e a necessidade de trabalho, sejam elas legais e ilegais. Assim, ainda de acordo com o autor (*apud* KOSER, 2003), diásporas tornam-se novas formas sociais caracterizadas por relações sociais especiais,

formadas pela conjunção de culturas historicamente separadas. Outro importante teórico que contribuiu significativamente para a conceito de criouliização é o martinicano Édouard Glissant (2005). Para ele, as línguas crioulas são o resultado imprevisível do choque entre diferentes elementos linguísticos completamente diferentes entre si. Por esse movimento complexo de interação sociocultural, a criouliização, segundo o autor, tem conotações de criatividade e riqueza de expressão e no centro das culturas crioulas há sempre uma combinação de diversidade, interconexão e inovação (*apud* TAMBIAH, 2011, p.192).

orientações políticas e estratégias econômicas, como uma forma de consciência que demonstra conhecimento de “multi-localidade”. As diásporas, nesse sentido, têm um novo potencial (e por que não dizer poder?) econômico, social, político e cultural que pode ser exercido “transnacionalmente”.

Essa dimensão fronteiriça da diáspora ao mesmo tempo em que cria barreiras e afasta as identidades culturais através de linhas divisórias de diferenciação, paradoxalmente, as aproxima e as liga enquanto espaços compartilhados. Assim, no dizer de Roland Walter (2009, p.49), a dinâmica dos espaços fronteiriços não se impõe apenas de maneira cultural e político-ideológica, mas também epistemológica, isto é, a partir de uma análise crítica e um olhar interdisciplinar.

As fronteiras e os espaços fronteiriços, portanto, constituem o terreno onde as identidades são vividas e imaginadas, numa interação tensiva de estase cultural (diferença enquanto separação) e transgressão cultural (diversidade enquanto relação). Fronteiras conotam estase cultural ao canalizar a identidade cultural para epistemes nacionalmente identificadas enquanto a transgressão destas fronteiras revela espaços intersticiais onde as diferenças culturais são traduzidas para relações interculturais de pluralidade simbiótica e/ou sintética. Neste sentido, fronteiras e espaços fronteiriços são entidades materiais e símbolos que constituem lugares tanto de poder do Estado repressivo e normalizador, quanto de transgressivas funções e práticas transnacionais e transculturais. Portanto, para poder mapear os fluxos culturais disjuntivos e conjuntivos que passam por e/ou se embatem nas fronteiras geográficas, psicológicas, físicas e culturais, o crítico também deve se colocar acima das fronteiras, mas não trabalhando de maneira homogênea dentro, mas de maneira heterogênea desde uma variedade de fronteiras interdisciplinares. A fronteira e seus entre-espaços, portanto, são conceitualizados tanto para construções político-econômicas, socioculturais, geográficas, psíquicas e metafóricas, quanto como categorias analíticas e posições epistemológicas.

Para Stuart Hall (1998; 2000; 2006), o espaço diaspórico é/está atravessado pelo lugar duplo da crioulização, entre desarticulação e articulação, entre a tradição e sua reescritura na tradução, mais precisamente entre o colonial e o pós-colonial. O espaço da diáspora se transforma, dessa maneira, em espaço de negociação (trans)cultural, onde uma encruzilhada de culturas lutam através de uma rede dinâmica de múltiplas relações de poder.

Aqui merece destaque também o pensamento do filósofo e escritor martinicano Édouard Glissant. Inspirado pela teoria do pensamento rizomático de Deleuze & Guattari, isto é, de um pensamento que vai ao encontro de outras raízes do pensar, da relação, Glissant confronta dois tipos de identidades culturais: a raiz, atávica, que parte do princípio de uma filiação com o objetivo de legitimizar seu lugar no território; e a rizoma, fruto de culturas compósitas, da criouliização, em que “a noção de identidade se realiza em torno das tramas da Relação que compreende o outro como inferência.” (GLISSANT, 2005, p.76).

Em sua tese sobre a criouliização cultural, importante para o estudo das relações transculturais e da diáspora, o autor afirma que o termo supõe a substituição da hierarquia por elementos culturais diversos colocados em presença uns dos outros e equivalentes em valor. Assim, diferentemente de termos como hibridização e mestiçagem, a criouliização “provém do choque, da consumação recíproca de elementos linguísticos de início absolutamente heterogêneos uns aos outros, com um resultante imprevisível.” (GLISSANT, 2005, p.25).

Enquanto espaço de negociação, as diásporas envolvem o discurso não só sobre cultura, mas também tradição e língua, de forma trina e una ao mesmo tempo. Isso porque o indivíduo diasporizado inexistente sem sua cultura, tradições e língua. Por isso, segundo Thomas Bonnici (2012, p.59-60), “a identidade do sujeito, inerentemente ligada à consciência sistêmica da tradição e da língua, se constrói quando o deslocamento se efetiva e se realiza. O deslocamento se torna, portanto, o grande fator na construção do sujeito diaspórico”.

Essa ligação entre as produções literárias do pós-colonial e sua relação com os temas da diáspora é comumente vista em obras que revelam e problematizam as relações nessas zonas de contato entre os sujeitos diaspóricos e o ambiente cultural de um país hegemônico, onde aquele busca pela superação da dominação e da subordinação (re)construir sua identidade. No capítulo de análise veremos como algumas obras em prosa das literaturas africanas de língua portuguesa problematizam tais questões.

De acordo com Avtar Brah (2005), o conceito de diáspora e espaço diaspórico está centrado nas configurações de poder e, por isso, o que está em jogo são os vários processos de “fissura e fusão cultural” que sustentam as novas formas de identidades (trans)culturais. A partir dessas relações, as identidades diaspóricas,

diferentes internamente e entre si, e ao mesmo tempo local e global, são redes de identificações transnacionais englobando comunidades imaginadas e encontradas.

Pensando na relação tríplice entre diáspora, fronteira e as políticas de localização, Avtar Brah, em *Cartographies of diaspora* (2005), diz que o espaço diaspórico se configura na intersecção entre três elementos: diáspora, fronteira e des/locamentos como pontos de confluência de processos econômicos, políticos, culturais e psicológicos. Na intersecção desses elementos estão as configurações de poder que diferenciam as diásporas entre si e as situam em relação às demais.

Assim, para a autora (2005, p.208), o espaço diaspórico

It is where multiple subject positions are juxtaposed, contested, proclaimed or disavowed; where the permitted and the transgressive imperceptibly mingle even while these syncretic forms may be disclaimed in the name of purity and tradition. Here, tradition is itself continually invented even as it may be hailed as originating from the mists of time. What is at stake is the infinite experientiality, the myriad processes of cultural fissure and fusion that underwrite contemporary forms of transcultural identities.²³

Segundo a autora, hoje os movimentos populacionais são definidos contra grande realinhamentos na ordem política mundial. Essa ordem, fruto da nova fase pós-70 da globalização, mesmo enraizada nas disparidades estruturais de riqueza e poder, desenvolve novas formas de operações transnacionais para a exclusão das minorias e centralização do poder nos grandes centros sistêmicos do mercado. Esses processos estão politicamente subordinados a: interesses de grandes empresas multinacionais; desregulamentação dos mercados e do fluxo global do capital; tecnologias e sistemas de informação que abolem a antiga estrutura do Estado-nação.

²³ É onde múltiplas posições de sujeito são justapostas, contestadas, proclamadas ou desmentidas; onde o permitido e o transgressivo imperceptivelmente se misturam, mesmo enquanto essas formas sincréticas podem ser negadas em nome da pureza e tradição. Aqui, a tradição é, em si mesma, continuamente inventada, mesmo quando saudada como proveniente das brumas do tempo. O que está em jogo é a experientialidade infinita, os processos miríades de fissura e fusão culturais que subscrevem as formas contemporâneas de identidades transculturais.

2.6 Literaturas Africanas de Língua Portuguesa e Diáspora

Atualmente as diversas culturas que compartilham da experiência híbrida do mundo globalizado, de identidades culturais não fixas, espaços de encontro e confronto e negociação, entrelaçamento de culturas, emergem em toda parte. Mas ao contrário do que possa pensar o senso comum, tais relações de poder dificilmente simétricas não se configuram pacificamente. Pelo contrário: violentamente se estabelecem em entrelaçamentos de valores, culturas, ideias e combinações num eterno processo de negação, assimilação, revisão e reapropriação cultural. Em sociedades multiétnicas, como é o caso das africanas, essa apropriação se dá a partir da (re)construção e readaptação permanente da cultura, entre as sendas do colonial e do pós-colonial, de maneira especial no caso dos indivíduos (des)enraizados na diáspora.

O termo pós-colonialismo surge diante da crescente visibilidade dos intelectuais terceiro-mundistas como inovadores da crítica cultural, invertendo o olhar eurocêntrico sobre seus antigos territórios. O prefixo “pós” se constitui mais relevante como arquivo ideológico do que mesmo histórico porque, com a independência das colônias, acaba-se historicamente o período colonial, mas as consequências nefastas do colonialismo permanecem deixando marcas profundas tanto nas sociedades independentes quanto nas suas antigas metrópoles.

A diáspora, um dos principais temas dos estudos pós-coloniais, leva ao discurso sobre a cultura, a tradição e a língua, ou seja, sobre a identidade dos sujeitos diasporizados. Segundo Bonnici (2012, p.60), “a identidade do sujeito, inerentemente ligada à consciência sistêmica da tradição e da língua, se constrói quando o deslocamento se efetiva e se realiza”. Nesse sentido, o deslocamento se torna a pedra de toque na construção identitária do sujeito diaspórico. Isso porque a negociação entre o estrangeiro e seu novo lar produz forças para construção de uma impossível ubiquidade, ou seja, o sonho de estar aqui e lá ao mesmo tempo e todo o tempo (Cf. SAYAD, 1996, p.10-12).

Assim, procurando problematizar essas relações, as literaturas pós-coloniais revelam essas zonas de contato em que há “um embate entre o sujeito diaspórico e o ambiente cultural de um país industrializado, frequentemente hegemônico, racista

e objetificador do outro diferente. É nessa superação da dominação e da subordinação que o sujeito diaspórico constrói sua identidade [...]” (BONNICI, 2012, p.60).

E é justamente a partir dessas estratégias de resistência que a África fornece recursos de sobrevivência e histórias alternativas àquelas impostas pelo domínio colonial, seja em suas *homelands*, seja nos espaços da diáspora. A razão para isso, nos diz Hall (2003, p.40-1),

[...] é que a ‘África’ é o significante, a metáfora, para aquela dimensão de nossa sociedade e história que foi maciçamente suprimida, sistematicamente desonrada e incessantemente negada e isso, apesar de tudo que ocorreu, permanece assim. Essa dimensão constitui aquilo que Frantz Fanon denominou “o fato da negritude”. A raça permanece, apesar de tudo, o segredo culposos, o código oculto, o trauma indizível [...].

No caso específico da África lusófona, a experiência da diáspora é tão diversa e heterogênea quanto as demais experiências contemporâneas e passa por inúmeros períodos mais ou menos intensos de migração entre os países do grupo dos PALOP e seu principal destino, Portugal.

Sabe-se que desde o século XV africanos faziam-se presentes em Portugal na condição de escravos. Essa presença é consequência da política expansionista e fruto dos processos de crescimento econômico, o que resultou tanto no desenvolvimento da área urbana da cidade, principalmente as portuárias como Lisboa, quanto do fortalecimento de um poder central e formação de uma crescente burguesia (Cf. GUSMÃO, 2006, p.56).

No que diz respeito à emigração nos países africanos de língua portuguesa, entre o final do século XIX e a II Guerra Mundial, ela era predominantemente de camadas socialmente privilegiadas (comerciantes, funcionários públicos e, principalmente, estudantes). A partir da segunda metade do século XX, após a descolonização nos anos 50 e 60, que aumenta o fluxo de africanos para Portugal, principalmente dos PALOP. Nas primeiras décadas do século XX, já é possível perceber na sociedade a presença de negros oriundos das colônias de ultramar.

Dessa maneira, em pouco tempo, Portugal que era um país predominantemente de emigração passa a ser o destino de fluxos migratórios.

Nessa época, a primeira leva de africanos era em sua maioria de cabo-verdianos sem escolaridade e profissionalmente desqualificados, que constituiu boa parte do número e emigrantes suprimindo as necessidades de mão-de-força da construção civil. A partir da Revolução de 1974 e os processos de independência nas antigas colônias lusas em África – que levaram à luta interna, guerra civil e guerrilha por décadas –, é possível distinguir entre dois tipos de emigração: a) a de refugiados, impulsionada pelas violentas guerras civis em Angola, Guiné-Bissau e Moçambique; b) de trabalhadores indiferenciados, em Cabo Verde e São Tomé e Príncipe.

Após a descolonização, nos anos 50-60, aumentam os fluxos de africanos para Portugal já como parte dos processos migratórios e com isso, ganha maior visibilidade a figura do imigrante africano. Machado (1994) afirma que um fluxo se dá nos anos de 1960, quando cabo-verdianos e outras minorias africanas chegam, e também entre os anos de 1974 e 1975. Na sua maioria originam-se dos PALOP (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa) – ex-colônias. Somente após os anos 1980, africanos de origem não portuguesa chegam ao país. Ainda assim, pode-se afirmar que, em Lisboa, a comunidade africana é numerosa desde o século XVI, embora o fato nem sempre seja lembrado. Segundo Tinhorão, trata-se de uma “presença silenciosa”.

Machado (1994) afirma que num período considerado de dez anos – 1986/1996 – observa-se que 70% dos imigrantes africanos eram dos PALOP, o que fazia com que os africanos legais fossem, só eles, mais da metade do total da população estrangeira. Ainda assim, não era possível se saber o montante de imigrantes ilegais. Estes dados, no final dos anos de 1990 do século XX, marcam a posição singular de Portugal no contexto da União Europeia, como país cujo peso relativo da imigração africana é maior do que outros países membros da UE. (GUSMÃO, 2006, p.57).

Com o deslocamento dos africanos oriundos de países de língua oficial portuguesa, Portugal torna-se um dos principais atrativos aos imigrantes dos PALOP por laços familiares, pela ligação linguística e histórica entre os países o que nos leva a considerar três grandes momentos de migração desde o período da independência na década de 70: 1) marcado pelos retornados, isto é, aqueles indivíduos filhos de migrantes portugueses que nasceram nas colônias africanas e

que, após a independência, insatisfeitos com a situação do país optaram por emigrar; 2), década de 80, coincide com uma época política difícil, com uma sociedade fechada, sem liberdade para muitos; 3) nos anos 90, com a incerteza e instabilidade política das guerras civis em Angola, Guiné-Bissau e Moçambique.

Num dos estudos mais recentes sobre imigrantes dos PALOP em Portugal, Ferreira, Lopes e Mortágua (2008) apontam o surgimento do fluxo migratório a partir dos anos 70 e um crescimento acentuado no fim dos anos 90, chegando mesmo a duplicar no caso específico dos angolanos, por razões externas e internas. Segundo os autores (2008, p.38), uma das razões internas é a de que, em Portugal, “fazia-se sentir no país uma acentuada falta de mão-de-obra no sector secundário – sobretudo na construção civil, nas limpezas e na restauração –, resultante da falta de atractividades destes segmentos do mercado de trabalho para trabalhadores portugueses”. Como razões externas, além da precária oferta de serviços à população, a instabilidade política e social causada pelo conflito militar que se vivia nos PALOP, principalmente em Angola, Guiné e Moçambique.

Nos PALOP, nos últimos 40 anos, o sistema político sofreu várias transformações: desde o desmoronamento do modelo colonial de organização sócio-político-econômica; passando pelo modelo de organização estatal e administrativa da economia no quadro de um regime de partido único; por fim, com o processo de globalização a partir da década de 80, e a queda dos regimes socialistas, transição para economia de mercado e estabilização macroeconômica que se intensifica até os dias atuais. Esse complexo de mudanças aconteceu num quadro de transformações políticas, econômicas e socioculturais mais amplas das quais é possível destacar as mais significativas.

[...] transição de uma estrutura geopolítica-econômica bipolar (bloco socialista versus bloco capitalista) para um sistema multipolar, onde coexistem poderes econômicos e comerciais diversos (EUA, União Europeia, Japão, Estados emergentes, em particular os Estados do Sudoeste asiático e a República Popular da China); desmoronamento do bloco socialista; mudanças políticas na região austral do continente (independência da Namíbia, extinção do regime de minoria branca na África do Sul) e mudanças de regime político e ainda conflitos militares nos países limítrofes (Zaire – República Democrática do Congo); emergência e consolidação dos espaços de integração econômica regional (CEE/UE, Mercosul, SADC, etc.); aceleração do processo de globalização da economia mundial

(aumento dos fluxos comerciais, aumento da importância relativa do capital financeiro, aumento do peso relativo dos serviços na estrutura econômica, deslocalização e flexibilização dos processos produtivos, centralização dos centros de decisão econômica e empresarial, emergência do conhecimento e da informação como factores produtivos, redução da capacidade de controlo e de eficácia dos instrumentos tradicionais ao dispor dos Estados nacionais, crescimento da economia não oficial, aumento das assimetrias no acesso aos rendimentos entre os países mais desenvolvidos e os países/regiões mais pobres), em paralelo com a substituição do paradigma neokeynesiano pelas teses neo-liberais (privatização da economia, liberalização dos mercados, flexibilização dos mercados de trabalho, redefinição do papel do Estado, em particular o seu objectivo de construção do Estado-Providência e o seu papel enquanto agente promotor do desenvolvimento); transformações rápidas e profundas na dimensão sociocultural (revolução nos transportes e nas comunicações, aumento substancial dos fluxos migratórios inter-regionais e intercontinentais, crescimento exponencial da população urbana, alterações significativas dos modelos de organização social e das respectivas instituições (estrutura das famílias, distribuição sexual de papéis sociais), difusão e universalização de padrões e de aspirações de consumo, entre outras. (FERREIRA *et al.*, 2008, p.18)

A gênese dos movimentos de independência desses países está na criação, em 1946, da Casa dos Estudantes do Império – CEI, em Portugal, lugar de encontro onde se origina e organizam a consciência libertadora e, na clandestinidade, são formadas as primeiras organizações políticas de combate ao colonialismo português em África – o MPLA e a FRELIMO foram os principais partidos e Agostinho Neto, Amílcar Cabral, Mário Pinto de Andrade, Alda Espírito Santo estão entre as mais importantes personalidades que passaram por lá.

Na tentativa de suprimir qualquer tipo de revolta contra o regime, calando as insatisfações, e formar os quadros “intelectuais” que governaria as colônias em nome de Portugal, a ditadura salazarista criou um aparato de controle que queria impedir o florescimento de uma identidade territorial, política e cultural, bem como formar na metrópole uma classe de estudantes e intelectuais oriundos das “elites locais”, angolana, cabo-verdiana e moçambicana, principalmente, a fim de servir aos propósitos do Império. No entanto, o “tiro saiu pela culatra”: até a primeira metade do século XX, por causa da ausência de uma sociedade civil desenvolvida e o domínio do Estado e das instituições burocráticas nas mãos dos portugueses, as antigas colônias já possuíam uma forte identidade cultural e política, o que apenas cresceu com a aproximação entre os estudantes dos territórios portugueses de ultramar.

Um novo fluxo migratório aconteceu durante a década de 1980 quando muitos africanos migraram para a Europa, principalmente Portugal, para trabalhar na construção civil. A partir de então, os imigrantes dos PALOP se fazem visíveis na sociedade portuguesa, dando início a um processo de xenofobia que se agravaria durante as décadas seguintes – tornam-se presentes no discurso político, em correspondência ao que já existia no discurso social, as categorias de imigrante e imigração, estabelecendo uma clara distinção entre portugueses e estrangeiros²⁴ (africanos).

Atualmente uma nova diáspora africana é vivida por imigrantes que se dirigem à Europa, em especial Portugal, originários dos PALOP, em sua maioria jovens que procuram melhores condições de vida, principalmente, através da educação universitária²⁵. Os grupos que migraram para países ricos logo após a extinção das antigas colônias na década de 1970, o fizeram por diversos motivos internos e externos.

Ainda há uma outra diáspora que não está pautada no eixo África – Europa/América, isto é, no fluxo dos países pobres para os ricos, mas através de países que fazem fronteira entre si. Nas palavras de Cardoso (2004):

Nesta caracterização há uma diáspora africana que muitas vezes é esquecida. É aquela que não está radicada nos países ricos. Que também tenta construir uma cidadania transfronteiriça, fixando-se num país limítrofe, mas muitas vezes longe do seu território de origem. No primeiro grupo podemos contar, por exemplo, os Serralenses, Liberianos e Guineenses de Conakri que se fixaram na Guiné-Bissau, os Malianos, Burkinabés e outras nacionalidades que se fixaram na Costa do Marfim. No segundo grupo podemos incluir os Caboverdianos que emigraram para Angola e em S. Tomé e Príncipe.

Enfim, a experiência do imigrante africano na Europa ou na América não para de crescer e é causada por diversos fatores internos – a extrema pobreza, a fome, a

²⁴ Nesse caso específico, os imigrantes dos PALOP tornam-se sinônimos de negros, pretos e africanos e vice-versa. É ser estrangeiro mesmo tendo nascido em Portugal. Assim diz Gusmão (2006, p.68): “A razão parece simples, ao se estar fora do grupo português, fora da realidade portuguesa de/e para portugueses, se está fora da nação. Constituem, assim, os “africanos”, em geral, um outro povo, um povo que está – para o pensamento comum português – momentaneamente “fora de lugar”. Seu destino é retornar ao lugar de origem.”

²⁵ Muitos desses jovens vêm para o Brasil estudar em universidades públicas e particulares através de acordos bilaterais entre os governos brasileiro e de seus países de origem.

alta mortalidade, entre inúmeros outros –, e externos – possibilidades de trabalho, à remuneração e à ascensão profissional. A definição e caracterização desta diáspora não é tarefa fácil. Desde logo, porque a identidade (social, cultural, política e ideológica) não é homogênea. Do ponto de vista sociológico ela se apresenta como uma massa bastante heterogênea, repercutindo às vezes a estratificação social do país de origem²⁶.

Sobre os números e diversidade de motivos das diásporas das antigas colônias portuguesas em África, em especial na experiência da Guiné-Bissau, Moema Parente Augel (2007, p.186) afirma que

O fenômeno é geral, podendo-se alinhar exemplos os mais diversos. Os migrantes, em número cada vez maior nos países industrializados, vivenciam muitos problemas, tanto do ponto de vista de integração como por razões sociais, econômicas e políticas. Portugal, onde o número de africanos de países de colonização portuguesa é grande, não foge à regra [...].

Portugal acolheu a primeira grande leva de imigração de guineenses imediatamente após a independência da Guiné e de Cabo Verde (1973-1975). Tratava-se sobretudo de africanos aculturados, “crioulizados”, antigos funcionários da administração portuguesa, inclusive soldados africanos que tinham lutado ao lado do colonizador e que não tiveram dificuldades em integrar-se no mercado de trabalho na metrópole, pela experiência que podiam comprovar. Embora não apresentassem um diploma acadêmico, possuíam uma certa habilitação, adquirida graças ao íntimo contato com o colonizador, única possibilidade que lhes restara, uma vez que a metrópole negligenciara completamente a formação de quadros. [...] Com as crescentes dificuldades políticas e econômicas, a década de 80 registrou um número muito elevado de migrantes guineenses não qualificados que abandonaram o país motivados pela necessidade econômica ou por motivos financeiros.

Angola, por exemplo, continua sofrendo com a guerra civil que seguiu sua independência²⁷ e as lutas pelo poder entre os partidos MPLA e UNITA. Muitos angolanos, por isso, refugiam-se em busca da paz e tranquilidade que as incertezas do governo não permitem. Outros, sempre à margem de tudo – educação, saúde,

²⁶ Isso porque a saída de boa parte da população economicamente ativa e de intelectuais dos países africanos reflete diretamente na política, na economia e na educação.

²⁷ Sobre a perseguição, prisão e assassinato de inúmeros integrantes do MPLA – Movimento Popular de Libertação de Angola pelo próprio partido, como outras atrocidades dos acontecimentos ocorridos a partir de 27 de maio de 1977, ver o polêmico livro *Purga em Angola*, de Dalila Cabrita Mateus e Álvaro Mateus, nas referências.

moradia, o mínimo que importa ao bem-estar social –, procuram melhores condições de vida na antiga metrópole ou outros lugares. Uns terceiros ainda conseguem oportunidades de estudar, trabalhar e planejar um futuro melhor do que o que reserva sua terra natal para si e para sua família.

It would be overstating the case to say that the Angolan diaspora in Portugal is definable in terms of a strong, homogenous common culture. More important to my interlocutors was the understanding that they shared the same notion of sociality and culture of relatedness (Carsten, 2000). These, as I see it, were primary markers of Angolan identity and highlighted the differences between themselves and the Portuguese. The people I knew often described these markers of both belonging and differences through the concepts of *convivência* and *calor humano*²⁸ (ØIEN, 2007, p. 25)

Atualmente, a imigração dos africanos para a Europa, em particular Portugal, está ligada não só a fatores mundiais de um contexto de globalização e transformação social da ordem mundial. Segundo Milton Santos (2004, p.306), o fenômeno das migrações está

estritamente ligado ao da organização da economia e do espaço, vistos de um ponto de vista dinâmico. Essas migrações são uma resposta a situações de desequilíbrio permanente e contribuem para agravar esses desequilíbrios econômicos e espaciais, geralmente em favor de zonas já evoluídas.

Apesar disso, também é possível identificar alguns desses processos de migração ligados a fatores locais e regionais. Um desses processos que implica positiva e negativamente em ambos os fatores é o chamado *brain drain*. Este é um processo comum e bastante atual nas organizações das sociedades modernas e globais onde jovens emigrantes, geralmente, saem de seus países de origem em busca de formação acadêmica e/ou técnica, se formam fora de seu país de origem e, por vários motivos, não regressam. Esse fenômeno acaba causando nos países

²⁸ “Seria exagero dizer que a diáspora angolana em Portugal é definível em termos de uma forte cultura homogênea comum. Mais importante para meus interlocutores foi o entendimento que eles compartilhavam a mesma noção de sociabilidade e cultura de parentesco (Carsten, 2000). Estes, a meu ver, foram os marcadores primários da identidade angolana e destacou as diferenças entre eles e o Português. As pessoas que eu conhecia muitas vezes descreviam estes marcadores de ambos pertencimento e diferenças através dos conceitos de *convivência* e *calor humano*.”

em desenvolvimento a “hemorragia de qualificações e aptidões, elevada lacuna ao nível da mobilização que corresponde à necessidade nacional de recursos humanos.” (FERREIRA *et al.* 2008, p.11)

É necessário observar que, nestes casos, há efeitos positivos e negativos tanto no país de origem quanto no de destino. Enquanto efeitos positivos ao país de destino, o *brain drain* contribui para a prosperidade de sua economia; por outro lado, os efeitos negativos surgem quando não há mais mão-de-obra e o país se depara com tensões sociais derivadas, principalmente, da concorrência ao nível do emprego e do desemprego. No país de origem, a expectativa positiva é de que essa mão-de-obra se qualifique e, retornando, possa contribuir na reconstrução e no crescimento político, econômico e sociocultural da nação. Além disso, alguns países sobrevivem com a remessa de dinheiro que é injetada na economia pela população que vive no exterior, como é o caso de Cabo Verde onde o envio de dinheiro dos diaspORIZADOS é maior do que o PIB do país. Entretanto, com a saída e o não retorno dessa mão-de-obra, os países de origem não se desenvolvem política e economicamente.

Hoje em dia, os angolanos são a segunda maior comunidade Africana vivendo em Portugal²⁹, atrás apenas de Cabo Verde. Segundo o censo de 2004, o número de imigrantes angolanos legais em Portugal chega a mais de 260.000. Acredita-se que se o número de imigrantes ilegais fosse considerado esse número seria bem maior.

Como os outros países do PALOP, Angola carece de recursos humanos necessários para seu desenvolvimento econômico e social, principalmente por causa do sucateamento de um sistema educacional fortemente afetado pela situação de guerra civil que lavrou o país desde a independência, em 1975, até a abertura política e assinatura do acordo de entendimento entre o partido do governo angolano, o MPLA, e a UNITA.

Somados os números dos cinco países africanos de língua oficial portuguesa, eles estão na lista das quinze nacionalidades imigrantes mais representativas em Portugal, pesquisa referente ao ano de 2007, distribuídas da seguinte forma: Cabo

²⁹ Numa pesquisa recente (ØIEN, 2007), com jovens entre 18 e 30 anos vivendo em Portugal, num total de 200 pessoas, constatou-se que 79% eram angolanos, 7,5% tinha nacionalidade portuguesa e 13% tinha dupla nacionalidade. Dentre os 200, 67,5% nasceram em Angola e 6% em Portugal (os outros 26,5% não quiseram responder).

Verde (63.925), Angola (32.728), Guiné-Bissau (23.733), São Tomé e Príncipe (10.627) e Moçambique (5.681). (Cf. FERREIRA *et al.*, 2008, p.42-4).

A formação das chamadas literaturas dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa – PALOP é fruto de um doloroso e longo processo transcultural, que passa do estado de alienação no qual as Áfricas de maneira geral foram imersas, passando pela libertação dessa alienação – onde a literatura teve um papel fundamental ao engajar-se nas raízes profundas da realidade social –, até a constituição da individualidade dos escritores, após a independência nacional.

Diante do contexto multicultural dessas experiências, enquanto produtos culturais discursivos, os textos literários se articulam e negociam na (re)construção das diversas identidades a partir de interconexões e interpenetrações de um sistema de representação sociocultural em espaços heterogêneos, comunidades imaginadas, que procuram resistir ao silenciamento das diferenças culturais exercida através das diversas formas de imposição e poder cultural. Nesse sentido, a literatura denuncia as tensões na expressão da cultura, da língua e da vivência dos personagens (MATA, 2007, p.86), como é o caso aqui específico das literaturas africanas de língua portuguesa, em especial os que vivenciam a experiência da diáspora.

Nas literaturas da lusofonia, a questão da migração, um dos seus principais temas, ainda é uma grande ferida nos estudos críticos do pós-colonial e é, por certo, aquele do qual se alimentam as literaturas africanas de maneira geral, não apenas as de língua portuguesa. Aqui as criações ficcionais possibilitam ao público leitor enxergar a reação contra os paradigmas socioculturais herdados do colonialismo português e a inserção de um discurso pós-colonial que tem raízes profundas da realidade social, compondo um inventário da vida africana, de como ela se reflete na formação psíquica e emocional da sociedade.

Através da linguagem literária e de seus próprios mitos e rituais, o mundo africano consegue preservar-se expressando sua própria cosmovisão, a maneira como esse sistema reflete na formação psíquica, emocional, sociocultural e artística da sociedade africana contemporânea, libertos da perspectiva exótica³⁰. Em outras

³⁰ A fim de compreender melhor esse processo de libertação da perspectiva exótica das literaturas africanas de língua portuguesa, inclusive pelo próprio africano, ver o capítulo “Literatura colonial/literaturas africanas”, do livro *Ensaio de literatura comparada: afro-luso-brasileira*, do crítico português Salvato Trigo (1986. p.129-146), nas referências.

palavras, a apropriação simbólica da realidade por meio da literatura reflete os elementos que constituem a marca cultural específica do espaço sociogeográfico do qual o indivíduo faz parte.

Subvertendo o cânone da dimensão estética do prazer da leitura pela leitura, bem como de sua função sociocultural e histórica, a produção literária vai além da natureza primária do texto ficcional: intersecciona o conhecimento interdisciplinar com o prazer na significação das obras. Afinal, foi através da literatura que os cinco países africanos de língua “oficial” portuguesa, durante o regime em que a liberdade de expressão era cerceada pela ditadura monopartidária, transmitiu os eventos omitidos pelo discurso oficial, refletindo criticamente sobre os acontecimentos e desenvolvendo uma emergente consciência crítica de independência colonial.

Vale dizer que o aparecimento das literaturas de língua portuguesa em África é fruto, por um lado, de um longo processo de assimilação e, por outro, do processo de conscientização e desenvolvimento cultural nas ex-colônias, a partir dos anos 40 e 50 do século XIX, com o surgimento de um jornalismo crítico ao julgo colonial. Boa parte das manifestações literárias da época era veiculada através de publicações recheadas de informações úteis e bons versos de autores locais.

Nas ficções das áfricas lusófonas, as experiências migratórias são vivenciadas de maneiras diferentes e podem provocar reações as mais diversas, tanto naquele que retorna ao seu lugar de origem quanto nos que o recebem — no caso da diáspora em Cabo Verde, esse sentimento de entre-lugar próprio do cabo-verdiano é revelado por Baltasar Lopes (2007) na epígrafe de seu romance *Chiquinho* que diz em crioulo: “*Corpo, qu’ê nêgo, sa ta báí; Coraçom, qu’ê fôrro, sa ta fica...*”³¹.

Pensando dessa maneira, vejamos, a partir de agora, um pequeno esboço da presença temática da diáspora nas literaturas dos PALOP.

Na literatura angolana, o tema do retorno após longo exílio remonta à publicação da primeira obra impressa em Angola. O livro *Espontaneidades da minha alma: às senhoras africanas* de José da Silva Maia Ferreira, publicado em 1842, é uma coletânea de poemas típicos da época, marcado pela assimilação cultural e influência de Gonçalves Dias. Um exemplo claro da temática do exílio na sua obra é o poema “À minha terra”, cujo subtítulo “no momento de avistá-la depois de uma

³¹ “O corpo, que é escravo, vai; o coração, que é livre, fica...”.

viagem”, acompanha o tom de saudade característico do poema “Canção do Exílio”, do autor romântico brasileiro, como é possível vermos claramente no excerto abaixo:

Debaixo do fogo intenso,
Onde só brilha formosa,
Sinto n'alma fervorosa
O desejo de a abraçar:
É a minha terra querida,
Toda d'alma, - toda - vida, -
Qu'entre gozos foi fruida
Sem temores, nem pesar.

Bem vinda sejas ó terra,
Minha terra primorosa,
Despe as galas - que vaidosa
Ante mim queres mostrar:
Mesmo simples teus fulgores,
Os teus montes tem primores,
Que às vezes falam de amores
A quem os sabe adorar! (APA *et al.*, 2003, p.25)

Outros autores angolanos, posteriormente, também se debruçaram sobre o tema da diáspora e seus desdobramentos de uma forma saudosa e, algumas vezes, messiânica. É o caso, por exemplo, do poeta Agostinho Neto³² no poema intitulado “Havemos de voltar”, numa clara necessidade de voltar à terra agora libertada, mas também de um retorno às tradições culturais dos povos africanos que foram assimilados pelo colonialismo europeu:

Às casas, às nossas lavras
às praias, aos nossos campos
havemos de voltar

Às nossas terras
vermelhas de café
brancas de algodão
verdes dos milharais
havemos de voltar

³² Primeiro presidente de Angola (1975-1979), estudou medicina nas Universidades de Coimbra e Lisboa durante sua estada na Casa do Estudante do Império (1943-1965), importante centro da luta anticolonial e de libertação das colônias portuguesas em África que foi primeiramente criado com o intuito de fortalecer a mentalidade imperial, mas que desde cedo despertou nos jovens frequentadores uma consciência sobre a ditadura e o sistema colonial, bem como a vontade de descobrir e valorizar as culturas dos povos colonizados. Agostinho Neto foi preso pela PIDE, sendo deportado para a prisão do Tarrafal, em Cabo Verde. De lá, foi para Portugal, de onde fugiu para o exílio, retornando a Angola durante o período das Guerras de Independência.

às nossas minas de diamantes
ouro, cobre, de petróleo
havemos de voltar

Aos nossos rios, nossos lagos
às montanhas, às florestas
havemos de voltar

À frescura da mulemba
às nossas tradições
aos ritmos e às fogueiras
havemos de voltar

À marimba e ao quissangue
ao nosso carnaval
havemos de voltar

À bela pátria angolana
nossa terra, nossa mãe
havemos de voltar

Havemos de voltar
À Angola libertada
Angola independente (NETO, 1985, p. 148-149).

No caso dos romances, a diáspora é tema desde os primeiros folhetins. A obra *Nga Muturi*, de Alfredo Troni³³, publicada originalmente em 1882, descreve um retrato da sociedade angolana do final do século XIX. O romance, influenciado pelo realismo queirosiano, narra a trajetória da personagem Andreza, menina “negra de cor clara”, da zona rural angolana, arrancada de sua família para servir de criada e concubina a um colono branco na cidade de Luanda, como forma de pagamento de uma dívida.

As gerações seguintes da literatura angolana também trarão o desenraizamento diaspórico como um dos temas que alimentam sua produção. Assim, à guisa de curiosidade, é possível citarmos rapidamente alguns autores e obras que, de uma forma ou de outra, problematizam a diáspora. Da geração

³³ Alfredo Troni nasceu em Coimbra, Portugal, em 1845, mas, obrigado a deixar seu país por causa de suas ações políticas, radicou-se em Angola, onde morreu, na cidade de Luanda, em 1904. Lá procurou integrar-se à cultura local, produzindo jornais bilíngues, em português e quimbundo, e, como bacharel em direito, defendeu os nativos, o que lhe rendeu perseguições políticas por parte das autoridades portuguesas em Angola. É considerado um dos pioneiros da narrativa angolana e um dos autores fundacionais na formação do romance angolano, junto com António de Assis Júnior, Oscar Ribas e Castro Soromenho (CHAVES, 1999).

Bailundo, podemos destacar a obra de Inácio Rebelo de Andrade³⁴, cujo romance *O pecado maior de Abel* é parte do *corpus* deste trabalho e será analisado mais adiante, e a poesia de Ernesto Lara Filho; do grupo de renovação literária após a década de setenta, Manuel Rui, em parte de sua produção poética no exílio em Portugal, durante a década de 60, e em sua obra em prosa citamos *O regresso adiado* (1974) e o romance *Rio Seco*, de 1997, este último narra a história de um casal de refugiados de etnias diferentes que fogem para uma fictícia ilha ao norte de Angola, longe da violência que dilacera o continente.

A partir da década de 1980, os romances angolanos estão marcadas pela revisitação crítica da história tanto do colonialismo como do período subsequente, o pós-colonial. Dessa maneira, as primeiras obras procuram combinar um olhar crítico e nostálgico sobre o período de rápida transição (Cf. LEITE, 1996, p.103-164), refletindo criticamente a história de um período de violência armada e destruição inimaginável³⁵. É um período em que as narrativas de ficção concentram-se na ironia crítica e na desconstrução da história recente de Angola.

Atualmente, a literatura angolana (assim como a dos outros PALOP), reagindo à dinâmica da situação pós-colonial, vive um período de ecletismo estético e produtividade reflexiva. Esse fenômeno se deve a uma dialogia transtextual e intergeracional e à necessidade de repensar o país, onde a literatura assume o papel de protagonista, sendo veículo privilegiado de atividade reflexiva no registro de análise dos acontecimentos e fenômenos sociais, históricos e culturais de sua época (Cf. MATA, 2006).

Cabo Verde é, de todos os países africanos de língua portuguesa, o mais diaspórico por inúmeros motivos – tanto é que é maior o número de caboverdianos no exterior do que nas próprias ilhas do arquipélago. Sua própria formação denuncia o caráter crioulo dos espaços diaspóricos: as ilhas, a princípio inabitadas, foram

³⁴ Na verdade, a obra de Inácio Rebelo de Andrade está marcada pelo drama (pessoal) do exílio. É só passarmos em vista alguns dos títulos das obras que entendemos logo o porquê: *Saudades de Huambo* (1994), *O sabor doce das néspers amargas* (1997), *Quando Huambo era Nova Lisboa* (1998), *Revisitações no Exílio* (2002), *Passageiro sem Bilhete* (2003), *Adeus Macau*, *Adeus Oriente* (2004), *Na babugem do êxodo* (2005), *Lamento de um exilado* (2012).

³⁵ *Mayombe* (1980), do angolano Pepetela, é talvez o romance mais característico dessa época, que mostra a narrativa heróica de um grupo de guerrilheiros na densa floresta do Mayombe, entre Angola e a região da Cabinda. Mais tarde, por outro lado, o tom patriótico do autor atinge a desilusão e o ceticismo a respeito do mito histórico dos heróis nacionais, em *A Geração da Utopia* (1992), *Predadores* (2005) e *O Planalto e a Estepe* (2009). Outro escritor desse período, talvez o mais conhecido e aclamado escritor angolano, mesmo sendo português de nascimento, é Luandino Vieira, autor de obras como *Luuanda* (1963); *Nós os do makulusu* (1974); *João Vêncio: os seus amores* (1979); entre outros.

colonizadas por povos de diversos lugares e etnias e seus habitantes entregues ao processo de amalgamento racial e cultural. Talvez por esse motivo, e por outros de caráter climático, o impacto do colonialismo não tenha sido tão drástico, impulsivo, violento e dramático como nos outros países que compõem o PALOP – embora Portugal tenha criado condições bem peculiares para o surgimento de uma elite intelectual, da imprensa e da literatura em Cabo Verde.

Desde muito cedo, entre as primeiras décadas do século XX, as ilhas e os centros de controle e administração passam para mãos de um grupo da burguesia caboverdiana, formada majoritariamente por mestiços, concentrados nas ilhas santas de São Nicolau, Santo Antão e São Vicente. Ciente dos inúmeros problemas que afetam o arquipélago, o grupo, influenciado pelos movimentos modernistas português e brasileiro³⁶, este último principalmente, começa desde cedo a tomar consciência da realidade de sua terra, no ambiente socioeconômico e no povo, e procura romper com os modelos de tipo europeu.

Apesar disso, a dicotomia da literatura caboverdiana entre a preocupação com os problemas locais e a exploração do sentimento nativo de identidade não é um fenômeno novo. Desde sua gênese com os hesperitanos e os outros pré-claridosos, dentre eles o mais importante poeta de seu tempo, Eugénio Tavares, os poetas já se ocupavam de temas característicos das gerações subsequentes e usavam as composições lírico-musicais das mornas. Típico gênero musical do arquipélago, a morna representa a alma crioula do caboverdiano, desde a linguagem – o crioulo –, os temas – o amor e a saudade relacionadas com a vida no exílio – e a melodia – riquíssima mistura de ritmos originários da modinha brasileira, do lundum africano, do fado português, do mambo caribenho, etc.

É só observarmos rapidamente os títulos das obras e dos poemas dos escritores caboverdianos para termos uma ideia do quanto a diáspora é uma quase obsessão e o apelo da distância muito forte para quem vive nas ilhas: “Hora di bai” é

³⁶ Os Claridosos, como foram chamados por causa da revista *Claridade*, fundada em 1936, a mais importante revista da história da literatura caboverdiana, influenciados pelo neorrealismo português e pelo regionalismo brasileiro, procuravam superar os conflitos entre o romantismo de matriz portuguesa dos escritores pré-claridosos e o novo realismo. Assim, propondo-se a pensar e analisar a personalidade cultural do arquipélago, chamam a atenção para os elementos próprios da caboverdianidade, como por exemplo: a língua crioula utilizada pelos autores e os temas que refletem a vida em Cabo Verde – o martírio da mãe-terra, a aridez, a seca, a fome; a insularidade e o drama geográfico, emigração ou evasão como transposição dos limites impostos pelo mar. O mar torna-se o elemento provocador da realidade dupla: a viagem e o sonho de encontrar uma terra prometida. Integram o grupos, dentre outros, os seguintes artistas: Jorge Barbosa, Baltasar Lopes e Manuel Lopes.

o título de um poema de Eugênio Tavares e de um romance de Manuel Ferreira; “Terra longe”, poema de Pedro Corsino; “Caminho longe”, título homônimo de poemas de Ovídio Martins, Onésimo da Silvera e Gabriel Mariano; *Cais de ver partir*, romance de Nuno Miranda; *Viagem para além da fronteira*, de Teobaldo Virgínio; entre inúmeros outros.

Sobre a questão da diáspora, a curtíssima produção literária de Orlanda Amarílis³⁷ recorre ao tema para ecoar, através das personagens, especialmente as femininas, o sentimento doloroso de desgarramento da terra-mãe (ou madrasta, muitas vezes), com o problema do desemprego e das condições climáticas; e a difícil situação do imigrante na ambiguidade em relação ao exílio, marginalizados, e submetidos a uma sociedade onde representam a força de trabalho barata, bem como as violências sofridas pela radical diferença cultural enfrentadas entre eles e os habitantes locais.

Assim, para além de uma literatura da diáspora no seu sentido mais restrito, isto é, “de retorno, com cunho fortemente messiânico”, a ficção em prosa de Orlanda Amarílis é, segundo Jane Tutikian (1999, p.36), “também uma literatura de diferentes recursos estilísticos, inclusive pela aproximação dos modelos europeus, o que [...] transforma-se em marca de originalidade, sem anular seu valor social.” Estes aspectos serão abordados mais adiante no capítulo de análise.

Os percursos da literatura moçambicana são semelhantes aos da angolana. A formação de uma elite mestiça que aos poucos se apoderou do poder e foi um fator importante na emergência de uma literatura que atravessa as fases do colonialismo artístico e atinge sua maturidade no pós-guerra.

Apontada por alguns críticos, a figura de maior importância para a literatura moçambicana é o poeta José Craveirinha. Nele encontramos uma poesia realista, influenciada pelos movimentos da negritude, e de intensa conotação política; além de uma poesia marcada pela tradição oral e o pendor lírico.

A partir da década de 60, coincidente com os primeiros anos de guerrilha, a literatura moçambicana apresenta um acentuado desenvolvimento. Isso porque nos anos de 1964 e 1965 são publicados, respectivamente, o livro de contos *Nós*

³⁷ Isso porque a autora só publicou três livros de contos, a saber, *Cais-do-Sodré té Salamansa* (1974), *Ilhéu dos Pássaros* (1983) e *A Casa dos Mestros* (1989).

matámos o cão tinhoso, de Luís Bernardo Honwana, e o romance *Portagem*, de Orlando Mendes, produções literárias que documentam a opressão do colonizado e se situam no contexto de discriminação racial e econômica que se vivia na então colônia lusa.

Após a independência, surgem uma nova leva de autores ao redor da revista *Charrua*, fundada em 1984, que permitiu o desenvolvimento de novas práticas de escrita na prosa e na poesia. Esta geração procurava eliminar as dicotomias existentes entre o mundo moderno e a tradição, entre a literatura e a oralitura, e outros temas dicotômicos muito característicos do ranço colonial. Em meio a essa geração de intelectuais, destaca-se a produção literária de Lília Momplé, Lina Magaia, João Paulo Borges Coelho, Mia Couto e Paulina Chiziane. Neles estão presentes os ecos das tradições moçambicanas e as novas vias estéticas importadas da metrópole, entre o conto e o romance, abordando vários temas sociais.

O romance *Ventos do apocalipse*, de Paulina Chiziane, por exemplo, contrasta com o exotismo tão esperado pelos leitores acostumados com as narrativas da “África profunda” e apresenta uma narrativa densa, na qual o sofrimento provocado pela seca, pela guerra e pelos fantasmas interiores dos protagonistas do livro forjam um texto que prende o leitor pela força do trágico em suas páginas. Assim, as personagens são forçadas a um grande êxodo em função, principalmente, das guerras civis travadas entre os grupos do governo e as milícias de oposição.

Em Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe, que têm ambos uma pequena produção literária comparada com os demais países africanos de língua oficial portuguesa, a situação da diáspora não é diferente. Em São Tomé e Príncipe, por exemplo, aproximadamente 40% da população vive no estrangeiro. As principais e maiores comunidades são-tomenses no estrangeiro estão localizadas na Europa (Portugal e Reino Unido) e em África (Angola, Cabo Verde, Moçambique).

A primeira leva de estrangeiros acolhidos por Portugal após os acontecimentos de 74 veio da Guiné-Bissau e de Cabo Verde, crioulos aculturados, como foram chamados, por terem assimilado bem a cultura da civilização europeia. Com o passar do tempo, como vimos acima, houve algumas mudanças quanto às características dos migrantes. Com quase nenhuma instrução, os homens eram obrigados a trabalhar na área da construção civil (cerca de 83,5%) e as mulheres

como empregadas domésticas (64,1%)³⁸, com longas jornadas de trabalho e sem nenhum direito laboral. Apesar disso, os migrantes gozam de mais vantagens e maior conforto com relação às péssimas condições de vida na terra natal.

As condições de vida do migrante no estrangeiro foram o tema de Filinto de Barros no romance *Kikia Matcho*, cuja personagem homônimo sofre as consequências de quem, deixando seu lugar de origem, vai à metrópole à procura de uma vida melhor. De acordo com Augel (2007, p.187-8), para o personagem Kikia Matcho

[...] em Portugal não passaria jamais de uma estrangeira e não chegaria nunca a um nível social digno [...]. Enfermeira, continuava a ter uma vida paupérrima, apenas sobrevivendo às custas de muito esforço e amargura. [...]

[...] as causas da imigração são enumeradas pelo narrador onisciente: a falta de víveres, os horrores do racionamento, a falta de competência dos novos chefes, sem qualificação para os cargos que assumiam; os problemas crescentes do país recém-independente [...]

Outro autor que se dedica a problematizar a questão do migrante de volta à terra natal é Abdulai Sila. Em seu romance *A última tragédia*, Abdulai narra a história de uma jovem que foge de sua aldeia para a cidade grande a fim de escapar de um vaticínio. Apesar de aculturada como muitas jovens que trabalham como domésticas – aprende a língua e os costumes dos portugueses, é cristianizada pela patroa e violentada sexualmente pelo patrão – a personagem conserva sua identidade.

Em todos os casos, enquanto tema nas literaturas dos PALOP, a diáspora mostra que a integração entre a antiga metrópole e sua ex-colônia é ambivalente e problemática, de forma especial para o migrante. No cerne de uma crise de identidade estão: a consciência da inferioridade e da exclusão social; o desejo de ultrapassar a discriminação à custa da aquisição de bens de consumo; a estabilidade econômica através de uma melhor formação profissional e, conseqüentemente, um melhor emprego; entre inúmeros outros problemas que

³⁸ Segundo Moema Parente Augel (2007, p.187), em consequência da guerra civil entre os anos de 1998-99, boa parte da intelectualidade bissau guineense deixou o país numa onda migratória em direção principalmente a Portugal. Esse fenômeno, conhecido também por *brain drain*, acabou por causar a instabilidade política e a precariedade econômica e educacional do país.

agravam a cisão das diferenças culturais, ideológicas e mesmo religiosas entre os migrantes e as sociedades nas quais eles estão inseridos.

E inúmeros são os casos da diáspora e suas consequências presentes nas literaturas das Áfricas lusófonas. Sobre a questão, voltaremos no capítulo de análise do *corpus* deste trabalho, onde analisaremos algumas obras de autores africanos que problematizam a diáspora.

Antes de avançar para a análise das obras, gostaríamos de, no capítulo seguinte, estabelecer uma relação crítica entre o que foi discutido aqui sobre as teorias da diáspora e sua implicação no texto ficcional, em especial na representação do espaço diaspórico enquanto elemento problematizador e articulador das obras selecionadas. Procuraremos analisar o espaço ficcional das obras tanto nas suas relações com o real – ancorando a narrativa numa *mimesis* que nos remeta ao universo sócio-histórico-cultural recuperável fora do romance, criando um efeito de real que liga o texto ao seu contexto de produção –, como também nas funções no interior do texto, articulado aos demais elementos semânticos da narrativa, refletindo na ambientação as relações conflituosas entre as personagens.

Ninguém sabe melhor do que tu, sábio Kublai, que nunca se deve confundir a cidade com o discurso que a descreve. No entanto, há uma relação entre ambos.

Italo Calvino, *As cidades invisíveis* (1990)

3 ESPAÇO

Neste capítulo, analisamos a concepção de espaço nas narrativas ficcionais. Porém, como seu estudo exige necessariamente uma análise interdisciplinar, nossa preocupação foi compreender de maneira mais ampla o conceito do espaço e seus desdobramentos nas demais disciplinas que o tem como elemento fundamental de seus estudos – a saber, a Filosofia, a Geografia, a Sociologia, etc. – a fim de melhor desenvolver uma episteme que contribua para o conhecimento do espaço enquanto categoria de análise literária.

Não queremos, com isso, esgotar a questão do espaço a partir das falas de diversos pensadores através das épocas, principalmente no século XX, mas apresentar uma sùmula das diferentes concepções, mostrando a complexidade e sutileza da questão. Assim, a partir do entrelaçamento entre essas teorias e alguns fundamentos das teorias da narrativa, procuramos não só compreender melhor a complexidade teórica e conceitual através do prisma das ciências, como também problematizar a relação do espaço com os demais elementos da diegese, e com o universo sociocultural de produção e recepção do texto literário.

3.1 Espaço, Território e afins

Se no início era o Verbo, procuramos ver na definição clássica o que é espaço. De acordo com o *Dicionário de Filosofia*, de Nicola Abbagnano (Cf. 2007, p.348-352), na história da ciência e da filosofia, a noção de espaço deu origem a três ordens de problemas diferentes: o primeiro diz respeito a sua natureza; o segundo, à realidade; o terceiro, à métrica³⁹.

³⁹ Com relação à resposta do último dos diferentes problemas do espaço, o *Dicionário de Filosofia* de Nicola Abbagnano (2007, p.348) diz que só pode ser uma geometria e que as diversas respostas dadas a ele constituem as diferentes geometrias. Por esse motivo, por fugir da nossa proposta de discussão teórica, ficaremos apenas com os dois primeiros.

Natureza:

Sobre o primeiro problema, é possível identificar historicamente três concepções distintas de espaço:

- 1) Lugar: prevaleceu desde Aristóteles até a Idade Média, está ligada a relação intrínseca entre os objetos, ou seja, o espaço é considerado como lugar, posição de um corpo entre outros corpos no mundo;
- 2) Recipiente: ganhou forças com o Renascimento e prevaleceu durante séculos graças ao físico e matemático inglês Isaac Newton, baseada na existência do espaço vazio e sua infinidade, considera-o como uma espécie de *recipiente* que contém os objetos materiais;
- 3) Posição ou lugar: concepção que desde Albert Einstein prevalece na física contemporânea, constitui um retorno à teoria clássica do espaço como posição ou lugar. Aqui, o espaço físico deve ser considerado não só tridimensionalmente por meio dos objetos e de seu movimento, mas também como um *contínuo quadridimensional* a partir do “instante em que se verifica o evento” (2007, p.350), ou seja, a indissociabilidade entre o espaço e o tempo.⁴⁰

Realidade:

Sobre o segundo problema, o da realidade do espaço, este também deu lugar a três diferentes teses:

- 1) realidade física ou teológica: concebe o espaço como a filosofia antiga, isto é, como lugar ou posição ou como recipiente. Assim, os antigos consideravam o espaço como um elemento ou uma condição do mundo, ou mesmo um atributo de Deus para os neoplatônicos;
- 2) subjetividade do espaço: originalmente apresentada por Thomas Hobbes, define-o como uma imagem de algo “existente enquanto existente, ou seja, não se considerando dela outro acidente que não seu aparecer fora do sujeito imaginante” (*apud* ABBAGNANO, 2007, p.351), reduzindo o conceito de espaço

⁴⁰ Na física, essa interdependência entre o espaço e o tempo foi desenvolvida por Albert Einstein em sua teoria da relatividade geral. A partir desses pressupostos, Bakhtin trata da relação do *cronotopo*, isto é, do tempo-espaço, no âmbito literário, como veremos mais adiante neste capítulo.

enquanto uma ideia derivada das sensações, uma realidade que depende de quem a interpreta;

- 3) negação do espaço: a última tese que o problema da realidade do espaço deixou aberta é a rejeição do problema e a afirmação de que o espaço não é real nem irreal, embora possa, em certas ocasiões métricas, ser empregado na descrição da realidade.

Em resumo, o que se pode inferir a partir dos dois problemas de ordem física, um em sua relação com sua natureza e o outro em a sua realidade, é que, ao falarmos de espaço, nos referimos tanto aos objetos e suas relações como também ao recipiente, ou seja, a localização desses mesmos objetos. Além disso, um terceiro elemento se faz presente nessa relação: o observador. Pois, na análise do espaço, os objetos que o compõem e constituem se encontram em relação entre si e com os sujeitos-observadores que nele habitam e/ou transitam. Esse caráter relacional do espaço, aliás, estará presente nas ciências e na filosofia modernas.

No entanto, é a partir da segunda metade do século XX que o conceito do espaço passa a ser um problema discutido não só na sua dimensão meramente física, material, mas também social, pois ele será entendido como o produto de uma construção social e histórica. Ou seja, não há sociedade fora de um espaço e de um tempo. Dessa maneira, é possível percebermos que, apesar do espaço físico ser primordialmente dado, sua organização é um produto da tradução, transformação e experiência social. A partir dessa visão mais ampla, o discurso das ciências sociais utilizarão amplamente o conceito de espaço na interpretação das diversas possibilidades de compreendê-lo, bem como dos vários processos de agenciamento e construção do espaço e do território na contemporaneidade.

Passaremos agora à discussão das ideias de alguns dos autores que contribuíram significativamente para o desenvolvimento dos conceitos que queremos aprofundar nesta sessão do capítulo e, mais adiante, traçar um diálogo crítico com as teorias do espaço narrativo. São os conceitos de espaço, paisagem, território e agenciamento.

Em sua obra, o geógrafo brasileiro Milton Santos vai distinguir entre as noções de espaço e paisagem, vulgarmente consideradas como sinônimos, da seguinte

maneira: enquanto a paisagem seria o conjunto das formas, naturais e artificiais, que caracterizam fisicamente uma área, o espaço, por sua vez, é a soma desses elementos mais a forma que as anima, ou seja, a sociedade. Para Santos, ao contrário da paisagem que representa a dimensão física e a forma, representando a imobilidade, o espaço é visto de maneira dinâmica e como resultado e condição dos processos sociais. Com isso, nos diz o autor (1994, p.71):

[...] a palavra *espaço* também é utilizada em dezenas de acepções. Fala-se em espaço da sala, do verde, de um país, de um refrigerador, espaço ocupado pelo corpo etc. É um dos termos que mais possui verbetes nos dicionários e enciclopédias; e em alguns comparecem com centenas de sentidos diversos.

Palavras como *vermelho*, *duro*, *sólido* não têm seus significados colocados em dúvida, estão associados a experiências elementares. O que não acontece com a palavra *espaço*, freqüentemente substituída por lugar, território etc. A palavra é mesmo muito utilizada como substantivo, assim espaço do homem, do migrante, do sedentário etc. A própria palavra *paisagem* é comumente utilizada para designar o espaço.

O espaço seria um conjunto de objetos e de relações que se realizam sobre estes objetos; não entre estes especificamente, mas para as quais eles servem de intermediários. Os objetos ajudam a concretizar uma série de relações. O espaço é resultado da ação dos homens sobre o próprio espaço, intermediados pelos objetos, naturais e artificiais.

Outro conceito intimamente ligado, e por vezes também confundido, ao do espaço e do qual não podemos nos desvencilhar é o de território. Este pode ser considerado como algo historicamente construído e desconstruído pelas complexas relações de poder envolvendo os agentes que “territorializam” suas ações com o passar do tempo.

A simples noção de espaço pode esconder suas relações com o poder, isto é, com o território, e como essas relações estão profundamente impregnadas por ideologias. Por esse motivo, para Edward Soja (1995, p.16), “We must be insistently aware of how space can be made to hide consequences from us, how relations of power and discipline are inscribed into the apparently innocent spatiality of social life, how human geographies become filled with politics and ideology.”⁴¹ Assim, apesar

⁴¹ Devemos estar insistentemente cientes de como o espaço pode ser construído para esconder consequências de nós, como as relações de poder e disciplina estão inscritas na aparente espacialidade inocente da vida social, como as geografias humanas se tornam cheias de política e ideologia.

de sua aparente neutralidade e indiferença com o exterior, o espaço não é algo isento de qualquer ideologia: ele sempre foi usado para fins ideologicamente políticos e estratégicos.

É nesse sentido que Michel Foucault, um dos principais pensadores do século XX, dedicou parte da sua obra a analisar as chamadas “cartografias das margens”, isto é, os sujeitos, os posicionamentos e as espacialidades legados à marginalidade. Para o filósofo francês, o território representa a dimensão espacial do poder. Assim, é por meio dele, do território, que se “desdobram os dispositivos de controle, os diagramas de força, os enquadrinhamentos e as repartições” (REVEL, 2011, p.52).

Segundo Foucault, o século XIX privilegiou o tempo porque este era visto como “rico, fecundo, dialético”, enquanto o espaço, ao contrário, representava aquilo que estava morto, que era fixo e, por isso, não dialético. No entanto, obcecado pela dimensão espacial, apesar de sua obra estar situada sob o âmbito da história, o autor de *As palavras e as coisas*, também empenhou-se pela defesa de análises que investigassem a espacialidade das obras.

Em “Outros espaços”, conferência realizada no Círculo de Estudos Arquitetônicos, em 1967, mas que só teve o texto publicado em 1984, o filósofo começa evidenciando que, enquanto a grande mania que obcecou o século XIX foi a história, isto é, o tempo, o século XX seria a época do espaço.

A época atual seria talvez de preferência a época do espaço. Estamos na época do simultâneo, estamos na época da justaposição, do próximo e do longínquo, do lado a lado, do disperso. Estamos em um momento em que o mundo se experimenta, acredito, menos como uma grande via que se desenvolveria através dos tempos do que como uma rede que religa pontos e que entrecruza sua trama. (2009, p.411)

Neste ensaio, embora considerando os fundamentos epistemológicos da fenomenologia bem como a contribuição de Bachelard para o estudo do “espaço inteiramente carregado de qualidades”, ou seja, um espaço interior, Foucault, privilegia em sua análise um espaço ligado ao exterior, à vida social, um espaço vivido e produzido socialmente dos lugares e as relações entre eles.

O espaço no qual vivemos, pelo qual somos atraídos para fora de nos mesmos, no qual decorre precisamente a erosão de nossa vida, de nosso tempo, de nossa história, esse espaço que nos corroi e nos sulca e também em si mesmo um espaço heterogêneo. Dito de outra forma, não vivemos em uma espécie de vazio, no interior do qual se poderiam situar os indivíduos e as coisas. Não vivemos no interior de um vazio que se encheria de cores com diferentes reflexos, vivemos no interior de um conjunto de relações que definem posicionamentos irreduzíveis uns aos outros e absolutamente impossíveis de ser sobrepostos. (2009, p.414)

Analisando por esse viés, Foucault se afasta do psicologismo e da natureza arquetípica da teoria de Bachelard e tensiona sua análise para o que ele chama de “espaços de fora”. A esses espaços heterogêneos de lugares e relações chamou-os heterotopias, ou seja, lugares reais, em oposição, segundo o próprio autor, às utopias, sem lugares reais, e que estão em constante contraposição. Para Foucault, enquanto a espacialidade da utopia revela em si o desejo da sociedade idealizada, o espaço da heterotopia corresponde a posicionamentos de realidades possíveis, múltiplas e justapostas, embora incompatíveis. Procurando opor-se às oposições binárias, consideradas hierarquizantes e sacralizadoras, ele sugere, assim, uma “descrição sistemática” que teria por objetivo analisar esses diferentes espaços. Essa descrição está pautada em seis princípios. São eles: 1) o da amplitude, mas não universalidade; 2) a variabilidade histórica; 3) a multiplicidade; 4) o vínculo intrínseco com o tempo; 5) a relação simultânea de abertura e fechamento; e 6) a resistência crítica a tudo o que é instituído (Cf. BRANDÃO, 2013, 84-5).

Nas palavras do filósofo francês (2009, p.418-21):

A heterotopia tem o poder de justapor em um só lugar real vários espaços, vários posicionamentos que são em si próprios incompatíveis. [...] elas têm, em relação ao espaço restante, uma função. Esta se desenvolve entre dois pólos extremos. Ou elas têm o papel de criar um espaço de ilusão que denuncia como mais ilusório ainda qualquer espaço real, todos os posicionamentos no interior dos quais a vida humana é compartimentalizada. [...] Ou, pelo contrário, criando um outro espaço, um outro espaço real, tão perfeito, tão meticuloso, tão bem-arrumado quanto o nosso é desorganizado, maldisposto e confuso. Isso seria a heterotopia não de ilusão, mas de compensação, e me pergunto se não foi um pouquinho dessa maneira que funcionaram certas colônias.

Nesse sentido, vemos como o conceito de heterotopia refere-se a lugares e espaços não hegemônicos, ou seja, que possuem várias camadas de significação ou de relações a outros lugares e cuja complexidade não pode ser vista imediatamente.

Esta teoria está ligada ao pensamento do também filósofo, marxista e sociólogo francês Henri Lefebvre. Assim como em Foucault, a obra de Lefebvre procura descrever algo que ele chama de *l'espace vécu*, isto é, o “espaço vivido”, uma espacialidade vivida e criada socialmente, concreta e abstrata ao mesmo tempo, o hábito das práticas sociais. A teoria de Lefebvre contribuiu para uma geografia mais profunda ao defender a tese de que o espaço é socialmente produzido e que, por isso, as geografias humanas se tornam “political and ideological”, “a product literally filled with ideologies.”⁴² (*apud* SOJA, 1995, p.80).

Logo no primeiro capítulo do célebre livro *The Production of Space*, Lefebvre apresenta ao leitor sua teoria sobre como os discursos hegemônicos fazem um uso ativo do espaço para a manutenção do seu discurso na sociedade como um todo através dos modos de produção do capitalismo. Nas palavras do autor (1984, p.11-2):

Could space be nothing more than the passive locus of social relations, the milieu in which their combination take on body, or the aggregate of the producers employed in their removal? The answer must be no. Later on I shall demonstrate the active – the operational or instrumental – role of space, as knowledge and action, in the existing mode of production. I shall show how space serves, and how hegemony makes use of it [...]

Many people are inclined to forget that capitalism has yet another aspect, one which is certainly bound up with the functioning money, with the various markets, and with the social relations of production, but which is distinct from these precisely because it is dominant. [...] Hegemony implies more than an influence, more even than the permanent use of repressive violence. It is exercised over society as a whole, culture and knowledge included, and via human mediation: policies, political leaders, parties, as also a good many intellectuals and experts. It is exercised, therefore, over both institutions and ideas.⁴³

⁴² “políticas e ideológicas”, “um produto literalmente cheio de ideologias”.

⁴³ “Seria o espaço nada mais que o locus passivo das relações sociais, o ambiente onde suas combinações se corporeificam, ou o agregado dos produtos empregados na sua remoção? A resposta deve ser não. Mais tarde eu demonstrarei o papel ativo do espaço – operacional ou instrumental -, como conhecimento e ação, no modo de produção existente. Eu demonstraria como o espaço serve, e como a hegemonia faz uso dele.

É central no pensamento de Lefebvre a hipótese de um profundo vínculo dialético entre o que ele considera enquanto o espaço percebido, o concebido e o vivido nos vários sistemas de produção da história. Essa concepção tríplice está ligada à ideia de: o primeiro elemento, de “prática espacial”, que engloba a produção e reprodução, lugares especificados e conjuntos espaciais próprios a cada formação social; o segundo, por sua vez, de “representações do espaço”, relações de produção e a ordem em que elas estão ligadas aos conhecimentos, aos signos e aos códigos; o terceiro, por fim, de “espaços de representação”, ou seja, espaços que estão ligados simbolicamente ao lado marginal da vida social e da arte.

Dessa maneira, é possível compreender como a hegemonia, e neste caso específico norteada pela lógica (neo)capitalista, impõe seu discurso sobre o espaço não só a partir da força física, mas também mediado através da cultura e do saber institucionalizado, como forma de manutenção ideológica de certos grupos socialmente sociais. Como é possível perceber no excerto anterior, numa abordagem de inspiração confessadamente marxista, Lefebvre adota a premissa de que os modos de produção da sociedade determinarão o modo de produção de seu espaço. Para tanto, há em sua proposta uma tentativa de transpor não só a divisão entre o espaço físico, mental e social, mas também romper as barreiras entre as áreas do conhecimento que problematizam o tema em discussão.

Outro trabalho de relevância para pensarmos a dinâmica múltipla dos espaços, e que encontra pontos de convergência nos conceitos de Foucault discutidos anteriormente, é o dos filósofos Deleuze e Guattari (1997). A partir dos conceitos de *liso* e *estriado*, os autores procuram caracterizar a complexa oposição entre dois tipos de espaço através de alguns modelos de análise e de como, apesar de não possuírem a mesma natureza, estes espaços só existem graças às misturas entre eles. Assim, o primeiro, ligado à ideia da heterotopia foucaultiana, é considerado como nômade e representado como peregrino, constituindo-se enquanto superfície

Muitas pessoas tendem a esquecer que o capitalismo tem ainda um outro aspecto, em que certamente está ligado ao dinheiro em funcionamento, com os vários mercados, e com as relações sociais de produção, mas que é diferente destes precisamente porque é dominante. [...] A hegemonia implica em mais do que uma influência, mais até do que o uso permanente da violência repressiva. Ela é exercitada sobre a sociedade como um todo, a cultura e o conhecimento incluídos, e via mediação humana: política, líderes políticos, partidos, como também um bom número de intelectuais e especialistas. Ela é exercitada, portanto, sobre instituições e ideias.”

que pode proliferar em várias direções, desencadeando uma rede complexa de linhas. O segundo, por sua vez, é sedentário, remete a ideia de utopia de Foucault. Ao contrário do anterior, este é instituído a partir das sedimentações históricas, se constrói linear e organizadamente.

De acordo com Deleuze e Guattari (1997, p.179),

O espaço liso e o espaço estriado, — o espaço nômade e o espaço sedentário, — o espaço onde se desenvolve a máquina de guerra e o espaço instituído pelo aparelho de Estado, — não são da mesma natureza. Por vezes podemos marcar uma oposição simples entre os dois tipos de espaço. Outras vezes devemos indicar uma diferença muito mais complexa, que faz com que os termos sucessivos das oposições consideradas não coincidam inteiramente. Outras vezes ainda devemos lembrar que os dois espaços só existem de fato graças às misturas entre si: o espaço liso não pára de ser traduzido, transvertido num espaço estriado; o espaço estriado é constantemente revertido, devolvido a um espaço liso. Num caso, organizase até mesmo o deserto; no outro, o deserto se propaga e cresce; e os dois ao mesmo tempo. Note-se que as misturas de fato não impedem a distinção de direito, a distinção abstrata entre os dois espaços.

Diante de suas observações, os filósofos advertem que nenhum espaço é indefinidamente liso ou estriado. Isso porque, dependendo das posições ocupadas pelos sujeitos, os espaços tendem a mudar também.

Talvez uma das dificuldades encontradas em se trabalhar com esses conceitos filosóficos é que as teorias são pensadas através da ideia de rizomas, isto é, constituídas de multiplicidades através de dimensões e direções movediças, através de movimentos de “articulação, corte e superposição”. Porém, é através desse modelo de pensamento que os autores superam as dicotomias do pensamento verticalizante e estabelecem uma epistemologia onde os conceitos não são hierarquizados, nem partem de um ponto central, mas que funciona através de encontros e agenciamentos entre saberes múltiplos e transversais, podendo derivar infinitamente - ao contrário do modelo central em relação ao qual remonta cada elemento local. Essa forma de organização filosófica é denominada pelos próprios autores de “teoria das multiplicidades”. Assim,

qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo. [...] Num rizoma, ao contrário, cada traço não remete necessariamente a um traço lingüístico: cadeias semióticas de toda natureza são aí conectadas a modos de codificação muito diversos, cadeias biológicas, políticas, econômicas, etc., colocando em jogo não somente regimes de signos diferentes, mas também estatutos de estados de coisas. (1995, p.15)

Essa perspectiva teórica torna-se fundamental para pensar as dinâmicas do espaço contemporâneo, bem como da (des/re)territorialização, uma vez que nossa proposta também vem trazendo um esquema de diálogo entre várias áreas do saber sobre as diásporas, como também do espaço socialmente construído.

É nesse sentido, então, que recorreremos também ao conceito de agenciamento dos autores para falar do processo de territorialização, pois os agenciamentos extrapolam o espaço geográfico e, como tudo pode ser agenciamento, eles se constroem no âmbito do território, isto é, nas relações de poder entre os sujeitos. O agenciamento é um conceito mais amplo do que as de estrutura, forma e sistema. Isso porque ele comporta elementos heterogêneos entre si, provenientes da ordem biológica, social, imaginária. Para Deleuze e Guattari (1997, p.193),

Todo agenciamento é, em primeiro lugar, territorial. A primeira regra concreta dos agenciamentos é descobrir a territorialidade que envolvem, pois sempre há alguma [...].O território é feito de fragmentos descodificados de todo tipo, extraídos dos meios, mas que adquirem a partir desse momento um valor de “propriedade” [...]

Vale a pena lembrar que aqui o conceito de território é utilizado num sentido muito mais amplo, onde pode ser utilizado para designar tanto um “espaço vivido” quanto um sistema, pois ele “é sinônimo de apropriação, de subjetividade fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto de projetos e representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos” (GUATTARI & ROLNIK, 1996, p.323).

No entanto, por não ser algo imóvel e imutável, todo território pode se desterritorializar, isto é, engajar-se em linhas de fuga e sair do seu próprio território. Nesse sentido, A desterritorialização seria entendida como “o movimento pelo qual

‘se’ abandona o território” (DELEUZE & GUATTARI, 1997, p. 197). Da mesma forma, pode-se também realizar um movimento de construção do território, ou seja, de reterritorialização. Assim, segundo a mesma lógica do movimento nômade, a cada movimento de desterritorialização surge a necessidade de uma reterritorialização compensatória, mesmo que momentânea, mesmo que “em trânsito”.

Em suma, para Deleuze e Guattari, como todo território é agenciamento, tudo pode ser desterritorializado e reterritorializado. Lembramos que aqui os conceitos de des/re/territorialização são usados de forma múltipla e abrangente, não só como ferramentas para o entendimento de questões filosóficas, mas também de práticas e espaços sociais, projetos políticos de libertação dos desejos e modos de produção da subjetivação.

Sobre as diferentes versões da desterritorialização, Rogério Haesbaert (Cf. 2007, p.59-61) elenca algumas das principais interpretações sobre o tema em algumas áreas do saber – a geografia, a sociologia, a antropologia. Considerando de maneira bem didática, o conceito de desterritorialização pode ser compreendido da seguinte forma:

- a) como domínio dos fluxos e da mobilidade, contrapondo-se, dessa forma, ao território, que, por sua vez, representa o *locus* do enraizamento;
- b) como perda de referências espaciais, concretos, isto é, o conceito de território é confundido com a ideia de espaço geográfico;
- c) “como perda de poder em termos do controle dos processos sociais através do espaço”, onde o território seria considerado uma construção histórica bem definida ligada à formação dos Estados modernos;
- d) como ‘deslocalização’ econômica por parte de grandes corporações nacionais, favorecendo o seu deslocamento e localização em vários lugares;
- e) “como fruto da crescente homogeneização cultural do planeta. O território é valorizado em sua dimensão cultural, identitária, vinculado à diferenciação e diversidade cultural”.

Dessa forma, segundo o autor, sobrevalorizando uma determinada cultura, ou identidade cultural, através do processo de globalização, esquece-se a dialogicidade

desse movimento de semelhança e diferença, “na medida em que reúne num mesmo conjunto globalização e fragmentação, homogeneização e heterogeneização, condições culturais mundiais e locais” (*Ibidem*).

Faz-se mister aqui ressaltarmos que esse conceitos são fundamentais para se compreender melhor a dinâmica das diásporas contemporâneas, em especial aquelas abordadas neste trabalho, a saber, as dos países africanos de língua portuguesa e suas representações nas ficções em prosa. Como vimos no capítulo anterior, tais diásporas são caracterizadas pela heterogeneidade social, cultural, política e histórica, e estão marcadas pelas mobilidades social e geográfica vinculadas à dinâmica do capitalismo global e dos efeitos pós-coloniais.

Por fim, essas diferentes perspectivas teóricas que surgiram a partir da segunda metade do século XX rompem com a delimitação clássica do espaço enquanto algo meramente físico para ampliar sua compreensão numa perspectiva múltipla e relacional. Assim, a partir de um diálogo interdisciplinar, queremos defender a ideia de que, nas ficções literárias, os espaços diaspóricos são constituídos por diferentes razões, tencionam e problematizam as relações entre as representações ficcionais de diversos grupos culturais, isto é, se configuram como um “espaço da identidade”, ou de “identificações”. Isso só nos faz refletir e chegar à conclusão prévia de que, nas obras em análise, o sentido de identidade cultural está, de uma forma ou de outra, dependente também de uma percepção do espaço na diáspora e em sua dimensão múltipla.

Vejamos agora como a dimensão espacial é percebida na/pela teoria da literatura a partir da análise de alguns dos mais conhecidos manuais de narratologia e, depois, das várias correntes da crítica literária.

3.2 Categorias do Espaço nos manuais de narratologia

Quando voltamos os olhos para os “manuais” de análise do romance, percebemos que quase todos são unânimes em apresentar, de maneira apressada e superficial, o espaço como uma categoria secundária da diegese que, por um lado, ancora a narrativa no real, estabelecendo pela *mímesis* exterior um efeito de real;

por outro, desempenha funções narrativas de descrição e estruturação dos personagens, facilitando, ou não, as ações, os diálogos e as descrições.

É possível encontrarmos esse tipo de conceito reducionista em obras de autores como Yves Reuter, *Introdução à análise do romance* (1991) e *A análise da narrativa* (1997); Edward Morgan Forster, *Aspectos do romance* (1969); Edwin Muir, *A estrutura do romance* (1928); entre inúmeros outros. Além disso, é perceptível que o *corpus* de análise elegido por esses autores faz parte do universo do cânone literário anglo-eurocêntrico, englobando todas as outras obras num olhar universalizante.

No livro *Narratology: the form and function of narrative*, de Gerald Prince, há uma pequena sessão de pouco mais de três páginas destinada ao estudo do espaço e sua função em relação ao narrador. Na passagem do primeiro capítulo, “*Narrating*”, o espaço está sempre em subordinação às outras categorias, em especial o tempo e o foco narrativo. Após ilustrar algumas de suas ideias com exemplos não literários que ele mesmo cria, o autor chega à conclusão de que “the place of narration plays no role whatsoever in many famous narratives and is frequently not even mentioned⁴⁴” (1982, p.32).

No entanto, numa passagem mais adiante, Prince chama a atenção para o fato de que existem algumas narrativas onde o lugar da narração é frequentemente mencionado, embora isso possa não ser significativo. Com exemplos de três obras⁴⁵, o autor diz que em tais narrativas o espaço às vezes funciona tematicamente, estruturalmente ou como um dispositivo de caracterização.

Should a narrator only narrate when he is in wide-open spaces and near a lake, for instance, this may reveal certain features of his personality; and should another narrator tell his tale from a hospital bed, this may mean that he is very near death and that he has to rush in order to complete his narration. Furthermore, one may easily conceive of narratives in which the space narration is systematically contrasted with that of the narrated (I always narrate in wide-open spaces events which took place in closed spaces); or narratives in which the former is progressively more (or less) distant and different

⁴⁴ “O lugar da narração não desempenha papel algum em muitas narrativas famosas e frequentemente nem é mencionado.”

⁴⁵ Gerald Prince analisa as obras *The Diary of A.N.; The Diary of a Superfluous Man*, do escritor russo Ivan Turgenev; e *The Journal of Edwin Carp*, romance escrito pelo comediante inglês Richard Haydn, obras desconhecidas da crítica literária em geral e que só funcionam mesmo para ilustrar os exemplos do autor.

from the latter and in which, consequently, the narration is more (or less) precise (I start narrating in California events having occurred in New York; I continue my narration in Chicago; and I finish it in New York); or narratives in which the space of the narration is so peculiar that the narrated is rendered in peculiar ways (I narrate, as they happen, events which I perceive through a miniscule hole in the wall of my cell).⁴⁶ (1982, p.33).

O “estudo” sobre o espaço no seu manual de narratologia acaba por aí o que evidencia o desprezo (ou a ausência) da categoria do espaço enquanto elemento estruturante da diegese. Pouco talvez para quem na introdução do livro se define a narrativa como “the representation of **at least two** real or fictive events or situation in a time sequence, neither of which presupposes or entails the other”⁴⁷ (*op.cit.*, p.4) e narratologia como o estudo da forma e função da narrativa. Além do mais, assim como em outros manuais, seu conceito de espaço está subordinado ao ponto de vista da narração.

Outra obra importante nos estudos da narrativa, *A estrutura do romance*, de Edwin Muir, aponta alguns avanços quanto à compreensão e o estudo do espaço. Principalmente porque sua teoria se aproxima do conceito bakhtiniano de *cronotopo*. O capítulo três, por exemplo, intitulado “tempo e espaço”, começa com a tese relacional de que não há romances só de personagens ou só de conflitos, mas que são predominantemente de uma coisa ou de outra (MUIR, s/d, p.35). A partir de então, o crítico escocês diz (*op.cit.*, p.36):

o mundo imaginativo do romance dramático está no Tempo e o mundo imaginativo do romance de personagem, no Espaço. Num, este é o argumento em linhas gerais, o Espaço é mais ou menos conhecido e a ação é construída no Tempo, no outro, o Tempo é pressuposto e a ação é um padrão estático, continuamente

⁴⁶ “Se um narrador apenas narrar quando estiver em espaços abertos e próximo de um lago, por exemplo, isso pode revelar certas características de sua personalidade; e se outro narrador contar sua história de uma cama de hospital, isso pode significar que ele está muito perto da morte e que ele tem que se apressar a fim de completar sua narração. Além disso, pode-se facilmente imaginar narrativas onde o espaço da narração é sistematicamente contrastado com o espaço do que é narrado (eu sempre conto em espaços abertos histórias que aconteceram em locais fechados); ou narrativas em que aquele é progressivamente mais (ou menos) distante e diferente deste e onde, conseqüentemente, a narração é mais (ou menos) precisa (eu comecei a narrar na Califórnia eventos que aconteceram em Nova Iorque; continuei minha narração em Chicago; e a terminei em Nova Iorque); ou narrativas onde o espaço da narração é tão peculiar que o narrado é processado de várias maneiras (eu narro, como acontecem, eventos que percebo através de um buraco minúsculo na parede da minha cela.”

⁴⁷ “a representação de **pelo menos dois** eventos ou situações reais ou fictícios em uma seqüência temporal, nenhum dos dois pressupõe ou implica no outro.”

redistribuído e reembaralhado no Espaço. É a fixidade e a circunferência do enredo de personagem que dá às partes sua proporção e sentido; no romance dramático é a progressão e a resolução da ação.

Em outras palavras, Muir considera os dois tipos de romance enquanto dois modos distintos de ver a vida: o romance dramático, isto é, de ação, está pautado na dinâmica do Tempo; o romance de personagem, social, e por isso pautado na dinâmica do Espaço. Assim, um enredo espacial não nega a possibilidade de um movimento temporal; nem um enredo temporal significa que não tenha lugar no espaço. Tudo é uma questão de observar o elemento predominante.

Ao longo do capítulo, no entanto, o autor acaba por reservar maior predominância à análise do Tempo, a partir de alguns exemplos de romances de língua inglesa e do romance *O Idiota*, do russo Dostoievski. Apenas no final do capítulo retorna a tecer mais considerações sobre o romance de personagem, ou seja, aquele em que o enredo está pautado na dinâmica espacial.

Há nos grandes romances de personagem um sentimento de espaço intensamente preenchido tão extraordinário a seu modo quanto o sentimento de tempo comprimido no romance dramático. A exuberância quase de pesadelo da vida de Londres de Dickens; a turba de personagens que se acotovela mutuamente em seus livros, de modo que a cena parece abarrotada a ponto de explodir: esta intensidade de realismo espacial, que só pode ser encontrada no romance de personagem, é a contraparte da intensidade do tempo [...]. (*op.cit.*, p.49).

Valendo-se dos pressupostos de Gérard Genette, bem como das funções da diegese por ele elencadas no texto “Fronteiras da narrativa” (1976), um dos manuais teóricos mais utilizados na análise dos romances durante muito tempo é o livro *O universo do romance* (1972), dos autores Roland Bourneuf e Réal Ouellet. Em um estudo que procura abranger o gênero, seus temas, técnicas e funções, a obra analisa as categorias das narrativas em prosa a partir de enfoques teóricos e comentários sobre romances clássicos e modernos.

O capítulo destinado ao estudo do espaço, bem maior do que os manuais anteriores, inicia com comentários sobre as indicações geográficas presentes em

vários romances conhecidos⁴⁸ e de como o tema da viagem dá a outros seu princípio de unidade. Desta forma, ao tomar como exemplo os romances de Zola, os autores afirmam que “la simple representación geográfica del espacio como etapa preliminar de su estudio hace factible a menudo la aparición de importantes características.”⁴⁹(BOURNEUF & OUELLET, 1981, p.116).

É importante observarmos, no subcapítulo “Desplazamientos e itinerarios”, a relevância que os autores dão ao espaço (ou espaços) e sua dinâmica movente, ou seja, o modo como os personagens interagem e se deslocam no espaço ficcional e como estes deslocamentos correspondem, muitas vezes, aos movimentos interiores do próprio personagem e sua evolução psicológica. De acordo com os autores Bourneuf & Ouellet (1981, p.119):

Algunas narraciones pueden fijarse – éste es un caso extremo – durante toda la acción en un único punto, como en la tragedia clásica; otras pueden evolucionar sobre una mayor o menor extensión, en mayor o menor número de lugares; y otras, finalmente, pueden no tener más límites que los de la imaginación o la memoria del lector. Si se buscan la frecuencia, el ritmo, el orden y sobre todo el motivo de los cambios de escenario de una novela, puede llegar a descubrirse hasta qué punto estos factores son importantes para asegurar a la narración, al mismo tiempo, su unidad y su movimiento, y cómo el espacio depende de todos los elementos que lo integran.⁵⁰

Tomando como exemplo mais “perfeitamente coerente” o romance *Madame Bovary*, Bourneuf & Ouellet (*op.cit.*, p.121-3) afirmam que nele as mudanças de lugar sublinham pontos importantes na intriga e da composição dramática da narração. Assim, observamos que há uma integração de três planos da narrativa: o espaço, enquanto representação real e imaginária; o personagem Emma Bovary, mostrando através de seus próprios olhos uma visão subjetiva e romântica do mundo; e o tempo transcorrido durante a ação.

⁴⁸ Apesar de conhecidos, os romances fazem parte do cânone da literatura francófona e anglófona. Autores como Zola, Flaubert, Proust - principalmente estes -, Melville, Cervantes, estão entre os mais citados.

⁴⁹ “A mera representação física do espaço como uma fase preliminar de seu estudo muitas vezes torna possível o surgimento de importantes características.”

⁵⁰ “Algumas narrativas podem fixar-se – este é um caso extremo – durante toda a ação em um único ponto, como a tragédia clássica; outras podem evoluir ao longo de um maior ou menor grau, em maior ou menor número de lugares; e outras, finalmente, podem não ter mais limites do que o da imaginação ou da memória do leitor. Buscam-se a frequência, o ritmo, a ordem e sobretudo o motivo das mudanças de cenário de um romance, pode chegar a descobrir-se até que ponto esses fatores são importantes para assegurar à narração, ao mesmo tempo, sua unidade e seu movimento, e como o espaço depende de todos os elementos que o integram.”

Para os autores, a figura do romancista seria comparada com a do pintor ou o fotógrafo, porque, para começar seu trabalho, “selecciona para empezar una porción de espacio que enmarca acto seguido y de la que se sitúa a una cierta *distancia*” (*op.cit.*, p.125). Assim, é possível percebermos que a relação do espaço com os outros elementos da narrativa vai mudando de acordo com as épocas. Por exemplo, enquanto em romances do século XVII a descrição de lugares se reduz com frequência a características gerais; nos romances do século XIX a revelação dos personagens através do meio ambiente é um procedimento comum de caracterização entre muitos outros.⁵¹ A novela contemporânea⁵², por sua vez, mostra com frequência o espaço através dos olhos do personagem ou do narrador (Cf. BOURNEUF & OUELLET, 1981, p.132).

Outro problema que chama a atenção dos autores é a relação entre o espaço ficcional e sua representação na realidade empírica. Nesse aspecto, segundo os autores, o espaço do romance constitui um dos problemas cruciais da *mimesis* por causa das duas concepções de literatura:

la literatura copia fiel de la realidad, por un lado, y la literatura que se remite a sí misma, por el otro. El problema, pues, reside en el grado de realismo que puede existir en la imitación de la realidad. Faltos de una respuesta (que, por ahora, no puede ser más que polémica, incluso terrorista, cuando no incesantemente diferida), ciertos críticos han intentado llevar a cabo un inventario de los procedimientos que constituyen los criterios del discurso realista: motivación psicológica, referencia a lo conocido, modelos descriptivos, etc. Desde otra perspectiva, la sociocrítica intenta dilucidar menos la relación entre la novela y la realidad social que la relación existente entre la novela y el discurso que la sociedad segrega sobre sí misma, <<el universo fuera del texto>> que tal discurso supone y al cual se refiere.⁵³ (BOURNEUF & OUELLET, 1981, p.139-40).

⁵¹ Isso acontece com frequência por causa da tendência dos romances da época quererem se assemelhar, por ambição e influência do Positivismo e do Evolucionismo, às teorias científicas vigentes na época.

⁵² Lembramos que o livro foi publicado em 1972, na França, e considera autores franceses da época, como: Albert Camus, André Malraux, Louis Aragon e Alain Robbe-Grillet.

⁵³ “a literatura cópia fiel da realidade, por um lado, e a literatura que se refere a si mesma, por outro. O problema, então, é o grau de realismo que pode existir na imitação da realidade. Na falta de uma resposta (que, por enquanto, só pode ser controversa, mesmo terrorista, se não indefinidamente adiada), alguns críticos têm tentado realizar um inventário de procedimentos que constituem os critérios do discurso realista: motivação psicológica, referência ao conhecido, modelos descritivos etc. Diferentemente, a sociocrítica tenta elucidar menos a relação entre o romance e a realidade social do que a relação entre o romance e o discurso que segrega a sociedade sobre si mesma, ‘o universo fora do texto’ que tal discurso supõe e a que se refere.”

O mesmo problema se faz presente no livro do português Vitor Manuel de Aguiar e Silva, *Teoria da Literatura*, onde o autor dedica alguns capítulos para o estudo dos elementos constituintes da narrativa. Dentre eles, ganham destaque privilegiado os capítulos sobre o personagem, com várias subseções, o narrador e o tempo. No entanto, o estudo dedicado ao espaço, intitulado “A descrição”, não tem o mesmo peso dos demais, restringindo-se a uma acanhada passagem sobre a descrição na narrativa e como ela se constitui em discurso pelo narrador. A própria escolha do título já denuncia, desde o início, a perspectiva teórico do autor. Assim, a parte dedicada ao espaço na narrativa tangencia-se para o estudo das outras categorias⁵⁴.

Este caminho por entre alguns dos mais recorrentes manuais de teoria do romance que percorremos nos mostra como estes não conseguem dar conta da dinâmica do espaço nos romances, principalmente dos modernos e contemporâneos: ou porque o consideram como um mero elemento de ancoragem do texto na realidade, e, por isso, de importância secundária na diegese; ou porque, apesar de suas contribuições, analisam obras antigas demais.

Saindo um pouco da superficialidade dos manuais apresentados anteriormente, a passagem dedicada ao Espaço no *Dicionário de Teoria da Narrativa*, de Carlos Reis e Ana Cristina Lopes, longe de ser um manual, procura, por um lado, evidenciar a multiplicidade dos estudos da narratologia⁵⁵ e, por outro, os limites e dificuldades de sistematização teóricas suscitadas por esta mesma diversidade epistemológica.

Logo no primeiro parágrafo do verbete “Espaço”, Reis e Lopes (1988, p.204) afirmam, ao contrário dos manuais analisados, que este “constitui uma das mais importantes categorias da narrativa, não só pelas articulações funcionais que estabelece com as categorias restantes, mas também pelas incidências semânticas que o caracterizam”. Estas primeiras palavras já evidenciam a importância do

⁵⁴ Segundo Marisa Martins Gama-Khalil (2010), além do texto de Vítor Manuel de Aguiar e Silva outros autores seguem a trajetória teórica do texto de Georg Lukács “Narrar ou Descrever”, onde o teórico húngaro afirma, a partir do romance realista, a superioridade da narração sobre a descrição, propondo que seja o método narrativo o desencadeador de uma representação “fiel” dos destinos humanos. Assim afirma a autora (2010, p.219): “Lukács constrói uma dicotomia que considera a descrição desvinculada dos motivos geradores da ficção e, por esse motivo, desencadeia o quadro estático; e a narração, ao contrário, como o método discursivo que consegue articular os motivos geradores, deflagrador de cenas que compõem a dramaticidade do enredo.”

⁵⁵ Aqui os autores tomam como base para a a construção do verbete teorias do espaço desenvolvidas por autores como: E. Muir, R. Bourneuf & R. Ouellet, M. Bakhtin, J. Kestner, R. Gullón, S. Chatman, G. Zoran, entre outros, alguns dos quais são utilizados e analisados neste trabalho.

espaço enquanto elemento constituinte das narrativas, uma vez que ele deixa de ser considerado um mero elemento secundário, responsável apenas pela descrição física na estruturação da diegese, de acordo com as perspectivas anteriormente apontadas.

Mais adiante, os autores consideram a importância do espaço na formação das atmosferas social e psicológica na narrativa. Isso porque, além de compreender os componentes físicos que servem de cenário para o desenrolar da ação, o conceito de espaço também pode ser entendido abarcando as atmosferas sociais (espaço social) e psicológicas (espaço psicológico).

Nesse sentido, o espaço social configura-se pela presença de tipos, isto é, personagens e ambientes que ilustrem, “num contexto periodológico de intenção crítica, vícios e deformações da sociedade” (1988, p.205). Enquanto isso, o chamado espaço psicológico é responsável por criar ou “evidenciar atmosferas densas e perturbantes, projetadas sobre o comportamento, também ele normalmente conturbado, das personagens” (1988, p.205). A esse respeito, voltaremos mais adiante neste capítulo com as contribuições de Osman Lins para a construção de uma teoria do espaço romanesco e a distinção entre espaço e ambientação a partir do seu estudo sobre a obra do escritor brasileiro Lima Barreto.

O que observamos no âmbito dos manuais da narrativa é que os livros que têm o espaço como tema, e não são muitos, centram-se, em sua maioria, na análise de obras e não no desenvolvimento de uma teoria sobre a espacialidade na literatura. Por isso, no próximo sub-item, seguimos com um estudo sobre o lugar do espaço na teoria da literatura, desde suas origens no começo do século XX, passando, logo após, a uma problematização do espaço ficcional, aproximando criticamente seu conceito com os de espaço diaspórico, discutido no primeiro capítulo, e as demais dimensões do espaço vistas no início deste.

3.3 Espaço e Teoria Literária

Ao longo do século XX, durante os primeiros períodos na consolidação da teoria da literatura, o que se observou foi a busca pela especificidade do seu objeto, ou seja, a definição de literariedade. Assim, a crítica procurou afastar-se das

tendências usadas até então no estudo do texto literário: da estética, ramo da filosofia, do caráter impressionista da leitura e de qualquer outra abordagem de natureza histórica, psicológica ou sociológica cuja ênfase está em elementos biográficos do autor e externos ao texto.

O crítico e teórico brasileiro Luiz Costa Lima considera que no desenvolvimento de uma teoria da literatura, a partir do colapso de projeto positivista da história como totalidade, há uma abertura para a teorização contemporânea em duas direções: uma de cunho linguístico, outra cultural⁵⁶. Para ele, enquanto a primeira ressalta o caráter verbal da literatura e a tratará como um universo fechado em signos, analisado através do suporte científico da linguística; a segunda, reverso da primeira, nega que o discurso literário só possa ser definido apenas de forma imanente, considerando o texto “literário senão em função do horizonte da cultura, da sociedade, de uma posição determinada dentro desta” (COSTA LIMA, 2006, p.1029).

No caso específico das narrativas em prosa, tais estudos geralmente se debruçam sobre os elementos específicos da diegese, ou seja, sobre as categorias de personagem, enredo, narrador, narratário, tempo, espaço, não necessariamente

⁵⁶ De acordo com Costa Lima (2002), essa direção teórica de cunho cultural é diferente dos *Cultural Studies*, uma vez que estes não têm, segundo o autor, nenhum interesse na teorização da literatura. No entanto, gostaríamos de abrir aqui um breve parágrafo para discordar da visão do crítico brasileiro. É óbvio que os Estudos Literários (EL) sofreram transformações consideráveis em meio à crise na produção e organização das ciências humanas na contemporaneidade, deixando assim de ocupar o lugar de conforto diletante que obras consagradas pelo tempo, pelos críticos e historiadores literários tinham no cânone ocidental. E talvez dois dos principais motivos que levaram a essa crise foram: a) o primeiro, sua abertura interdisciplinar a partir de um contato mais ativo com outras disciplinas e importação de conceitos e métodos de outros campos do conhecimento, o que também resultou numa maior legitimidade científica; b) o segundo, a emergência dos Estudos Culturais (EC), a partir das décadas de 50, 60 e, de maneira mais intensa, 70 e 80. A ascensão deste e o declínio daquele fez com que alguns críticos sugerissem a integração entre o EL e o EC numa tentativa de salvação dos impasses enfrentados pela teoria literária. Há alguns, como Terry Eagleton por exemplo, que chegam ao propor a radical dissolução dos EL nos EC, tornando explícita a dimensão política que a teoria literária comportaria. Por outro lado, outros, como Walter Moser (1998), por exemplo, sugerem que, ao invés dessa substituição, haja um reposicionamento entre as duas formações, uma interação baseada na autonomia e domínio próprio a cada uma das orientações de pesquisa. Isso favoreceria a dinâmica e a tensão entre as duas e seria uma estratégia intelectualmente mais promissora, inovadora e institucionalmente mais produtiva. Assim, com a evidência de produções contemporâneas oriundas de grupos historicamente desfavorecidos e marginalizados, os EL acabam por se abrir para ouvir textos que têm a dizer sobre práticas culturais e sobre suas próprias condições de existências, reconhecendo neles que um texto depende de um discurso entre outros e que interage ativamente com todo um sistema discursivo, do qual ele mesmo faz parte. Nos EL os “textos” são os objetos principais. Mas, apesar do texto poder representar um mundo adjacente à sua situação de produção e poder se autorrepresentar - numa atitude autorreferencial -, através deles temos acesso a outra realidade que não é de natureza textual, podendo representar suas condições de produção e existência, bem como as práticas culturais, no sentido amplo, de um determinado grupo. Dessa forma, os EL seriam levados a se interessar por novos enfoques e leituras do texto literário no horizonte mais vasto das práticas discursivas e culturais, não se fechando exclusivamente na imanência do texto. A partir disso, é possível dizer que os EC contribuíram (e contribuem) de forma significativa para a ampliação e construção de uma teoria da literatura, bem como os EL para a outra formação, principalmente na ampliação da noção de texto e do conceito de “textualidade”.

nessa ordem de importância. Vejamos de que maneira o desenvolvimento de uma teoria literária até certo ponto contribuiu para uma teorização do espaço literário.

Durante as primeiras décadas do século XX, o desígnio imanentista do texto, dominante nas abordagens formalista, no *new criticism* americano, na estilística, e que encontra largo apoio no estruturalismo, reforça a ideia de que o espaço, enquanto categoria narrativa, não ocupa lugar de destaque nas referidas correntes teóricas. Isso porque, como categoria empírica e percepção direta do mundo, isto é, representação de uma realidade externa à obra, ela não despertava interesse de uma análise centrada na linguagem como alicerce teórico principal.

Além disso, podemos dizer que a grande contribuição do formalismo russo se deu no campo da poesia, a partir dos conceitos de estranhamento e procedimento (*ostranenie* e *prim*, em russo, respectivamente) onde era mais fácil demonstrar a distinção entre linguagem poética e cotidiana, dando ênfase ao desvio, não na prosa.

Outra tendência imanentista, a saber, o *New Criticism*, também apontava na direção da análise do texto poético. Como diz Luís Alberto Brandão (2013, p.23),

Também no *new criticism* é notável a primazia do texto poético, a qual viabiliza que se advogue a autonomia da linguagem poética e se efetue a oposição às falácias críticas, que são, segundo os autores da corrente: a “falácia intencional”, que remete o sentido do texto à intenção do autor; a “falácia afetiva”, que confunde o poema com o impacto provocado sobre o leitor; a falácia do “mimetismo da forma”, que concebe o poema como mera transcrição da experiência; e a “falácia comunicacional”, que supõe que o texto seja veículo de ideias.

No caso dos primeiros estudos sobre a ficção em prosa, nas correntes imanentistas, na busca da especificidade do objeto da literatura, o espaço era considerado enquanto elemento constituinte da fábula, pano de fundo da ação, e, por isso, pouco valorizado nas análises. O trabalho de Wladimir Propp é um excelente exemplo disso. Apesar da contribuição na demonstração da aplicabilidade dos conceitos de *fábula* e *trama* (o que e como se narra, respectivamente), baseados na distinção entre *função* e *motivação*, sua tese está interessada nas articulações textuais, privilegiando o estudo da trama, ou seja, ainda privilegiando o

príom, ou procedimento, tão característico dessa vertente crítica. Assim, como o espaço está situado no plano da fábula, seu interesse para os formalistas é meramente secundário.

A partir dos anos 60, na França, o Estruturalismo se difunde como espécie de retomada e revisão dos postulados formalistas. Em função de seu vínculo com a linguística, assim como as tendências anteriores, na sua busca pela “gramaticalidade” do texto literário, a categoria do espaço, enquanto representação de um mundo extratextual reconhecível, desempenha um papel secundário. Aqui os focos de interesse do estruturalista são as vozes, a temporalidade e as ações (Cf. BRANDÃO, 2013, p.24).

Na linha dessa perspectiva, o espaço é legado a uma marginalidade teórica. Assim, alguns dos textos mais famosos publicados na coletânea *Análise estrutural da narrativa*, dentre os quais destacamos os estudos de Todorov, Genette e Barthes, passam ao largo do problema do espaço ficcional.

Para Todorov, no ensaio “As categorias da narrativa literária”, é através das “virtualidades do discurso literário” “que os estudos literários poderão tornar-se uma ciência da literatura” (1976, p.209). Em seu texto, o autor parte do entendimento da narrativa como história e discurso, privilegiando o estudo das categorias da personagem, do narrador e do tempo. Como história, a diegese está organizada através das ações que se desenrolam durante o enredo e as personagens e suas relações. Enquanto discurso, a narrativa se constrói, imprescindivelmente, a partir do tempo, do foco da narrativa e dos modos da narrativa, isto é, a maneira pela qual o narrador expõe a história, mostra os fatos.

Da mesma forma, para Roland Barthes, em “Introdução à análise estrutural da narrativa”, os elementos espaciais funcionariam apenas como uma espécie de “operador realista”, ou seja, estabelecendo uma ancoragem do texto ficcional na realidade empírica, a partir da categoria de elemento “informante”.

Os índices têm pois sempre significados implícitos; os informantes, ao contrário, não o têm, pelo menos ao nível da história: são dados puros imediatamente significantes. Os índices implicam uma atividade de deciframento: trata-se para o leitor de aprender a conhecer um caráter, uma atmosfera; os informantes trazem um conhecimento todo feito; sua funcionalidade, como a das catálises, é

pois fraca, mas não é nula: qualquer que seja sua palidez em relação ao resto da história, o informante (por exemplo a idade precisa de uma personagem) serve para dar autenticidade à realidade do referente, para enraizar a ficção no real: é um operador realista, e neste título, possui uma funcionalidade incontestável, não ao nível da história, mas ao nível do discurso. (BARTHES, 1976, p.34-5)

Em outro texto, “O efeito de real”, no entanto, Barthes (Cf. 1972) questionará a suposta inferioridade da descrição em relação à narração. Defendendo a ideia de que tudo na narrativa seria significante, o teórico francês afirma, apesar disso, que os espaços representados na descrição ficcional são, antes de tudo, discurso e que, por isso, não copiam o mundo, mas o recriam.

Na mesma coletânea, o ensaio “Fronteiras da narrativa”, escrito por Gérard Genette, aborda o espaço por intermédio da dicotomia narração X descrição, seguindo a tradição de György Lukács, legando ao último elemento a competência das espacialidades na narrativa literária.

Para Genette (1976, p.262-4),

A oposição entre narração e descrição, além de acentuada pela tradição escolar, é um dos traços maiores de nossa consciência literária. Trata-se no entanto aqui de uma distinção relativamente recente, da qual seria necessário estudar algum dia o nascimento e o desenvolvimento na teoria e na prática da literatura. [...] Pode-se portanto dizer que a descrição é mais indispensável do que a narração, uma vez que é mais fácil descrever sem narrar do que narrar sem descrever (talvez porque os objetos podem existir sem movimento, mas não o movimento sem objetos). Mas esta situação de princípio indica já, de fato, a natureza da relação que une as duas funções na imensa maioria dos textos literários: a descrição poderia ser concebida independentemente da narração, mas de fato não se a encontra por assim dizer nunca em estado livre; a narração, por sua vez, não pode existir sem descrição, mas esta dependência não a impede de representar constantemente o primeiro papel. A descrição é muito naturalmente *ancilla narrationis*, escrava sempre necessária, mas sempre submissa, jamais emancipada. [...]

O estudo das relações entre o narrativo e o descritivo reduz-se portanto, no essencial, a considerar as funções diegéticas da descrição, isto é, o papel representado pelas passagens ou os aspectos descritivos na economia geral da narrativa.

A longa citação é necessária e demonstra não só como o espaço era considerado como um elemento submisso à narração – *ancilla narrationis* –, mas

também como foi reduzido à instância da descrição, de ordens ornamental, explicativa e simbólica.

A partir do pensamento de Gérard Genette há a prevalência da sincronia sobre a diacronia, ou seja, a relação entre os termos da narrativa e a coerência interna das obras sobre o determinismo temporal que prevalecia nas análises até então. De acordo com Luís Alberto Brandão (2013, p.25), na obra de Genette,

O espaço passa a ser tratado não apenas como categoria identificável em obras, mas como sistema interpretativo, modelo de leitura, orientação epistemológica. Simultaneamente à ampliação do escopo, e coerentemente com a tendência não mimética baseada na concepção autotélica de linguagem, passa-se a falar de maneira bastante genérica, e usualmente metafórica, em “espaço da linguagem”.

Nessa mesma vertente podemos citar os trabalhos de Maurice Blanchot, *O espaço literário*, e Gaston Bachelard, *A poética do espaço*. Para ambos, a produção do espaço está ligada à experiência e ao contexto de produção do texto literário. Assim, enquanto para Blanchot, que analisa (con)textos de autores consagrados como Kafka, Borges, Woolf e outros, o espaço da linguagem se inscreve na luta e entrega do escritor à escrita, resgatando a leitura imanentista da obra literária:

A obra — a obra de arte, a obra literária — não é acabada nem inacabada: ela é. O que ela nos diz é exclusivamente isso: que é — e nada mais. Fora disso, não é nada. Quem quer fazê-la exprimir algo mais, nada encontra, descobre que ela nada exprime. (BLANCHOT, 2011, p. 12).

Para Bachelard, ao analisarmos o espaço literário, adentramos num nível mais filosófico e psicanalítico. A partir do que ele chama de *topoanálise*, isto é, “o estudo psicológico sistemático dos recantos de nossa vida íntima” (BACHELARD, 1978, p.196), o pensador suíço cria um sistema de figuração metafórico, um “processo de desfolhamento gradual e analítico, que, em última instância, consiste num processo de desfolhamento gradual e paciente das camadas das coisas, até atingir seu significado mais íntimo” (DIMAS, 1987, p.44).

Partindo de uma concepção fenomenológica e uma comparação entre a alma humana e a dimensão espacial de uma casa, Bachelard explora os espaços íntimos e seus significados simbólicos. Apesar de suas “meditações” não terem a pretensão de serem uma teoria, seu pensamento contribuiu significativamente para ampliar os estudos sobre a dimensão do espaço na leitura do texto literário.

O espaço compreendido pela imaginação não pode ficar sendo o espaço indiferente abandonado à medida e reflexão do geômetra. É vivido. E é vivido não em sua positividade, mas com todas as parcialidades da imaginação. Em particular, quase sempre ele atrai. Concentra o ser no interior dos limites que protegem. O jogo do exterior e da intimidade não é, no reino das imagens, um jogo equilibrado. Por outro lado, os espaços de hostilidade são apenas evocados nas páginas que seguem. Esses espaços do ódio e do combate não podem ser estudados senão referindo-se a matérias ardentes, às imagens de apocalipse. No momento, colocamo-nos diante das imagens que atraem. E, no que concerne às imagens, parece claro que atrair e rechaçar não resultam em experiências contrárias. Os termos são contrários. Pode-se falar simetricamente de repulsão e atração, estudando a eletricidade ou o magnetismo. Basta uma mudança de sinais algébricos. Mas as imagens quase não abrigam idéias tranqüilas, nem idéias definitivas, sobretudo. A imaginação imagina incessantemente e se enriquece de novas imagens. É essa riqueza do ser imaginado que queremos explorar. (BACHELARD, 1978, p.196).

Outro crítico que contribuiu significativamente para o conceito do espaço e sua valorização para a teoria da narrativa foi Mikhail Bakhtin. Apesar de estar ligado aos formalistas, Bakhtin contrapunha-se ao grupo ao propor uma leitura de orientação sociológica. Para o crítico russo, há nas narrativas uma interligação indissociável das relações temporais e espaciais. Com isso, ele propõe para a análise do texto ficcional em prosa a noção de *cronotopo* segundo a qual tempo (*cronos*) e espaço (*topos*) funcionam dialogicamente no romance, na medida em que

[...] ocorre a fusão dos indícios espaciais e temporais num todo compreensivo e concreto. [...] O tempo condensa-se, comprime-se, torna-se artisticamente visível; o próprio espaço intensifica-se, penetra no movimento do tempo, do enredo e da história. Os índices do tempo transparecem no espaço, e o espaço reveste-se de sentido e é medido com o tempo. Esse cruzamento de séries e a fusão de sinais caracterizam o cronotopo artístico (BAKHTIN, 1998, p. 211).

Embora esse termo tenha sido empregado inicialmente nas ciências matemáticas e fundamentado na teoria da relatividade de Einstein, Bakhtin afirma que ele não é utilizado pela crítica literária com o seu sentido absoluto, mas de forma metafórica para expressar o caráter indissolúvel da relação desses termos enquanto categoria conteudístico-formal da literatura.

Durante o período conhecido como pós-estruturalista, na linha do pensamento desconstrucionista, houve uma recusa das pretensões científicas do estruturalismo, investindo contra a lógica ocidental que opera por binarismos opostos, e criticando as correntes hierárquicas do logocentrismo. Sem pretensões teóricas *stricto senso*, a desconstrução procura ser um posicionamento político-filosófico diante do universo das categorias criando, assim, um debate sobre a possibilidade crítica de abarcá-las. Dessa forma, “desconstruir a oposição significa, primeiramente, em um momento dado, inverter a hierarquia” (DERRIDA, 2001, p.48).

De acordo com essa perspectiva, o espaço passa a ser considerado segundo uma perspectiva relacional, uma vez não só rompe com o pensamento dos opostos binários⁵⁷, mas também recusa a pressuposição de que ele, o espaço, possa ocupar. “O espaço não é um ‘fato natural’, ou melhor, se há algo de ‘natural’, ressalte-se que a ‘natureza’ não possui estatuto de presença absoluta” (BRANDÃO, 2013, p.28).

Ainda no esteio e contribuições das teorias pós segunda metade do século XX, a Estética da Recepção dá ênfase à presença do leitor como construtor de sentidos, privilegiando seus aspectos formais e culturais, isto é, o texto passa a ser visto não só como uma estrutura desligada do seu contexto, mas também como um produto histórico e palco de manifestações culturais. Nesta perspectiva, o espaço, assim como qualquer outro elemento do texto ficcional literário, passa a ser concebido a partir de um sistema cultural e formal, ou seja, do “horizonte de expectativas” que orienta e define historicamente seus significados.

Ampliando ainda mais os caminhos abertos pela teoria de Hans Robert Jauss, seu discípulo Wolfgang Iser percebe que a teoria da recepção conduz, necessariamente, à reflexão do imaginário. Dessa maneira, Iser substitui a dicotomia

⁵⁷ Observado através do olhar centrado nos opostos, o espaço sempre esteve em segundo plano, isto é, do outro lado da barra lateral, assim: tempo/**espaço**; função/**forma** (aqui lembrar o conceito de fábula); transcendente/empírico (realidade externa à obra de ficção).

entre realidade e ficção pela tríade real-fictício-imaginário, esvaziando-se a questão ontologicamente determinada do realismo. Para o teórico alemão, a ficção literária incorpora parcelas da realidade sem definir em que grau e, por isso, o ato de fingir, do “como se” ou do aristotélico “que poderia ter sido”, repete uma parcela da realidade, sem que sua finalidade seja esgotar-se em sua apresentação, pois dela se apropria para transgredir o princípio da realidade.

A recepção não é primariamente um processo semântico, mas sim o processo de experimentação da configuração do imaginário projetado no texto. Pois na recepção se trata de produzir, na consciência do receptor, o objeto imaginário do texto, a partir de certas indicações estruturais e funcionais. Por este caminho se vem à experiência do texto. Na medida em que este se converte em um objeto estético, requer dos receptores a capacidade de produzir o objeto imaginário, que não corresponde às suas disposições habituais. Se o objeto imaginário é produzido como o correlato do texto na consciência do receptor, pode-se então dirigir a ele atos de compreensão. Esta é a tarefa da interpretação. Dela resulta a conversão deste objeto imaginário em uma dimensão semantizada (*Sinndimension*). A recepção, portanto, está mais próxima da experiência do imaginário do que a interpretação, que pode apenas semantizar o imaginário. (ISER, 2002, p.950).

Nesse sentido, o ato de fingir⁵⁸ implica uma dupla transgressão: “irrealização do real e o tornar-se real do imaginário” (COSTA LIMA, 2006, p.283). Dessa forma, a partir das relações em potencial sugeridas pela teoria de Iser, é possível pensarmos o espaço não só como uma realidade espacial, isto é, “como modo de percepção empírica, associada a métodos de observação e representação do espaço e a modelos de organização geopolítica e econômica”, também é possível o pensarmos como um discurso espacial, “conjunto de produtos, com graus variados de formalização (...), no qual se concretiza, além de um sistema conceitual e operacional, um quadro de referências simbólicas, um conjunto de valores de natureza cultural a que genericamente se denomina *imaginário espacial*” (BRANDÃO, 2013, p.35).

⁵⁸ Para a teoria de Iser, os atos de fingir são estruturados a partir de três operações: seleção, combinação e desnudamento da ficção. A primeira está diretamente relacionada à transgressão da realidade, dela retirando suas “funções reguladoras” e desautomatizando-as, as converte em “objetos da percepção”; a segunda, responsável pela combinação de elementos textuais e o esquema de organização do enredo; a terceira, por fim, expõe a ficção como uma representação da realidade – não a reproduzindo -, criando entre o mundo real e o representado o contraste do “como se” aristotélico.

Os conceitos propostos por Iser nos ajudam a compreender a literatura simultaneamente como uma realidade, processo de ficção e movimento do imaginário. Pensando através dessa conjuntura teórica, o espaço passa a ser vista como produto, como relação e como condição de semelhança e diferença da obra no estabelecimento de relações com seu contexto/horizonte de expectativa.

Outra abordagem que passou não só a valorizar o lugar do espaço na ficção, mas também como uma categoria reflexiva e de análise foram os *Cultural Studies*. Considerados como um campo interdisciplinar, os Estudos Culturais apresentam-se como crítica à própria noção de crítica em defesa do processo de politização da teoria. Assim, no dizer de Bhabha (1998, p.58),

Tais negociações entre política e teoria tornam impossível pensar o lugar do teórico como uma metanarrativa que pede uma forma mais total de generalidade. Tampouco é passível reivindicar uma certa distancia epistemológica familiar entre o *tempo e lugar* do intelectual e do ativista, como sugere Fanon quando observa que “enquanto s políticos situam sua ação em acontecimentos do momento, os homens de cultura se posicionam no campo da história”. É precisamente esse popular binarismo entre teoria e política, cuja base fundacional é uma visão do saber como generalidade totalizante e da vida cotidiana como experiência, subjetividade ou falsa consciência, que eu tentei apagar.

No campo literário, a primeira consequência dessa abordagem é a retomada da noção de literatura como representação. O texto justifica-se apenas e tão somente na medida em que se oferece como arena onde os vetores conflituosos de determinada configuração cultural se manifestam. Por esse motivo, a abordagem põe em evidência os lugares nos quais os discursos são produzidos e, por isso, a recorrência a termos como centro, margem, fronteira, entre-lugar, colônia, etc. O perigo, no entanto, é reduzir o processo mimético no discurso literário restaurando a concepção especular entre a arte e a sociedade.

Se a teoria se politiza, então quer dizer que as categorias de análise do texto também se politizam. No caso específico do espaço ficcional, ele será marcado não apenas pela sua função na narrativa, mas também, na relação extratextual, pelas visões convergentes e divergentes entre conflitos, valores e culturas, criando um verdadeiro “espaço de identificações”.

O “espaço de identidade”, sem dúvida, é marcado não apenas por convergência de interesses, comunhão de valores e ações conjugadas, mas também por divergência, isolamento, conflito e embate. Se, como o espaço, toda identidade é relacional, pois só se define na interface com a alteridade, seu principal predicado é intrinsecamente político. “Espaço de identificações” pode ser entendido, genericamente, como sinônimo de cultura. (BRANDÃO, 2013, p.31).

Contemplando aspectos materiais e simbólicos das dinâmicas sociais e culturais, o espaço passa a ser visto como algo mais do que o cenário das ações na narrativa, como um espaço de construção de identidade. Nesse sentido, enquanto conjunto de indicações reais e abstratas que constituem o sistema de relações geográficas, históricas, sociais, culturais e discursivas do sujeito ficcional, o espaço nos interessa na medida em que revela, através da linguagem, a imersão dos personagens em um determinado universo cultural.

É sob tal perspectiva que o espaço de uma obra literária nos possibilita um estudo que não se limita a apenas o objeto, mas que abre margens a um diálogo interdisciplinar. Assim, é possível analisar “um léxico espacial que inclui termos como margem, território, rede, fronteira, passagem, cartografia, buscando compreender os vários tipos de espaço representados no texto literário em função do fato de se vincularem a identidades sociais específicas” (BRANDÃO, 2007, p.298-9).

3.4 Passos, Ex-passos e Espaços

Nos estudos da narrativa ficcional, o espaço constitui um dos mais importantes elementos da diegese, não só pelas articulações que estabelece com as demais categorias - de maneira especial o ambiente, o tempo e a perspectiva narrativa -, mas também pelas incidências semânticas que o caracterizam. Sendo o lugar onde se desenvolve a ação da narrativa, ele pode ser apreendido tanto em suas relações com o real, ancorando a narrativa numa *mímesis* que nos remete ao universo cultural recuperável fora do romance, criando um efeito de real que liga o texto ao

seu contexto de produção, como também através de suas funções no interior do texto, articulado aos demais elementos semânticos da narrativa, refletindo na ambientação as relações conflituosas entre as personagens.

Por isso, para o estudo do espaço, é indispensável salientar o caráter indissociável entre os componentes que atribuem à narrativa uma estruturação própria do gênero, bem como suas funções no processo de ressignificação do texto literário. Benedito Nunes (2008, p.6) considera que existe um processo de interdependência entre tempo e espaço na narrativa: “o tempo está inseparavelmente ligado à narrativa como aos corpos no espaço”. Para Osman Lins (1976, p.63), não só espaço e tempo são indissociáveis, mas “a narrativa é um objeto compacto e inextrincável, todos os seus fios se enlaçam entre si e cada um reflete inúmeros outros”.

Enquanto parte fundamental da dinâmica narrativa, o espaço é entendido na sua forma mais simples como o cenário geográfico e social onde se desenvolve a ação, e que mantém uma estreita relação com os demais elementos da diegese. Para seu estudo, é indispensável salientar a relação dialógica entre o tempo e o espaço, inseparavelmente ligados no universo do romance. Isso porque a atual teoria da literatura, como também a crítica, atribui-lhes funções determinantes na estruturação do texto, entrelaçando-se de forma mais significativa, assim, com os demais elementos narrativos. Segundo Antônio Dimas,

[...] o espaço pode alcançar estatuto tão importante quanto outros componentes da narrativa, tais como foco narrativo, personagem, tempo, estrutura etc. É bem verdade que, reconhecemos logo, em certas narrações esse componente pode estar severamente diluído e, por esse motivo, sua importância torna-se secundária. Em outras, ao contrário, ele poderá ser prioritário e fundamental no desenvolvimento da ação, quando não determinante. Uma terceira hipótese ainda, esta bem mais fascinante, é a de ir-se descobrindo-lhe a funcionalidade e organicidade gradativamente, uma vez que o escritor soube dissimulá-lo tão bem a ponto de harmonizar-se com os demais elementos narrativos, não lhe concedendo, portanto, nenhuma prioridade. [...]

No quadro da sofisticação crítica a que chegaram os estudos sobre o romance, é fácil perceber que alguns aspectos ganharam preferência sobre outros e que o estudo do espaço ainda não encontrou receptividade sistemática. (DIMAS, 1994, p. 5-6).

Para o autor, o romance contemporâneo conseguiu sobrepor-se à superioridade do tempo nas narrativas, traço característicos dos romances do século XIX, muito embora pouca atenção se tenha dedicado ao estudo do espaço na ficção em prosa⁵⁹. O que se observa, no entanto, é a publicação de alguns trabalhos isolados, em geral analisando o espaço a partir de algumas obras literárias.

No Brasil, deve-se a Osman Lins uma das melhores contribuições teóricas sobre o tema, distinguindo entre espaço e ambientação. Enquanto o primeiro tem caráter denotativo, é explícito, e pressupõe uma experiência de mundo pautada na realidade, exterior ao texto; o segundo, por sua vez, conotativo e implícito, impõe “certo conhecimento da arte narrativa” (LINS, 1976, p.77). Em sua teoria, Lins propõe uma definição nada convencional do espaço e mais abarcante com relação às funções dele na narrativa e sua caracterização, tornando favorável a amplificação de leituras críticas acerca dele e de sua relação com os demais itens narrativos.

[...] o espaço, no romance, tem sido – ou assim pode entender-se – tudo que, intencionalmente disposto, enquadra a personagem e que, inventariado, tanto pode ser absorvido como acrescentado pela personagem, sucedendo, inclusive, ser constituído por figuras humanas, então coisificadas ou com a individualidade tendendo para zero (LINS, 1976, p. 72).

Essa visão mais ampla do autor deve-se ao fato de que, para ele, o espaço não se reduz ao denotado e, com isso, apenas à categoria de “operador realista”, como diria Barthes (1976, p.34); mas também aos seus aspectos simbólicos, metafóricos. Esses elementos, ligados à ideia de espaço, e sendo invariavelmente de caráter “abstrato”, segundo o autor, definem o conceito de atmosfera.

[...] a atmosfera [...] consiste em algo que envolve ou penetra de maneira sutil as personagens, mas não decorre necessariamente do espaço, embora surja com frequência como emanção deste elemento, havendo mesmo casos em que o espaço justifica-se exatamente pela atmosfera que provoca. (LINS, op.cit., p. 76).

⁵⁹ A esse respeito, é só observarmos, por exemplo, a publicação de obras dedicadas ao estudo do tempo como: *O tempo e o romance* (1952), de Adam Abraham Mendilow; *O tempo na literatura* (1976), de Hans Meyerhoff; *O tempo no romance* (1946), de Jean Pouillon; e os três tomos de *Tempo e Narrativa* (1983, 84 e 85), de Paul Ricoeur.

Outro conceito teórico importante desenvolvido pelo autor é a ambientação. Na visão de Lins (*op.cit.*, p.83), existem três tipos de ambientação: a franca, onde o espaço é apresentado pela descrição direta do narrador externo à ação; a reflexa, através da visão da personagem; e a oblíqua, que “exige a personagem ativa: o que a identifica é o enlace entre o espaço e a ação”. Apesar de sua importância, não vamos nos deter no estudo de Osman Lins sobre o espaço na obra romanesca de Lima Barreto.

Mais curto em relação ao estudo anterior, o ensaio de Antonio Candido intitulado “Degradação do espaço”, versa sobre a produção de significados que brota dos espaços a partir da construção semântica das imagens no texto. Através da ideia de sistema, Candido procura discutir a construção das obras literárias não apenas como uma expressão individual do artista, mas como um processo de investidura sociológica desencadeado do contexto social em que foi produzida.

Lançado em 2007, o livro *Espaço e literatura*, de Oziris Boges Filho, procura investigar as categorias do espaço através da perspectiva bachelardiana da topoanálise, ou seja, do estudo do espaço, em toda sua riqueza e dinamicidade, na obra literária. No entanto, apesar de afirmar ampliar o sentido utilizado por Bachelard, expandindo a topoanálise enquanto estudo dos “espaços íntimos e psicológicos” para a exterioridade da vida social e cultural das personagens, não nos parece que o autor tenha avançado de forma substancial a convencer o leitor quanto aos critérios de análise e o desenvolvimento/aprofundamento de uma “nova” teoria do espaço ficcional. No mais, seu livro se destaca mais talvez por apresentar um roteiro bem didático para o estudo e uma série de referências bibliográficas importantes para quem gostaria de se iniciar os estudos acerca do tema.

No Brasil, um dos estudos mais recentes e completos sobre o espaço é o livro *Teorias do espaço literário*, lançado em 2013, de Luis Alberto Brandão, utilizado como uma das principais fontes norteadoras neste trabalho. Em sua obra, o autor traz um amplo painel sobre as várias categorias do espaço nas várias perspectivas da teoria literária desde o seu início, no começo do século XX, até as mais atuais sobre o tema. Aliás, desde há muito o autor vem realizando uma profunda pesquisa e reflexão sobre o espaço na teoria literária, contribuindo para a ampliação do debate sobre o tema.

Aliás, o livro é uma organização de suas reflexões publicadas em revistas e livros ao longo dos anos. Dos mais importantes, destacamos os seguintes: 'Cultura e espaço na Teoria da Literatura', publicado no número 8 da revista *Via Atlântica* (2005). Neste artigo, Brandão (2005, p.83) se propõe a fazer uma reflexão sobre a ambivalência que os termos *cultura* e espaço apresentaram no percurso histórico das diversas correntes críticas da literatura no século XX, polarizando-se entre correntes imanentistas e culturalistas. Ao final do texto, o autor procura equacionar essa polarização ao destacar, com as correntes *culturalistas*, a revalorização da perspectiva mimética⁶⁰ nos Estudos Literários, isto é, da noção de literatura enquanto representação.

A "politização-culturalização" da noção de teoria pode significar, entretanto, que também a noção de espaço se politiza, se "culturaliza". Isso se dá quando se concebe o espaço segundo o prisma de suas definições identitárias, o que corresponde a deslocar a visão empirista de espaço, sem contudo negá-la. Mediante o enfoque nas identidades, que se definem na interação entre as subjetividades individuais e as referências coletivas, o tratamento do espaço não prevê que se dissocie, de sua materialidade, uma dimensão intensamente simbólica. Stuart Hall afirma: "Todas as identidades estão localizadas no espaço e no tempo simbólicos". (BRANDÃO, 2005, p.92-3)

Os outros dois textos de sua autoria foram publicados nos volumes 15 e 22 da Revista *Aletria*. São eles 'Espaços literários e suas expansões' (2007); 'Tensões do espaço literário' (2012). Brevemente resumindo-os: o primeiro, onde o autor discute os modos segundo os quais a categoria do espaço tem sido utilizada em análises literárias, a saber, representação do espaço, espaço como estruturação textual, espaço como focalização, e espaço da linguagem. O segundo, por sua vez, analisando, a partir de cenas extraídas das obras de cinco autores, "a diversidade e a complexidade da categoria espaço nas literaturas moderna e contemporânea" (BRANDÃO, 2012, p.193).

O que percebemos é que há ao longo das reflexões de Brandão (2005; 2007; 2012; 2013) uma forte influência teórica da estética da recepção. Isso o leva a concluir que na cartografia do espaço literário não há oposição entre realidade e

⁶⁰ Essa perspectiva mimética de que fala o autor leva em consideração os pressupostos gerais da Estética da Recepção, de Jauss, e a tríade definidora da Antropologia Literária de Iser: o real, o fictício e o imaginário.

ficção. Muito pelo contrário: há um processo de combinação, não reduplicada, entre esses elementos através da irrealização do real e sua realização, difusa e transgressora, através do imaginário. Enquanto produto mimético, o texto ficcional está pautado numa concepção de realidade, discursivamente ancorado nos parâmetros culturais de uma sociedade, através de movimentos constantes de aproximação e afastamento do “real”.

3.5 Em volta do Espaço: uma síntese

As várias teorias e abordagens críticas que vimos até o presente momento sobre o espaço e seus desdobramentos nos levam a concluir que, para pensar tais categorias, é necessário adotar uma visão múltipla que não recaia sobre a lógica do binarismo tão comum que por muito tempo fez render inúmeras discussões nas ciências sociais e na teoria da literatura, legando, no caso desta, o espaço à marginalidade das demais categorias narratológicas.

Com a abertura dos Estudos Culturais e sua aproximação com os Estudos Literários, percebemos, pela influência do primeiro, despontar a expansão do conceito de cultura e, como dito anteriormente, uma ampliação do conceito de textualidade, influência do segundo. Assim, essa virada culturalista nos faz refletir sobre a dinâmica da teoria e da crítica literária através não de uma visão imanentista do texto, mas da relação do universo ficcional com sua *worldliness*, no dizer de Said (Cf. 1975), isto é, a relação da Literatura com uma constante rede discursiva voltada para o mundo e, por isso, inseparável das condições materiais de sua produção e recepção.

No ensaio intitulado *The World, the Text, and the Critic*, Edward Said (1975, p.22) vai se opor à crítica secular pelo seu monocentrismo e destacar o papel do intelectual contemporâneo em compreender uma obra literária como um ato político localizado no mundo e que, através de uma postura engajada sobre a realidade, enxerga as contradições nos processos de luta e relação de dominação entre colonizadores e colonizados, opressores e oprimidos.

The critic's attitude to some extent is restorative in a similar way; it should in addition and more often be frankly inventive, in the traditional rhetorical sense of *inventio* employed so fruitfully by Vico, finding and exposing things otherwise lie hidden beneath piety, heedlessness, or routine. Most of all, I think, criticism is worldly and in the world so long as it opposes *monocentrism* in the narrowest as well as the widest sense of that too infrequently used notion: for monocentrism is a concept I take in conjunction with ethnocentrism, the assumption that culture masks itself as the sovereignty of *this* one and *this* human, whereas culture is the process of dominion and struggle always dissembling, always deceiving. Monocentrism is when we mistake one idea as the only idea, instead of recognizing that an idea in history is always one amongst many. Monocentrism denies plurality, it totalizes structure, it sees profit where there is waste, it decrees the concentricity of Western culture instead of its eccentricity, it believes continuity to be given and will not try to understand, instead, how discontinuity as much as continuity is made.⁶¹

Em suas análises, Said opta por escolher obras literárias para falar das relações de poder, uma vez que estas evidenciam mais claramente, através do que ele chama de *contrapuntual reading*, as condições da obra exprimir e construir uma realidade de dominação e resistência, ambas vinculadas, em parte, ao projeto político do imperialismo. Esse tipo de abordagem, segundo Said (1995, 297-8) leva em consideração “todos os tipos de práticas espaciais ou geográficas e retóricas — inflexões, limites, coerções, intromissões, inclusões, proibições —, todas tendendo a elucidar uma topografia complexa e irregular”.

Por fim, queremos aclarar que para nós o espaço diaspórico, como o pensamos na sua dinâmica múltipla entre obra ficcional e realidade, reflete as tensões culturais nas relações entre personagens/sujeitos da diáspora na construção de uma identidade muitas vezes fragmentada e dividida no cronotopos: entre o aqui e o lá; o passado e o presente. Assim, ele se transforma numa

⁶¹ “A atitude do crítico, em certa medida, é restaurativa de uma forma similar; deveria, além disso e mais frequente, ser francamente inventiva, no sentido retórico tradicional do *inventio* empregado tão frutuosamente por Vico, achando e expondo coisas que, de outra forma, se encontram escondidas sob a piedade, negligência, ou rotina. Acima de tudo, eu acredito que a crítica é mundana e no mundo desde que se oponha ao monocentrismo no sentido mais estreito e mais amplo daquela noção tão infrequentemente usada: porque o monocentrismo é um conceito que considero em conjunto com etnocentrismo, o pressuposto de que a cultura mascara a si mesmo como a soberania deste sujeito e deste humano, ao passo que a cultura é o processo de domínio e luta que está sempre dissimulando, sempre iludindo. Monocentrismo é quando nós confundimos uma ideia com a única ideia, ao invés de reconhecer que uma ideia na história é sempre uma entre outras. Monocentrismo nega a pluralidade, totaliza a estrutura, vê lucro onde há desperdício, decreta a concentricidade da cultura ocidental, em vez de sua excentricidade, acredita que a continuidade deve ser dada e não tenta entender, ao invés disso, como a descontinuidade tanto quanto a continuidade é feita.”

verdadeira encruzilhada (trans)cultural onde se revelam as dinâmicas relações de poder (HALL, 1998, 2000; BRAH, 2005).

No capítulo seguinte, prosseguiremos com a apresentação e estudo crítico dos romances procurando analisar não só a diversidade na configuração ficcional dos espaços diaspóricos nas literaturas africanas de língua portuguesa, mas também a criação de um espaço da identidade em cada uma delas. Para tanto, foram escolhidos como *corpus* de análise deste trabalho obras de ficção em prosa dos seguintes autores: Inácio Rebelo de Andrade, angolano; Orlanda Amarílis, caboverdiana; Abdulai Silá, bissau-guineense; Paulina Chiziane, moçambicana; e Olinda Beja, santomense.

As literaturas africanas, metonímias do percurso histórico dos países, parecem hoje coincidir no percurso da sua existência funcionando como *textos-memória* da História dos países. No seu período de emergência e consolidação dos sistemas literários, em que a literatura funcionou como subsidiária da afirmação nacional e identitária face à ideologia colonial, essas literaturas fizeram-se, *grosso modo, relatos de nação em devir*. Nesta marcha, o discurso prevalecente era aquele que buscava sintetizar as diferentes vozes (afinal, as diferentes visões sobre o processo de afirmação anticolonial), partilhar memórias históricas e forjadas e colectivizar angústias e aspirações.

Hoje, porém, em período pós-colonial, essas literaturas continuam a trilhar o *caminho da nação*. No entanto, ao invés de uma “nação higiênica”, este ainda *relato de nação* tem vindo a fazer-se pela encenação da fragmentária memória incómoda de diferenças, intolerâncias, conflitos, traições e oportunismos, numa enunciação narrativa predominantemente de modo evocativo, através da qual se convoca um passado bem diferente daquele antes textualizado – histórico, não já idealizado. Assim, um dos territórios da enunciação pós-colonial é o desvelamento da continuidade da lógica colonial de dominação, agora internalizada, para além dos interrelacionamentos global/local nas relações internas transversais, que cruzam o interior destas sociedades.

Inocência Mata, “Laços de memória: a *escrita-testemunho* como terapêutica na literatura africana - os casos de Angola e da Costa do Marfim” (2006)

4 O ESPAÇO DIASPÓRICO NAS LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Neste capítulo, apresentamos as obras que compõem o *corpus* de análise deste trabalho. Os autores e os livros foram selecionados respeitando o critério temático como semelhança (e divergência) entre eles. Também procuramos elencar um autor de cada país africano de língua portuguesa para construir um panorama mais amplo da diáspora nas literaturas dos PALOP. São eles: de Angola, Ignácio Rebelo de Andrade; de Cabo Verde, Orlanda Amarílis; da Guiné Bissau, Abdulai Sila; de Moçambique, Paulina Chiziane; de São Tomé e Príncipe, Olinda Beja.

Acreditamos que as obras desses autores apresentam, cada uma, de sua forma e em seu gênero, a partir da relação obra ficcional e seu contexto de produção, um discurso em que personagens, narradores e vozes discursivas problematizam a tensão de um espaço diaspórico - seja ela exógeno ou endógeno, espaço territorial de fronteira - que possibilita compreendermos melhor o processo de (des/re)construção das identidades culturais que se refletem nas obras ficcionais.

Com isso, observamos: a diversidade na constituição dos movimentos migratórios; as experiências das diásporas são vivenciadas de maneiras diferentes; estas experiências podem provocar reações as mais diversas, tanto naqueles que retornam ao seu lugar de origem, quando retornam, quanto naqueles que os recebem.

Dessa maneira, articulando criticamente a fundamentação teórica discutida nos capítulos anteriores, analisamos a dimensão do espaço diaspórico e seus desdobramentos nas obras de ficção e como ele constitui “espaços de identificação” dos personagens, isto é, processos de construção de diferentes identidades culturais nas matrizes das sociedades dos países africanos de língua portuguesa.

4.1 Memória e *homeland*: diáspora e exílio nas narrativas de Inácio Rebelo de Andrade e Olinda Beja

Mestiço!
 Nasci do negro e do branco
 e quem olhar para mim
 é como que se olhasse
 para um tabuleiro de xadrez:
 a vista passando depressa
 fica baralhando cor
 no olho alumbrado de quem me vê.

Francisco José Tenreiro, “Canção do Mestiço” (excerto)

Porque
 Meu Pai
 Me negas o direito simples
 de amar a minha terra
 A minha Angola
 porque me negas todos os dias
 a todas as horas
 o direito sagrado
 de ter saudades da minha terra
 de olhar com os olhos embaciados
 mas contentes
 de escrever longas cartas inconsequentes
 de ter longas conversas melancólicas
 sobre a minha terra desflorada
 a minha Angola adiada?

Ernesto Lara Filho, “Pergunta” (excerto)

Neste tópico, dedicamo-nos a estudar dois romances que tematizam a diáspora através de uma narrativa de memórias em que os personagens, destituídos de seus lugares de origem, isto é, de sua *homeland*, têm de enfrentar o retorno à terra-mátria: um por desejo de muito conhecer as origens que só recorda através das lembranças de sua infância; a outra, com muita resistência e sem querer aproximar-se de uma cultura tão distante da sua, volta, após trinta e sete anos que vivera em Portugal, para conhecer o caminho da terra/casa materna. Os romances são, respectivamente: O

pecado maior de Abel, de Inácio Rebelo de Andrade, angolano, e *15 dias de regresso*⁶², de Olinda Beja, escritora nascida em Guadalupe, ilha de São Tomé.

Inácio Rebelo de Andrade nasceu em Huambo, antiga Nova Lisboa, Angola, em 1935. Licenciado em Agronomia pela Universidade de Luanda, teve que abandonar às pressas o país na década de 60 por causa da instabilidade e insegurança provocada por uma Angola tomada pela guerra. Desde então, nunca mais conseguiu voltar ao seu país de origem.

Como agrônomo, exerceu várias funções: foi técnico agrícola no Instituto de Investigação Agronômica de Angola, consultor da UNESCO, presidente do Conselho Científico da Universidade Técnica de Lisboa, e professor do ensino superior. É professor catedrático da Universidade de Évora. Como escritor, esteve intimamente ligado aos movimentos literários angolanos desde as décadas de 50 e 60, onde fundou e dirigiu juntamente com o amigo e parceiro literário Ernesto Lara Filho a “Coleção Bailundo”, cujo objetivo era trazer a lume e divulgar obras de autores de obras ficcionais e artistas plásticos angolanos da época, consolidando o projeto iniciado com o movimento cultural “Vamos descobrir Angola!”.

Sobre sua biografia, David Mestre (*apud* DUARTE, 2012, p.14) escreveu as seguintes palavras:

Inácio Rebelo de Andrade, um *branco* nato de Nova Lisboa, parceiro de eleição de Ernesto de Lara Filho, com quem compartilhou, nos anos cinquenta e sessenta, uma fase de “profunda inquietação literária e anticolonialista, fundando ambos a efêmera Coleção Bailundo” que reivindicava o justíssimo desejo de dar a conhecer os valores do centro, da maior possessão de Portugal em África, acabaria – na deriva dos acontecimentos bélicos que rodearam a independência – por se expatriar, circunstância que implica um pesado ônus em dívida para o resto da existência.

Ao longo de sua intensa vida literária, Inácio Rebelo de Andrade tem publicado vários livros de contos, crônicas e memórias, além de romances, dos quais podemos destacar as seguintes obras, cronologicamente:

1960 – *Um grito na noite*

⁶² As citações do romance serão usadas pela sigla *PMA* (*O Pecado Maior de Abel*), *15DR* (*15 Dias de Regresso*), respectivamente, e o número da página.

- 1961 – *Apontamentos da rua*
- 1994 – *Saudades do Huambo* (Para uma Evocação do Poeta Ernesto Lara Filho e da “Coleção Bailundo”) (ensaio/memórias);
- 1997 – *O sabor doce das nêspervas amargas* (contos);
- 1998 – *Quando o Huambo era Nova Lisboa* (memórias);
- 1999 – *Parábolas em português* (contos);
- 2000 – *Aconteceu em agosto* (novela)
- 2001 – *Mãe Loba* (romance)
- 2001 – *Revisitações no exílio: (contos angolanos)* (contos)
- 2003 – *Passageiro sem bilhete* (romance)
- 2004 – *Adeus Macau, Adeus Oriente* (ficções de viagem)
- 2005 – *Na babugem do êxodo* (romance)
- 2007 – *A mulata do engenheiro* (romance)
- 2008 – *Os pecados do diabo e as virtudes de Deus* (alegoria)
- 2009 – *O pecado maior de Abel* (romance)
- 2010 – *Quando as rolas deixam de arrulhar* (contos)
- 2010 – *De uma Angola de antigamente: fotos recolhidas e legendadas* (evocação ilustrada)
- 2011 – *Ficava em Angola e chamava-se Nova Lisboa: (evocação ilustrada)*
- 2012 – *Lamento de um exilado* (memórias)
- 2013 – *Em versos me revelo: poemas* (poesia)

Este último texto em prosa, opúsculo com pouco mais de dez páginas, consta de um “lamento”, espécie de depoimento pessoalíssimo de alguém que, por diversos motivos, esteve no exílio por quase quarenta anos, mas que guarda consigo ainda intacto e vivo na memória uma Angola “cheia de luz, de cores, de sons, de cheiros e de sabores” e que evoca no sujeito a vontade de “acabar de vez com este exílio e voltar para lá” (ANDRADE, 2012, p.19).

É importante chamar a atenção aqui para um fato interessante: a presença constante de palavras tematicamente ligadas à diáspora no títulos de seus livros: saudade, memória, melancolia, pátria, exílio, êxodo. No entanto, outro elemento que também nos chama a atenção é que, apesar de ter uma obra ficcional extensa e diversificada, e da contribuição para um capítulo da história da literatura angolana, Inácio Rebelo de Andrade ainda não recebeu a devida atenção da crítica, constando apenas alguns poucos e esparsos trabalhos publicados em jornais, revistas especializadas e capítulos de livros, em geral artigos e ensaios apresentando suas obras.

Sobre o romance que analisamos mais adiante, nas “Palavras Prévias” o autor adverte o leitor de que seu tema “é sobre o drama de quem é levado do local onde nasceu para muito longe, deixando atrás de si um passado cheio de afectos. [...] é sobre o sentimento de pertença, ou sobre a ausência dele [...]” (2009, p.7). Outros dois elementos pré-textuais chamam a atenção: o primeiro é a dedicatória ao poeta e amigo Ernesto de Lara Filho – não por acaso é o nome de um dos protagonistas –; o segundo é uma nota do autor explicando que enquanto de um lado mescla elementos ficcionais criando personagens “imaginadas para corresponder a algumas que eram típicas da época”, do outro, há personagens que existiram de fato e que, por isso, seus nomes próprios foram mantidos, respeitando os personagens históricos que fizeram parte do quadro histórico de Angola e Portugal entre as décadas de 40 e 70.

Publicado em 2009, o romance *O Pecado Maior de Abel* está centrado no drama dos personagens Abel Correia Morgado, imigrante português que, como muitos, partiu de sua terra em direção a Angola, em 1942, “mais para fugir às agruras da vida do que em busca de aventuras”, e seu filho Ernesto, mulato, fruto de sua relação com a jovem africana Nhemba, e que foi levado pelo pai ainda muito jovem para Portugal, deixando para trás, segundo palavras prévias do autor do romance, “um passado cheio de afectos” e que “não sabe ao certo qual é o seu espaço”.

Como muitos jovens portugueses de “segunda categoria” que deixaram Portugal, durante as primeiras décadas do século XX, rumo ao desconhecido nas colônias africanas, Abel, pobre colono das terras rurais da Vila Nova de Cerveira, sai em busca de uma aventura, de uma forma de enriquecimento. Mas muito mais do que isso, fugia da miséria em que o país se encontrava. Sobre esta migração de

portugueses para as colônias de ultramar e na literatura portuguesa, Jacinto do Prado Coelho, no *Dicionário de literatura* (1982, p.282-4), diz que

a emigração (da metrópole para o ultramar português ou do país para o estrangeiro) é uma constante da história de Portugal desde o século XV. Emigra a gente humilde que vai em busca do pão de cada dia e, tantas vezes, na mira dum pecúlio com que regresse, emigram (sobretudo a partir do séc. XVIII e por motivos políticos) muitos intelectuais, escritores e artistas.

Narrado através da ótica de um narrador heterodiegético, a primeira parte do romance se passa na vila de Andulo, província do Bié, no centro de Angola. Numa narrativa rápida, algumas poucas dezenas de páginas, Abel acaba conhecendo um comerciante português, Joaquim Hipólito, casando por interesse com sua filha Isabel, assumindo e expandindo os negócios e, depois de um trágico acidente de carro, herdando sozinho um valioso patrimônio “pelos inesperados e insondáveis caprichos da sorte” (*PMA*, p.40).

O certo é que tanto o sogro quanto a esposa representavam um pesaroso fardo para Abel e que, após um curto período de luto, sente-se aliviado com os acontecimentos, como podemos ver na seguinte passagem:

Da sorte sim, porque ainda que se mostrasse desgostoso com aquele evento e se lamentasse junto de terceiros, a verdade, a verdade, é que ficava rico e não tinha de compartilhar a sua riqueza com ninguém; a verdade é que se livrava de uma esposa inútil, que nunca lhe dera filhos nem o consolara na cama. A vida continuava, e a partir daí, mesmo no meio do mato, seria outra, porque mais folgada e com menos obrigações. (*PMA*, p.40)

Essa introdução, no entanto, servirá não só como uma espécie de contextualização para o futuro encontro entre Abel e Nhemba, jovem africana de quatorze anos com quem se casa e tem um filho, Ernesto, como também para mostrar o perspectiva da colonização através da ótica de Abel. A partir de então, é sobre Ernesto e sua relação com o pai/Pátria e a mãe/Mátria que o romance vai discorrer. Desde sua infância, Ernesto é obrigado a viver entre dois mundos, dois espaços: de um lado o do branco, português, colonizador; e do outro, o do negro,

africano, colonizado. “Mulato menos negro do que branco” (*PMA*, p.67), o espaço da infância de Ernesto se dividirá entre as obrigações da casa, demandadas pelo pai, e as brincadeiras no convívio com o amigo Chitembo, filho de Joana, a empregada negra da casa de seu pai, e com a família materna.

Outra dimensão do espaço observada no romance se dá na contraposição entre a escola, instituição que promove os objetivos da colonização ao educar os filhos mestiços de Portugal, e a amizade e as brincadeiras da rua com os amigos e colegas, lugar este preferido por Ernesto. A esse respeito, Albert Memmi dirá que (2003, p.150) “the teacher and school represent a world which is too different from his family environment. [...] the school creates a permanent duality in him⁶³”. A escola é vista como um lugar de formação, onde a criança passa a aprender “essas coisas”, como o pai referiu” e “começar a aprender a ser homem”, instalada num “edifício que parecia enorme, com varandas nas traseiras” (*PMA*, p.97-8). Lá, Ernesto aprendeu, além de ler e escrever e a fazer contas, aprendeu também

[...] as serras, os rios e as linhas de caminho-de-ferro que havia em Portugal; aprendeu os nomes e os cognomes dos reis que tinham governado aí. E tal como na tabuada, uma vez, duas, três, tantas quantas as necessárias, foi repetindo com os colegas [...]

Ernesto interrogava-se frequentemente sobre a razão de ter de estudar tanta coisas sobre esse Puto longínquo, que nem ele nem os colegas conheciam, e quase nada sobre África, Angola, o Bié, que eram a sua terra.

Pôs a questão ao pai:

– Porquê?

Laconicamente, com duas ou três frases, Abel esclareceu a dúvida:

– Que querias tu aprender sobre isto? O quê, diz lá? Tirando o rio Cuanza e a rainha Jinga, não tens mais nada para saber. (*PMA*, p.101-2)

Essa atitude de Abel só demonstrava o preconceito do português em relação a tudo aquilo que fosse parte da cultura dos povos colonizados: vistos de forma inferiorizada, os valores culturais e crenças das sociedades africanas são desprezados, numa clara tentativa de legitimar o discurso de superioridade do

⁶³ “o professor e a escola representam um mundo muito diferente de seu ambiente familiar. [...] a escola cria uma dualidade permanente nele”

colonizador sobre o colonizado. A África que, mais adiante, será tomada por Abel como “uma terra de meter medo, [...] um fim-de-mundo que exigia homens [...] capazes de enfrentar quaisquer dificuldades” (*PMA*, p.160). Nesta perspectiva, o português, branco e civilizado, é elevado a categoria de herói, portador de uma cultura superior, e grande sacrificado no projeto colonial.

Além disso, outros espaços da pequena vila de Andulo tinham se modificado, mostrando não só o seu desenvolvimento em cidade, como também a consolidação do projeto civilizatório imposto pelo processo de colonização portuguesa aos seus domínios de ultramar:

Continuava uma vila de dimensão e importância reduzidas, mas crescera, desdobrando-se numa avenida principal e em algumas ruas adjacentes, que eram ladeadas agora, não apenas por estabelecimentos comerciais, mas também por moradias particulares e edifícios públicos. Um igreja, uma escola, um clube de futebol, um hotel, um parque infantil e dois ou três jardins, bastavam só por si para encher de orgulho seus habitantes. (*PMA*, p.96)

A dimensão do colonialismo se estende não só sobre os aparelhos ideológicos do Estado, para utilizar aqui a famosa expressão de Althusser, mas também sobre os corpos e as práticas dos colonizados. Todo o território do império transformou-se, assim, em metonímia do espaço a ser domesticado através da ação da educação, da religião e do trabalho. Um exemplo disso é a personagem Nhemba, mãe de Ernesto. Através dela é possível falarmos do corpo como estratégia de expansão do território colonial, espaço de domínio sobre o outro. Isso porque, como forma de resistência e sobrevivência – mais desta do que daquela –, com o consentimento da mãe e no intuito de ajudar a família, ela decide casar com Abel, sujeitando-se ao voraz apetite sexual, subjugando-se aos seus desejos de seu marido e dono. Apesar disso, com o uso de seu corpo como moeda de troca Nhemba garante não só o conforto da vida e do leite do branco, como também vislumbra o

branqueamento dos filhos mestiços, os quais adquiriam, dessa forma, um passaporte para uma cidadania que, embora de segunda categoria, renegadora das tradições e fragmentadora da identidade, propiciava escola, mais comida à mesa, adornos e perfumes que,

supostamente, as ombreariam às mulheres brancas. (DUARTE, 2013, p.69)

Como forma de dissimulação, Nhemba, temendo que o marido a abandone e troque por outra mulher mais jovem, bonita e magra, resolve cumprir com um doloroso regime para manter a forma e agradar o seu “tchindér”⁶⁴, e, desonestamente, explorar os clientes da venda para lucrar mais, assimilando assim os valores e ações dos colonizadores portugueses. Na tentativa de reconquistar a confiança e o interesse de seu “dono”, Nhemba procura “enganar os da sua raça, trapacear nas contas, ganhar indevidamente, porque aquele estímulo era uma bênção e justificava tudo...” (PMA, p.84). Porém, uma vez reconhecida a traição de Abel, durante uma visita ao quimbo de sua mãe, a jovem angolana desaparece, abandonando Abel e Ernesto.

As lembranças da semana passada no quimbo com a família materna serão lembradas por Ernesto muitos anos depois, não só pelo acontecimento trágico que o abandono materno representou, mas também pela presença viva dos momentos em que sentava à mesa com a mãe e a avó para comer pirão e peixe seco.

Assim, após ter adquirido riqueza através de um primeiro casamento com a filha de um também imigrante português, Joaquim Hipólito, herdado a venda para si, abandonado pela esposa africana e ganhado na loteria, Abel decide por voltar ao Puto com o filho Ernesto, a bordo do navio de nome sugestivo, “Pátria”, em face da insegurança provocada pelo início da guerra colonial/de independência em Angola⁶⁵. O pretexto foi o de permitir que o filho fizesse os estudos primários no Liceu para depois tornar-se engenheiro agrônomo. As únicas coisas que Ernesto leva consigo são as memórias de sua infância e o desejo de algum dia poder voltar ao seu lugar de origem, como podemos ver no excerto abaixo:

Muitos e muitos anos depois, tantos que nem a sua imaginação fértil conseguiria agora prever, Ernesto recordará essa semana passada no quimbo: as mil e uma brincadeiras que levara a cabo com

⁶⁴ De acordo com o glossário no fim do romance *PMA*, era uma designação dada pelos negros ao branco, principalmente ao patrão.

⁶⁵ O uso do termo duplo Guerra Colonial/de Independência é provocativo, uma vez que cada um dos lados tinha uma perspectiva própria sobre o fato, um ponto de vista: os portugueses chamavam de Guerra Colonial porque os territórios de ultramar eram suas colônias e, por isso, pertenciam à Portugal; do outro lado, os angolanos consideravam que os portugueses eram invasores e lutavam pela sua independência e de sua terra, numa onda que correu toda a África a partir da década de 40 e seguiu até fins da segunda metade do século XX.

Chitembo, mas especialmente o fim de cada tarde, quando a noite chegava e ele se sentava à mesa com a mãe e a avó, a comer pirão com peixe seco. Conservará para sempre nas narinas os cheiros fortes de um e de outro, e já homem feito, quando adormecer e sonhar com o passado, haverá de sorvê-los de novo, sem perceber como. (*PMA*, p. 120)

Em Portugal, no espaço estrangeiro, Ernesto nostalgicamente evoca as memórias de seu lugar de origem. Apesar da boa convivência com os “pseudoparentes” – o pai arranhou um novo casamento na viagem de volta -, e da amizade com o meio-irmão, Ernesto não consegue esquecer da África porque esta resiste, viva e colorida, nas saudosas lembranças de seu tempo de infância. Esse doloroso sentimento da nostalgia de Ernesto reflete o sentido de duplicidade de sua vida no exílio: alguém que sofre na tentativa de recuperar uma identidade congelada no tempo e no espaço. Nesse sentido, discutindo as causas da nostalgia e seus efeitos no sujeito exilado, imobilizando-o na impossibilidade de realização do desejo de retorno, o sociólogo argelino Abdelmalek Sayad (1996, p.11) nos diz, no ensaio intitulado “*Les pays où l’on n’arrive jamais*”, que

La nostalgie, au fond, dit bien ce qu’est l’exil: une quête de l’impossible ubiquité, ce rêve d’être ici et là en même temps et tout le temps.

Elle se nourrit de cette duplicité entre deux vies simultanées vécues sur deux registres différents, ceux de la réalité et du désir. La réalité d’une vie active, au présent, lourde de matérialité, d’immédiateté, de quotidienneté; et le désir qui traduit une vie tout intérieure, secrète, faite de souvenirs et d’imagination de ce qui n’est plus, mais sera peut-être à nouveau demain, vécue en surimpression sur la vie effective⁶⁶.

É também durante o exílio que Ernesto sentirá a discriminação por seu fenótipo, “cor de café com leite e cabelo frisado” (*PMA*, p.217). O preconceito inicial dos pseudoavós, a inveja da madrasta, e a desaprovação dos pais da namorada que o descreviam como alguém que era “educado, cortês, culto; que até fisicamente, como se vira, tinha presença. (...) mas também mulato” (*PMA*, p.221), denota a

⁶⁶ “A nostalgia, no fundo diz bem o que é o exílio: uma busca de impossível ubiquidade, o sonho de estar aqui e lá ao mesmo tempo e todo o tempo. Ela se nutre desta duplicidade entre duas vidas simultâneas, vividas sobre dois registros diferentes, o da realidade e o do desejo. A realidade de uma vida ativa, no presente, pesada de materialidade, de imediatismo, de cotidianidade; e o desejo que traduz uma vida toda interior, secreta, feita de lembranças e de imaginação daquilo que não é mais, mas será talvez de novo amanhã, vivida em sobreposição à vida real.”

atitude discriminatória do colonizador diante da mestiçagem racial, vista por uma sociedade marcada pela colonização europeia como degradação e exposição nefasta do contato interracial. Nesse sentido, a figura do mulato representa aquele que vive num entre-lugar cultural - o do branco e o do negro - e que, por isso mesmo, acaba não se adequando ou sendo aceito em nenhum dos dois universos. No entanto, não é o que observamos no romance, nem talvez a sua grande preocupação, uma vez que os personagens Ernesto e Madalena facilmente resolvem estas questões: “Sou eu e apenas eu quem tem de decidir sobre as minhas preferências e a minha felicidade. Não os outros.” (*PMA*, p.218); “Que importa a cor? Brancos, pretos e mulatos, somos todos filhos de Deus! Ou não somos?” (*PMA*, p.220).

Passados os anos (nasce em 1948, foge para o “Puto” em 1961 e volta em 1973), agora formalmente educado no seio familiar paterno, tornara-se engenheiro agrônomo, Ernesto não consegue esquecer sua infância e retorna a Angola no intuito de “reencontrar a infância deixada no convés da embarcação”, “o tempo sem remédio” (DUARTE, 2012, p. 19). Esse retorno ao lugar de origem e profunda afeição pela pátria, emoção humana comum, variando entre diferentes culturas e períodos históricos, faz com que ela seja “vista como mãe e nutriz; o lugar é um arquivo de lembranças afetivas e realizações esplêndidas que inspiram o presente; o lugar é permanente e por isso tranquiliza o homem, que vê fraqueza em si mesmo e chance e movimento em toda parte” (TUAN, 1983, p.171).

O excerto abaixo aponta para essa presença constante de África, de Angola, na memória de Ernesto, que não consegue esquecer seu passado e procura, com isso, recompor o espaço afetivo de sua infância através do regresso à *Terra Mater*.

Ernesto queria regressar a Angola, fazer qualquer coisa útil pela sua terra. Ouvira dizer que um alemão iniciara no Andulo um projecto-piloto de Extensão Rural, promovendo a assistência técnica aos agricultores em moldes nunca antes praticados. Pretendia contactar ao vivo e colaborar com a experiência, que estava a registrar resultados excelentes. Perdia-se em divagações. Tentava recordar pessoas e paisagens que deixara no Bié onze anos atrás, quando viera com o pai para Portugal. Mas onze anos eram onze anos!: tempo de mais para evocar com precisão feições e lugares que havia conhecido na altura. (*PMA*, p. 227-8)

Após voltar ao Andulo, reencontrar seu passado completamente mudado, e não reencontrar a parte desejada dele (sua mãe, sua avó, seu amigo Chitembo), Ernesto se depara com a dura realidade que contraria seu desejo ainda mais-do-que-intocado: não poder mais voltar à Angola de sua infância, cada vez mais distante na sua lembrança pela dessemelhança incompatível entre um passado congelado e um presente inteiramente novo e tristemente irreconhecível. Assim diz o narrador sobre o sofrimento e a angústia de Ernesto: “Fora ingênuo e pagava agora o preço dessa candura. Ninguém podia retornar ao passado, porque este era tal qual um rio a caminho da foz que seguia para diante, sempre para diante, incapaz de correr de novo sob as pontes que deixara para trás” (*PMA*, p.298).

Na incessante busca pela infância, crente de que voltando às origens recuperaria o tempo e o espaço perdidos, Ernesto procura resgatar sua identidade fragmentada constituída por sucessivas perdas. No entanto, encontra-se apenas com a impossível ubiqüidade, de não pertencer a lugar algum. O excerto abaixo é longo, mas nos dá uma clara visão da impossibilidade de uma síntese conciliadora entre os lugares-tempos vividos pelo personagem Ernesto, na tentativa inútil de reestabelecer a identidade fragmentada pela dor de ser estranho a todos os lugares, móvel e desenraizada.

Voltar para casa... Mas para que casa? Qual era realmente a sua casa?

Dizia casa querendo significar pertença. Mulato, filho de branco e negra, nascido em África, mas levado muito novo para Europa, a que lugar pertencia? De que lugar fazia parte?

Nos doze anos passados em Portugal, ao evocar a sua meninice, os sabores, os cheiros, as cores, os nomes de pessoas, plantas e animais que fora incapaz de esquecer; ao longo desse tempo todo, em que bastava um gosto, um perfume, um tom, para julgar que estava de novo no Andulo; quando durante as aulas, no Liceu Pedro Nunes, comparava cada professor (o seu físico, os seus gestos, a sua exigência) à professora Luísa Amaral – tinha a certeza de que pertencia a Angola. E aquilo que pretendia, no que pensava desde que se levantava da cama, era poder um dia voltar para lá.

Depois... depois... Depois, os anos foram sucedendo uns a seguir aos outros, ele afeiçoou-se a dois pseudo-avós (pseudo, mas nem por isso menos amigos e carinhosos do que os autênticos), habituou-se a costumes e paladares nunca antes experimentados, ao ritmo quaternário das estações (a Primavera, o Verão, o Outono, o Inverno, em vez da Estação das Chuvas e do Cacimbo), a ter frio e não calor na noite de Natal, a dizer “preguiça” em vez de

“mangonha”, “amendoim” em vez de “jinguba”, “poço” em vez de “cacimba”, “cara” em vez de “chipala” – depois, depois, conheceu Madalena, pele branca de neve, cabelos louros de trigo, olhos azuis de mar, por quem se apaixonou. A certeza inicial de que se encontrava numa terra estranha, que convivia com gente desconhecida, com a qual trocava palavras que lhe soavam mal (porquê “discussão” em vez de “andaca”?, “cesta” em vez de “quinda”?, “coelho” em vez de “candimba”?); essa certeza até aí incontestável, foi perdendo importância, diminuindo, diminuindo, até se transformar em dúvida. Tal qual: em dúvida.

A que lugar pertencia? Onde e junto de quem se sentia agora bem? Se achava correctamente situado? (PMA, p.301-2)

A tentativa de reeditar a paisagem congelada na infância anos atrás faz com que o personagem se dê conta da impossibilidade de reencontrar nela os remédios necessários para suplantar a dor da perda. Assim, viva tão somente nessa memória afetiva a terra natal sobrevive intocada e imutável, condição que se contradiz quando do reencontro após anos de exílio o sujeito não encontra o passado de sonho, nem pode, por força do próprio desejo, resgatá-lo.

Ao cometer seu maior pecado, Abel, o pai, cumpre o papel da castração freudiana, roubando-lhe a identidade, deixando-o perdido na encruzilhada cultural entre África e Europa, entre Angola e Portugal, entre a infância e a vida adulta, como diz o excerto abaixo, do final do romance:

O pai..., o pai..., o pecado maior que cometera, pior do que privar o filho da companhia e dos carinhos da mãe, do que dar-lhe em troca uma madrasta azeda e mesquinha, do que negar-lhe beijos e afagos esperados, do que prestara-lhe (*sic*) pouca ou nenhuma atenção; bastante pior do que todas essas faltas graves - fora roubar-lhe (o verbo era forte, mas não havia outro mais adequado), fora roubar-lhe as referências e deixá-lo naquela procura recorrente de identidade. Como que no meio de uma encruzilhada de caminhos sem tabuletas de destino... (PMA, p.305-6)

Em *O pecado maior de Abel* a experiência do exílio é vivida como culpa e tristeza de quem, desertando o mundo em que nasceu, não faz parte de lugar algum. Assim porque, apesar de os personagem viverem a dicotomia de, por um lado, apelar, através das lembranças da infância, para as referências culturais de sua *Terra Mater*, por outro, sofrem a influência cultural, ideológica e psíquica da pátria no exílio, neste caso representada pela figura paterna. Assim,

O sentimento de inadaptação ao novo espaço e de estar fisicamente em um local e mentalmente em outro, a impossibilidade de ubiquação apresentam-se para o personagem de forma imperativa, impedindo-o de integrar-se à rotina do exílio onde, além de estrangeiro, também é alvo, algumas vezes, de desconfiança. Pela memória, opera-se o transporte ao passado, à cidade angolana, além-mar, objeto de desejo, irrecuperável como o era também o tempo que passava. Isolado, o personagem reedita, por meio das lembranças, sua vida na pátria além. (DUARTE, 2012, p.23).

Outra obra em análise neste tópico, e que se assemelha tematicamente à história do angolano Inácio Rebelo de Andrade, foi escrita por uma autora nascida no arquipélago de São Tomé e Príncipe. Maria Olinda Beja nasceu na cidade de Guadalupe, em 1946. Ainda criança, com dois anos de idade, deixou sua terra natal para ir morar na fria região da Beira Alta, em Portugal, onde se licenciou em Línguas e Literaturas Modernas pela Universidade do Porto. Atualmente, além da função de professora de Língua e Cultura Portuguesa que desenvolve em Lausanne, onde mora na Suíça, Beja é assessora cultural da Embaixada de São Tomé e Príncipe e uma incansável agitadora cultural tendo seus textos publicados em revistas nacionais e estrangeiras.

A obra de Olinda Beja tem sido avaliada de maneira positiva e recebido elogios pela crítica especializada. Seus livros são objeto de estudo de vários trabalhos acadêmicos, incluindo dissertações de mestrado e teses doutorais. Apesar disso, sua obra em prosa ainda não teve no Brasil a devida atenção. Recentemente, em 2013, a autora foi galardoada com o prêmio da primeira edição do concurso literário Francisco José Tenreiro pela obra *A sombra do Ôcá*, por estabelecer um paralelo com as preocupações que o maior poeta santomense tinha relativamente à realidade de sua terra e os aspectos socioculturais que a permeiam, como declarado pelo juri do concurso. Dentre seus principais livros, destacam-se algumas obras em diversos gêneros:

Na poesia:

1992 – *Bô Tendê?*

1993 – *Leve, Leve*

1996 – *No país de Tchiloli*

2000 – *Paga dêvê* (poemas com fotografias)

2001 – *Quebra-Mar*

2002 – *Água Crioula*

2009 – *Aromas de Cajamanga*

2011 – *O Cruzeiro do Sul*

Na prosa:

1994 – *15 Dias de Regresso* (romance)

1999 – *A Pedra de Villa Nova* – (romance)

2000 – *Pingos de Chuva* (conto poético)

2003 – *A Ilha de Izunari* (romance)

2004 – *Pé-de-Perfume* (contos)

2008 – *Estórias da Gravana* (narrativas)

2011 – *A casa do pastor* (contos)

2013 – *Um grão de café* (conto para crianças)

Ausente de sua terra natal, apesar da distância espaço-temporal, a obra da escritora santomense está ligada a sua profunda busca da origem, evocada na infância e que, na vida adulta, se afirma através de uma identidade crioula. De acordo com Amarino Oliveira de Queiroz (2007, p.203), a obra de Beja está marcada por questões

[...] relacionadas à interseção entre a oralidade e a escrita, à identidade cultural híbrida do povo santomense, à própria experiência pessoal da emigração, assim como às preocupações de ordem social, política e ambiental, que se colocaram para o país no passado e que se colocam com similar força na contemporaneidade [...].

A experiência da diáspora nas literaturas africanas de língua portuguesa está presente em *15 dias de regresso*. O romance em análise, espécie de ficção

autobiográfica, retrata poeticamente a experiência de retorno às raízes, sua *homeland*. Olívia-Xininha⁶⁷, mulata, protagonista da obra, vive esta experiência de alguém que sempre esteve dividida entre dois universos, o branco e o negro⁶⁸. Destacamos aqui o efeito da dupla inscrição no nome da personagem, representando sua identidade crioula a partir da confluência das duas matrizes culturais: Olívia, pelo lado paterno, representando a identidade do português; Xininha, pelo materno, do santomense.

Assim como na narrativa de Inácio Rebelo de Andrade, a personagem do romance *15 dias de regresso* é fruto de uma relação entre um português e uma africana, uma santomense, neste caso, e é levada muito cedo para a região da Beira Alta, Portugal, longe da terra natal, da mãe e de toda a família. Muito comum entre filhos e filhas de portugueses, ou como uma estratégia de assimilação das elites intelectuais africanas, a ida para a Europa sempre vinha como uma oportunidade de estudar.

No entanto, apenas trinta e sete anos depois é que volta à África, a contragosto, por insistência da irmã, para conhecer suas raízes, a família materna e visitar a mãe que tanto sofria com a longa ausência da filha.

Minha irmã recolhia as malas e sorria feliz. Mas eu não. Eu não tinha motivos para estar feliz. Durante trinta e sete anos vivera longe da terra natal, da mãe, dos irmãos, dos tios, dos primos... Para quê desenterrar agora o passado? Trinta e sete anos é muito tempo, trinta e sete anos é quase uma vida, é o tempo de nascer, de amar, de percorrer estradas e caminhos e por vezes até de chegar ao fim da estrada. Que proveito poderia eu tirar daquela viagem? Arrependi-me. Se o arrependimento matasse eu morreria ali mesmo. Tive uma vontade imensa de chorar e de não sair do avião até ao próximo voo para Lisboa. Mas tal como os outros passageiros, fui obrigada a respirar o ar nocturno das terras da África. (*15DR*, p.13).

⁶⁷ É interessante observarmos no nome duplo da personagem a representação crioula de sua identidade que vai se transformando e sendo (re)construída ao longo da narrativa: Olívia, pelo lado paterno, a Europa; Xininha, materno, a África.

⁶⁸ A relação entre brancos e negros vivendo juntos em STP remonta ao início da colonização. Na sua maioria a comunidade branca era constituída de homens que viviam com mulheres africanas e seus filhos mestiços, alforriados por decreto real de 1515. Dois anos mais tarde, também foram alforriados os homens africanos que chegaram junto com os colonos, surgindo um importante grupo dos africanos livres chamados de “forros”, responsáveis pela sociedade e economia de STP. Consequentemente, essas relações levaram os habitantes das ilhas à mistura dos elementos culturais africanos e europeus, resultando numa sociedade crioula, com sua língua e sua cultura.

Mulata, cheia de preconceitos, fruto da longa estada em Portugal e de um processo de assimilação dos valores etnocêntricos, bem como de uma luta interna entre suas partes branca e africana, Xininha mantinha-se apegada ao seu lado paterno, português e europeu, e às verdades que lhe impuseram e fizeram acreditar. O mulato, aqui novamente, não pertence nem ao universo do negro, nem muito menos ao do branco, uma vez que, para este, está contaminado com o sangue degenerativo de uma “raça inferior”. No entanto, para ser integrado no espaço social do branco, ele precisa abdicar de suas raízes e deixar-se colonizar integralmente pela cultura do outro, considerada superior. É nesse sentido que a protagonista do romance *15 dias de regresso* se reconhece nesta encruzilhada cultural:

Eu sabia que não era uma europeia. Tinha plena consciência disso. Mas sabia também que já não era uma africana. Voltar às origens, ao húmus de mãe-África, uma vez perdidos os contactos, tinha o sabor de uma visão algo remota, algo inverossímil. [...] Para mim África estava para lá do infinito, era “a terra da perdição, a terra onde iam os homens brancos e lá ficavam, enfeitiçados sem se saber como nem por quem, era um sumidouro donde ninguém mais saía.” Nesse tempo era essa a imagem que o Portugal colonial passava do continente africano mostrando sempre o português como o anjo salvador de um mundo onde homens negros e feras tinham comportamentos iguais e aspectos físicos semelhantes. (*15DR*, p.23-4)

A resistência em conhecer seu passado, em visitar a família materna em África, reside num longo processo de aculturação que sofreu durante sua formação estudantil na velha Europa. Foi lá onde Olívia, que desconhecia por completo a África, aprendera a temer os “pretos selvagens” que tinham comportamento e semelhanças físicas iguais das feras. Ela via a parte da sua família paterna, os Veigas, branca, europeia, como infalíveis e incorruptíveis, e, por esses motivos, procurava se aproximar culturalmente deles, “imitando-os”. Dessa maneira, na tentativa de se parecer cada vez mais com o colonizador, o sujeito nega a si mesmo, seu passado, suas tradições culturais, e assimila, entusiasticamente, a língua, a cultura e os costumes ocidentais, toda a ideologia do colonialismo:

Rejected by the colonizer, they share in part the physical conditions of the colonized and have a communion of interests with him; on the

other hand, they reject the values of the colonized as belonging to a decayed world from which they eventually hope to escape.

The recently assimilated place themselves in a considerably superior position to the average colonizer.⁶⁹ (MEMMI, 2003, p.59-60).

No entanto, aos poucos, a viagem física da protagonista acaba transformado-se também em viagem às raízes da memória, travessia no cronotopos de uma identidade crioula. Enquanto o mundo europeu vai tornando-se um ponto cada vez mais pequeno e distante, Olívia-Xininha começa a (re)conhecer sua terra natal, sons, ritmos, lirismo, sabores e encantos e a render-se à África, paraíso tão belo e ao mesmo tempo estranho.

Apesar de já conhecer alguma família, Olívia estava perturbada. Não esperava tamanha recepção. Será sempre assim quando se regressa a casa ao fim de trinta e sete anos de ausência? Acontece às vezes que, sem nós querermos, pegam em nós, enviam-nos para outras terras, onde em comum temos só um nome ou um apelido. Dizem-nos então que, por uma questão de hierarquia social ou de vergonha, já não somos daquele lugar que deixamos, que é preciso passar uma esponja no passado, que não interessa contarmos aos outros quem somos ou donde viemos ou onde nascemos. Tudo o que vimos ficou para trás e deve ser apagado da retina e da memória mas se a memória continuar bem viva deve então abrir-se um buraco na terra, fundo, bem fundo, onde se esconda o que não convém que os outros saibam. Mas o destino é infalível. Infalível e cruel. Por vezes sarcástico também. Quando menos se espera, reaviva a memória como quem chega um fósforo a folha seca e deixa-se ficar ao longe, a gozar o espectáculo do fogo primitivo. Assim fez Olívia. Assim fazem com todos os que se esquecem das suas raízes. (15DR, p.86)

Durante as duas semanas em que estive de volta à sua terra natal, Olívia-Xininha se aproxima cada vez mais de suas origens, mas, ao mesmo tempo, percebe que esse movimento de redescoberta de si, não era apenas um chegar ali e ir embora, mas sim um aprofundamento no “húmus de mãe-África”, o que ela procura fazer ao longo do tempo em que passa com a família – e nesse sentido entender família não apenas no sentido nuclear, mas também extensiva.

⁶⁹ “Rejeitados pelo colonizador, eles dividem, em parte, as condições físicas do colonizado e têm uma comunhão de interesses com ele; do outro lado, rejeitam os valores do colonizado por pertencer a um mundo em ruínas do qual eles eventualmente esperam escapar.

Os recém assimilados se colocam em uma considerável posição superior ao colonizador mediano.”

Essa transformação de Olívia em Xininha leva a protagonista de volta às raízes desconhecidas de sua infância, instaurando um sentimento de pertença àquela comunidade, àquela família, que só poderia ser resgatado através da relação maternal com a sua mãe e com a sua terra. Aos poucos Xininha vai se aproximando de sua mãe, ao mesmo tempo em que se aproxima e faz despertar o ritmo africano que estava bem dentro dela, adormecido durante anos num casulo etnocêntrico, como podemos ver nos excerto abaixo:

Olívia sentia agora no seu peito um bater diferente, um bater de coração que começa a querer desligar-se de uma parte que já viveu. Certas coisas que tinha visto e feito na velha Europa estavam a querer desmoronar-se, a perder sentido, a distanciarem-se no horizonte da sua dupla existência. É em África que repousam todas as raízes da nossa memória dilatando-se terra adentro numa sensação de eternidade. Por isso Olívia compreendia agora por que razão muitos portugueses iam e ficavam numa rendição total aos seus encantos e lá teriam permanecido para sempre se a guerra colonial não tivesse aparecido a meio dos seus percursos. (15DR, p. 179)

No último dia de sua visita, perto de seu retorno para a antiga metrópole do império luso, Olívia-Xininha percebe que, por mais que quisesse negar, seus laços identitários com a África, outrora negados e minimizados pelo lado da família paterna, são realçados no reconhecimento de características de sua identidade. Em decorrência dessas relações, podemos dizer que a protagonista vive em “(...) momentos de entrelaçamento de valores, culturas, ideias, políticas, religiões, etc., e combinações que estão sempre em processo de negação, assimilação, revisão, reapropriação (...)” (CANCIAN, 2007, p.6).

Raízes... Foi esta palavra tão simples mas tão forte que, finalmente, me despertou e me demoveu daquela letargia em que me encontrava. Afinal eu tinha as minhas raízes do outro lado do mar, numa ilha que, sem eu saber, estava toda à minha espera, numa casa de madeira com telhado de zinco onde lá dentro estava uma mulher cheia de esperança de me rever! Raízes... Por mais que eu quisesse não podia negá-las nem cortá-las. Bastava ver-me ao espelho, os olhos amendoados, o cabelo encarapinhado, os lábios grossos, a pele escura, afinal tudo me remetia para a minha verdadeira identidade, para a minha África que, consciente ou inconscientemente, por um capricho de um homem, eu não tinha guardada no baú de lembranças. Hoje pergunto a mim própria como

há filhos que podem negar as mães e mães que podem negar os filhos... Há cordões umbilicais que nunca se cortam nem se desatam por mais distantes que vivamos deles... (15DR, p. 225)

No contexto de análise das duas obras, percebemos que o processo de diáspora dos protagonistas tem suas origens na relação com o lado paterno, o do colonizador, representado pela saída forçada de seus lugares de origem, na falsa busca por melhores condições de vida e educação na metrópole, sem a certeza de um dia poder voltar. Assim, retornados após o longo exílio no estrangeiros, o processo de construção da identidade desses lugares através da memória dos personagens se dá pela relação afetiva que cada um tem com a terra mátria.

Apesar das semelhanças, as duas narrativas, quais relatos (auto)biográficos, mostram perspectivas distintas do exílio na diáspora, drama do mestiço, daquele que habita dois mundos. Isso porque enquanto um mostra como essa experiência pode significar a perda dolorosa de uma identidade agora fragmentada, uma memória, preservada no passado da infância, que não pode ser recomposta, no caso de Ernesto, personagem de *O pecado maior de Abel*. No outro, por outro lado, o retorno ao lugar de origem aponta para o reconhecimento do entrecruzamento cultural na construção da identidade de Olívia-Xininha, protagonista de *15 dias de regresso*, através do aprofundamento das suas raízes culturais africanas e consequentemente no reconhecimento de seu lugar de pertença.

4.2 Diáspora e as consequências do (pós)colonial: *A última tragédia*⁷⁰, Abdulai Sila

Os autores africanos do fim do milênio, com seus textos descolonizados, dentro da cosmovisão africana moderna, propõem-se a uma dupla tarefa: à recuperação da memória ancestral e das tradições e a uma nova leitura da herança colonial, representando uma resposta, em nível da fabulação e da apropriação simbólica, à dependência dos parâmetros ocidentais mais prestigiados. Reconquistando seus bens culturais e sua alteridade diferenciadora, resgatam a realidade histórica, reinterpretam o passado e lançam visões do futuro do país, numa atitude consciente contra o esquecimento de fatos e valores que pretendem reabilitar, apresentando uma outra face da nação.

Moema Parente Augel, “Prefácio” de *A última tragédia*

Abdulai Sila é considerado o primeiro romancista bissau-guineense. Nascido em Catió, sul da Guiné, em 1958, participou de várias atividades culturais em seu país, além de ser sócio-fundador da editora Ku Si Mon, que em crioulo significa “com as suas próprias mãos”, primeira editora privada do país. Foi um dos intelectuais responsáveis pela fundação do INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas, em Bissau. Formado em engenharia eletrônica em Dresden, na Alemanha, é co-fundador do primeiro centro de computação na Guiné. Atualmente dedica-se ao trabalho de administrador de sistemas numa empresa de telecomunicações em Bissau, além de contribuir com cursos de computação para a formação técnica de jovens guineenses.

Sua trilogia *A última tragédia* (1994), *Eterna Paixão* (1995) e *Mistida* (1997) narram os acontecimentos em seu país desde o período anterior a independência, passando pelos anos de intensa guerra civil, para chegar no período de tensão social étnica e política que levou a Guiné ao retrocesso dos tempos coloniais. Sua ficção está marcada pela representação do fracasso do processo de descolonização e da política pós-colonial e pela denúncia dos responsáveis, acenando para uma nova narração da nação.

⁷⁰ As citações do romance serão usadas pela sigla *AUT* (*A última tragédia*) e o número da página.

O romance em análise, *A última tragédia* (1994), conta as desventuras de Ndani, jovem com treze anos, conflitada entre dois mundos: os universos do colonizador e do colonizado. Vítima da maldição do djambakus⁷¹, feiticeiro da tabanca, é avisada “ser portadora de um mau espírito, da alma de um defunto mau” e que, por isso, teria “uma existência turbulenta, uma vida de desgraça, de tragédias até ao fim...” (*AUT*, p.27). Por esse motivo, Ndani foge da aldeia para escapar da profecia e segue rumo à capital, onde consegue um emprego de empregada doméstica na residência de um casal português. É assim, no trânsito entre o interior e a capital, que a jovem busca afirmar sua identidade nas tensões entre colonizador e colonizado.

Incomodada com a vigilância dos moradores do Biombo, local onde vivia, Ndani resolve dar novo rumo à vida. Ali, naquele sítio onde nascera, os acontecimentos que lhe diziam respeito eram creditados à maldição, tornando-se, assim, mais difícil ainda a convivência no grupo. Ndani decepciona-se com todos, inclusive com a própria mãe e vai tentar aprender com a madrasta, a mais nova mulher do seu pai, as estratégias de convivência com os brancos, na função de criada. Assim, estigmatizada por sua própria comunidade, deseja ardentemente partir para um outro mundo, diferente do seu, onde as profecias do Djambakus não pudessem atingi-la e ela possa dar curso à sua vida.

No espaço urbano, modelo administrativo do império colonial português, um mundo tão diferente do seu, Ndani tem o mesmo destino de inúmeras jovens empregadas como criadas que deixaram suas aldeias em busca de melhores condições de vida na capital. Apesar da maioria da população ainda residir nas áreas rurais da Guiné-Bissau, atualmente a migração para os grandes centros urbanos, principalmente Bissau, promove uma maior concentração populacional nestes espaços e, conseqüentemente, um agravamento na prestação de serviços sociais básicos para os cidadãos. Após quase quarenta anos de independência, a Guiné-Bissau é um dos países mais pobres do mundo, mantendo um IDH muito precário, com quase setenta por cento dos cerca de 1,5 milhão de habitantes na linha da extrema pobreza, sendo mais elevada nas zonas rurais.

⁷¹ De acordo com Augel (2007, p.133), o djambakus é uma espécie de curandeiro, um “indivíduo das comunidades animistas” com o poder de prever o futuro e fazer vaticínios.

Apesar disso, seduzida com a “civilização” importada pelo colonizador, expressando a satisfação de ter acesso às mesmas benesses que o branco tinha, aprendeu bem a língua, alfabetizou-se, foi cristianizada e violentada sexualmente pelo lúbrico patrão. Passados quase três anos, Ndani sente a diferença entre o “mundo de branco” e o “mundo de preto”. A citação abaixo é longa, mas mostra claramente como a personagem percebe e se encanta pelas facilidades da sociedade moderna em comparação com a vida difícil na velha tabanca:

Levou mais de dois anos para descobrir a veracidade de uma das primeiras coisas que a madrastra lhe tinha dito de uma maneira tão simples, tão clara: “Mundo de branco é um mundo muito diferente!”. Quase três anos e finalmente descobrira a diferença. Sentia a diferença. O sacana do Djambakus devia ver.

Ele devia ver o que é dormir numa cama de molas e comparar a diferença com um colchão de palha com troncos no meio; ele devia saber o que é dormir num quarto sem mosquitos a chatear e com ventoinha a soprar fresco toda a noite e comparar isso com o martírio de dormir com galinha e cachorro ao lado e dabi no colchão; ele devia experimentar para depois explicar às mulheres dele a diferença entre sentar-se de manhã a uma mesa e tomar calmamente o mata-bicho e o acordar com o segundo galo e começar a pilar arroz, ainda por cima com filho às costas; ele devia ver como é que com um simples truque de torcer uma torneira, só com dois dedos, sem o menor esforço, se podia obter a quantidade de água que se quisesse e comparar depois o esforço com a canseira das mulheres da tabanca de caminhar distâncias enormes com pote ou balde grande na cabeça; ele devia ver a quantidade de carne que o cão daquela casa comia todos os dias e comparar com a comida que os meninos tinham na tabanca e fazer depois alguma coisa para que acabasse o rabata-rabata; ele devia ver tudo o que o homem branco tem e ver se encontrava uma forma de convencer o Yran a ajudar a encontrar coisas parecidas para o homem preto, em vez de estar só a anunciar desgraças e tragédias; ele devia saber que se enganara redondamente a seu respeito e que sua vida, a vida de Maria Daniela, empregada de Dona Maria Deolinda Leitão, nunca seria uma sucessão de tragédias. O sacana devia conhecer o mundo do branco ou então perguntar à madrastra como é que era... (AUT, p.44)

Estigmatizada em sua própria comunidade e invisível diante da sociedade colonial, Ndani acaba por elaborar um “comportamento adotado”, no qual o colonizado sente a necessidade de se adequar a novos espaços, mesmo que seja uma agressão individualizada. A esse respeito, Albert Memmi (2003, p. 134-5) diz:

This conduct, which is common to colonizers as a group, thus becomes what can be called a social institution. In other words, it defines and establishes concrete situations which close in on the colonized, weigh on him until they bend his conduct and leave their marks on his face. Generally speaking, these are situations of inadequacy. The ideological aggression which tends to dehumanize and then deceive the colonized finally corresponds to concrete situations which lead to the same result.⁷²

Rebatizada de Daniela, nome católico imposto por sua patroa portuguesa, Ndani é obrigada a deixar suas tradições e incorporar os valores religiosos e hábitos dos colonizadores. Ao roubar-lhe a língua, as crenças e tradições, substituindo-as pelos valores culturais dos europeus, Dona Maria Deolinda, “uma senhora que mal sabia assinar o nome”, reafirma o discurso de superioridade da cultura dos brancos em tudo, acreditando que tem a missão sagrada e patriótica de salvar os africanos. Assim, ela assume a tarefa redentora de evangelizar e educar os naturais da terra para criar uma rede de signos e comportamentos no projeto da ordem colonialista em uma realidade física e cultural, a saber, a “civilização”.

A última tragédia, narração da nação, reproduz a relação de classes numa sociedade voltada para as problemáticas cultural, social, racial, política e, sobretudo, religiosa. Esse discurso do colonizador sobre “dilatar a fé e o império”, apesar de desvirtuado, tornou-se uma ladainha com fins de lucros e dominação. De acordo com Said (1995, p.118)

Subjacentes ao espaço social estão territórios, terras, domínios geográficos, as escoras geográficas concretas da luta imperial, e também cultural. Pensar em lugares distantes, colonizá-los, povoá-los ou despovoá-los: tudo isso ocorre na terra, em torno da terra ou por causa da terra. A posse geográfica efetiva da terra: em última análise, é disso que trata o império. No momento em que ocorre uma coincidência entre o poder e o controle real, entre a ideia do que era (poderia ser, poderia se tornar) um determinado lugar e um lugar concreto: nesse momento se inicia a luta pelo império. Essa coincidência é a lógica tanto para a apropriação ocidental de terras quanto, durante a descolonização, para a resistência nativa que as reivindica. O imperialismo e a cultura a ele associada afirmam,

⁷² “Esta conduta, que é comum aos colonizadores enquanto um grupo, torna-se o que pode ser chamado de uma instituição social. Em outras palavras, define e estabelece situações concretas que se fecham sobre o colonizado, pesam sobre ele até que eles dobrem sua conduta e deixam suas marcas em seu rosto. De um modo geral, estas são situações de inadequação. A agressão ideológica que tende a desumanizar e depois enganar o colonizado finalmente corresponde às situações concretas que conduzam ao mesmo resultado.”

ambos, a primazia geográfica e uma ideologia do controle territorial. O sentido geográfico faz projeções — imaginárias, cartográficas, militares, econômicas, históricas ou, em sentido geral, culturais. Isso também possibilita a construção de vários tipos de conhecimento, todos eles, de uma ou outra maneira, dependentes da percepção acerca do caráter e destino de uma determinada geografia.

A esse respeito, Jane Tutikian (2006, p.93) diz:

O processo utilizado pelo imperialismo português na África foi a superposição de cultura: esquece-se o passado africano e assume-se uma história outra, a portuguesa. Essa superposição ocorreu por violência implícita (a catequese) e explícita e fez da língua seu instrumento de conversão ideológica. Não a língua escrita, ela terminaria por tornar-se um instrumento de aquisição do saber, e, portanto, de revolta, abalando as estruturas do poder colonial.

No entanto, apesar do verniz civilizatório que assimila, Ndani conserva sua identidade africana ao resistir e ressignificar sincreticamente alguns elementos no processo de aculturação. Um exemplo disso é a substituição de um amuleto que traz consigo, presente do pai para expulsar de seu corpo o mau espírito, pelo crucifixo, símbolos que, aliás, ela vê como correspondentes pois uma cruz representaria o Yran dos brancos. Com isso, Ndani passa a acreditar que, mesmo com a troca dos amuletos, seu corpo estava livre do espírito que tornaria sua vida uma sucessão de tragédias.

De novo sentada, Ndani levou a mão até ao peito e pegou o crucifixo. Era pesado para o tamanho que tinha. Lembrou-se de um colar algo parecido, com um chifre de cabra-mato no lugar do crucifixo, que o seu pai lhe colocara ao pescoço poucos dias depois de o Djambakus ter dito que ela era portadora de um mau espírito no corpo. (AUT, p.46)

Após ter sido acusada de seduzir o patrão (quando na verdade ela fora violentada sexualmente), Ndani é obrigada a deixar o espaço disfórico da diegese encenada em Bissau e retornar para sua tabanca no Biombo, de onde tinha partido há alguns anos. D. Linda, a devota patroa, ficou com a católica e civilizada tarefa de

perdoar o crime contumaz do marido, sem “comprometer a sua promoção a Administrador” (*AUT*, p.66).

Outros dois importantes personagens no desenrolar das ações e que representam a figura do africano mentalmente emancipado, assim como Ndani, são o Régulo e o Professor. Representando a antítese da imagem do colonizado servil e incapaz, o primeiro resiste e reage às humilhações e ao autoritarismo do sistema colonial, tentando empreender uma síntese conciliadora entre as tradições de seu povo e as inovações positivas que pudessem beneficiar sua comunidade. Consciente de seu papel e responsabilidade diante de seu povo, o régulo reconheceu que os males provocados pelo colonizador poderiam ser minimizados se o povo tivesse consciência da própria força. Essa consciência se dá, justamente, na sua iniciativa de construir uma escola e contratar um professor nativo. Porque, segundo ele: “Duas cabeças valem mais que uma cabeça. Ele tinha posto três cabeças a juntar à sua. (...) Aí é que está o problema mais grande do preto. Pensar. No dia em que os pretos começarem todos a pensar, os brancos vão pôr-se fora da terra.” (*AUT*, p.67-82). Assim, a crítica aos abusos do colonialismo e o desrespeito do branco pelo natural da terra embasa as ideias do Régulo, fazendo iniciar a redação de seu testamento cuja diretriz está na valorização do pensamento, da reflexão crítica.

Exemplo de resistência, o régulo, na intenção de parecer superior e rivalizar com o administrador local, prolongamento da autoridade e ameaças da metrópole, construiu uma vivenda ainda maior e melhor que a do *puto* para receber a mais nova e sexta esposa, Ndani. Desprezando a profecia do djambakus, iludido pelo sonho de encontrar uma mulher entendida nas coisas das casas de branco, e contrariando o alerta dos seus conselheiros, o régulo tenta superar o complexo de inferioridade construído através das várias humilhações a que foi submetido pelo novo Chefe da administração local, fazendo-o assim desconfiar da perda de autoridade entre os moradores de Quinhamel.

Não pagava imposto obrigatório e isso era prova de respeito. Ninguém podia discutir. Significava que mesmo o branco sabia que ele não era um indígena qualquer. Não era assimilado, mas indígena também não era. [...] está claro que um Régulo de respeito, que não pagava imposto, depois começa a pagar, as pessoas vão buscar logo o porquê. [...] Pagando imposto, passaria a ser um indígena

normal como qualquer outro. Depois de tantos anos de vida de Régulo, com todas as coisas a que estava acostumado, a vida não seria nada boa. (AUT, p.74-77).

No entanto, Moema Parente Augel (2007) afirma que essa atitude de confronto do sujeito colonizado acaba por enfatizar o discurso hegemônico da época que insistia em pintar os indígenas como ignorantes, ingênuos e incapazes, numa atitude que justificava o paternalismo do colonizador.

O segundo personagem, e também protagonista da diegese, o Professor, tem o nome sempre grafado em letra maiúscula, sendo-lhe atribuído o respeito e a importância da educação numa perspectiva transformadora da realidade colonial. Fruto de uma educação colonial, cristão batizado e crismado, o Professor assimilara os valores da religião Católica desde muito jovem. Mas, apesar de incorporar os valores do colonizador e ser um “bom cristão”, respeitava as tradições locais desde que estas não entrassem em “contradição com suas convicções religiosas” (AUT, p.108).

Através da figura do Professor é possível percebermos a superação do medo imposto pela violência do colonizador, levando os personagens a tomar consciência de sua força e combater as mazelas desencadeadas pelo colonialismo. Dessa maneira, para fugir da opressão/supremacia da cultura branca, o colonizado sente a necessidade de voltar às suas raízes mais profundas e ignoradas (FANON, 2006).

Após a morte do régulo, Professor e Ndani, que havia sido rejeitada por aquele na sua noite de núpcias por não ser mais virgem, partem em busca de um novo começo na cidade de Catió. Do encontro de ambos na tabanca de Quinhamel, nasceu uma paixão que enfrentou todas as convenções sociais. O renascimento espiritual e afetivo de Ndani se dá na mudança para Catió, vivendo finalmente o verdadeiro amor com o Professor. Esta mudança insere-se na perspectiva de contrariar o vaticínio do Djambakus, embora temporariamente, destruindo a credence pela informação.

Catió era a nova esperança. Terra distante, isolada do resto, rodeada de braços de mar por quase todos os lados. Terra de gente desconhecida, que não conhecia o seu passado, gente que iria deixar viver a esperança nascida num dia santo, antes de Obem. A

esperança de uma nova vida, uma vida que seria de sossego, de amor, de felicidade. Uma vida em harmonia consigo próprio e com o próximo.

A esperança ainda existia, apesar de todas as incertezas, apesar dos tumultos do passado que ainda pairavam sobre ela. (AUT, p.147)

Na tentativa de fugir para Catió, longe do passado de agruras e das violências do colonialismo, Ndani acaba cumprindo o destino vaticinado pelo Djambakus. Apesar da expectativa de quebra de um final trágico para a protagonista a partir da incorporação de elementos da tradição oral africana na construção de uma narrativa poética, o tão desejado *locus amoenus*, que lhe traria a “esperança de uma nova vida” de sossego e amor, acaba transformando-se no lugar de confirmação de “uma vida de desgraça”. Com a chegada do antigo Administrador de Quinhamel em Catió, chegam também as várias formas de violência empregadas pelo colonizador. Numa mistura de raiva, resistência e vingança, inspirado pela história de seu pai e de outro “herói” natural, o Professor revida a agressão do Administrador que, uma semana depois, é encontrado morto no banheiro de sua casa.

Por força da *dura lex*, o Professor é acusado de um crime que não cometeu e, por interferência de um médico que, indignado com a situação no tribunal, depôs em seu favor, recebe uma pena mais branda que a capital e é deportado para as ilhas de São Tomé e Príncipe, destino dos que eram condenados ao trabalho forçado nas lavouras de cacau e café⁷³. Isso mostra a denúncia de como o colonialismo, e suas instituições promotoras, por uma perversão lógica, se orienta num movimento gradativo em direção ao povo oprimido: deformando-o, desfigura-o, aniquilando-o. O professor sofre com: a destituição dos seus valores culturais, principalmente no que concerne à religiosidade, e assimilação de outra; a constante humilhação e violência física a que é submetido; a manipulação da justiça; e o exílio forçado, representando sua morte.

Assim, morto de desgosto o Régulo, degredado o Professor, acabava a última esperança de Ndani. Enlouquecida, anos depois, atira-se ao mar numa tentativa desesperada de reencontrar seu amor perdido, sua única felicidade.

⁷³ O processo de “população” de São Tomé e Príncipe é marcado pela chegada de colonos vindos de Portugal, dentre os quais degredados, crianças judias apartadas dos pais e escravos do continente africano vindos, a princípio, do Reino do Benim e, logo depois, Congo e Angola.

Todos os anos naquela data ela ia a Bissau. Esperava pela hora em que ele aparecia lá no longe e falava com ele. [...] Os anos passavam lentamente e com eles as saudades iam crescendo, os cabelos mudando de cor, as ansiedades e as preocupações aumentando. Tudo estava a crescer, a aumentar diariamente, excepto as esperanças. [...] Queria somente ver aqueles olhos...

Subitamente, sentiu um vento diferente a soprar. Estava carregado de muita humidade. Num instante tinha toda a roupa molhada e a água começou a dançar na sua frente, num ritmo absurdo que nem um kankuran tchaskiado. O ambiente à sua volta tornou-se turvo. Virou a cabeça para um lado e para o outro, mas descobriu que o cenário era sempre o mesmo. A água exibia a sua estranha dança e não deixava ver outra coisa. Abriu a boca e chupou uma boa quantidade. Começou então a ouvir uma melodia desconhecida, uma mistura de sons agudos que chegavam de todos os lados, fazendo vibrar as mãos e os pés sem parar. O ambiente tornava-se cada vez mais turvo, a água à sua volta dançando em um ritmo frenético. Ela insistia em tapar-lhe os olhos, mas não iria permitir que isso acontecesse. Tinha que olhar para aquele local de costume onde estava o seu homem à espera, com aquele rosto solitário, que deixara atrás das grades de ferro, que a olhava com uns olhos carregados de uma enorme paixão misturada com tristeza e saudade. Tinha que falar com ele, sem falta.

Tinha que dizer-lhe que estava morrendo de saudades... (AUT, p.182-3)

Através do drama de Ndani e dos outros protagonistas, da migração em busca de melhores condições de vida, passando pela busca de um lugar onde se possa construir um novo começo, ao exílio forçado, o romance propõe uma reflexão sobre os traumas da colonização, apontando os paradoxos entre tradição e modernidade.

Por fim, recorreremos aqui às palavras de Augel (2007, p.309) onde ela realiza uma síntese do que cada um dos espaços percorridos pelos protagonistas do romance significa:

Quinhamel representa aqui um microcosmo territorialmente circunscrito e que é dado a conhecer pela ação e liderança do régulo Bsum Nanki. Abdulai Sila empreende sua narração da nação demarcando e delimitando bem claramente as fronteiras simbólicas entre um “nós” e um “outro”. O autor lança mão de símbolos tirados tanto do ambiente rural da *tabanca*, do mundo africano com seus usos e costumes específicos, suas regras e sua hierarquia, a crença no sobrenatural e no encantamento. Quinhamel é o mundo do “outro”, em oposição ao primeiro espaço, o da capital: a igreja e o catolicismo, a escola, a casa luxuosa e grande, com os requintes da vida moderna, a pretensa superioridade do dominador. Ao buscar a sexta esposa com brilhos e educação da cidade, mas pertencendo à

comunidade autóctone; ao chamar como professor um africano formado pelos missionários, mas profundamente envolvido com os valores da sua própria cultura; ao conceber um régulo livre-pensante, capaz de romper com certas tradições e abrir-se às inovações positivas que pudessem beneficiar seus subordinados, resistindo e reagindo orgulhosamente às humilhações e ao autoritarismo daquele poder instituído a partir de fora, Abdulai Sila consegue empreender a quadratura do círculo, reunindo o tradicional com o moderno para compor sua nação imaginada, fundando uma (nova) alteridade que põe em relevo a descontinuidade entre o “mundo do preto” e o “mundo do branco”. Sem lançar mão do apelo à luta pela libertação nacional, essa está subliminarmente presente, renunciada pelo espírito independente, pelo amor-próprio e pela liberdade de pensamento do Régulo, do Professor e de Ndani.

4.3 Identidade, gênero e memória na diáspora: Orlanda Amarílis

O drama do Mar,
o desassossego do Mar,
sempre
sempre
dentro de nós!

[...]
O Mar!
pondo rezas nos lábios,
deixando nos olhos dos que ficaram
a nostalgia resignada de países distantes
que chegam até nós nas estampas das ilustrações
nas fitas de cinema
e nesse ar de outros climas que trazem os passageiros
quando desembarcam para ver a pobreza da terra!

[...]
Este convite de toda a hora
que o Mar nos faz para a evasão!
Este desespero de querer partir
e ter que ficar!

Jorge Barbosa, "Poema do mar"

Dos textos aqui elencados para compor o *corpus* de análise de nosso trabalho, Orlanda Amarílis é a que possui a menor obra em quantidade de publicações. Foram apenas três livros publicados pela autora, três coletâneas, cada uma com sete contos alguns dos quais haviam sido publicados em revistas, coleções e antologias⁷⁴. São eles, respectivamente: *Cais-do-Sodré té Salamansa* (1974), *Ilhéu dos Pássaros* (1983) e *A casa dos mastros* (1989)⁷⁵.

Apesar disso, sua importância está no fato de ter sido a primeira narradora caboverdiana com livro publicado (FERREIRA, 1977a, p.68) e de sua ficção ser referência na construção de narrativas que exploram questões relacionadas com a caboverdianidade, destacando-se o drama da insularidade a partir da ótica da mulher. Iniciou sua carreira literária colaborando para a revista *Certeza* (1944),

⁷⁴ A autora ainda publicou três livros para crianças: *Folha a folha*, em coautoria com Maria Alberta Menéres, em 1987; *Facécias e peripécias*, 1990; e *A tartaruguinha*, 1997. No entanto, não os consideramos aqui porque estamos interessados na sua produção literária contística que explora os temas da cabo-verdianidade, em especial, o drama da diáspora em Cabo Verde: a nostalgia de quem parte e a tristeza de quem fica.

⁷⁵ As citações dos livros serão usadas pelas siglas CSS (*Cais-do-Sodré té Salamansa*), IP (*Ilhéu dos pássaros*), ACM (*A Casa dos Mastros*), respectivamente, e o número da página.

importante veículo de divulgação da cultura de Cabo Verde e, inspirada no neorrealismo português, preocupada com a perspectiva social.

Nascida em Assomada, na ilha de Santiago, Cabo Verde, em 1924, a escritora fez os estudos primários e secundários em Mindelo, na ilha de São Vicente, e os completou em Goa, território da Índia Portuguesa, onde viveu por seis anos. Mais tarde seguiu o curso de Ciências Pedagógicas em Lisboa. Foi casada com Manuel Ferreira, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, importante estudioso das literaturas africanas de língua portuguesa e autor do primeiro estudo sobre a produção literária africana lusófona. Sempre presente em encontros em vários países do mundo e empenhada na divulgação das obras dos autores caboverdianos – seus contos foram traduzidos para outros idiomas, como o russo, o húngaro, o holandês e o italiano –, Orlanda Amarílis goza de um trânsito privilegiado entre espaços das grandes metrópoles e suas respectivas colônias, resultando, muito provavelmente, numa ótica privilegiada para se pensar a dinâmica da vida contemporânea na relação entre a modernidade e tradição.

Talvez por isso suas histórias são tecidas, de um lado, a partir da experiência caboverdiana de “encontro com as raízes míticas a revelar a essencialidade do arquipélago”, a preocupação com a temática social da terra; e, do outro, pertencendo à diáspora “consegue contrastá-la com a cultura portuguesa, sob a forma de um olhar distante e de um olhar estranho, respectivamente” (TUTIKIAN, 1999, p.60), relacionando sempre a psicologia e o meio social em que seus personagens se inserem. Tudo isso sem deixar de lado, no entanto, a originalidade de diferentes recursos estilísticos que emprega nos contos.

Apesar de sua importância para a literatura de Cabo Verde, Orlanda Amarílis faz parte de um grupo reduzido de escritoras. No entanto, a produção literária de autoria feminina, dramaticamente documental, busca explorar a problemática social do seu país através do cotidiano de mulheres que reinventam a historicidade do dia-a-dia, enfatizando o mundo doméstico feminino, os avanços à emancipação das mulheres, bem como as violências sociais e discriminações sofridas. Segundo Benjamin Abdala Júnior (2006, p.154):

Os “causos” de Orlanda Amarílis são relatados, conforme indicamos, sobretudo por vozes femininas. A identidade da nação soma-se a do

assim chamado “genero”. Não se trata apenas de representar Cabo Verde, mas de construir a “maneira de ser” das mulheres cabo-verdianas.

O certo é que pelas semelhanças temática e estrutural na obra da autora, e a prevalência de uma divisão espaço-temporal entre Europa/África e Passado/Presente no recorte de suas narrativas, Benjamin Abdala Júnior (2006, p.149) descreve a ficção de Orlanda Amarílis como uma espécie de “*continuum*” como se a escritora estivesse escrevendo o mesmo livro, com seus narradores trazendo novas visões dos mesmos objetos e acréscimos de histórias intercaladas”. Dessa forma, procurando intercalar os títulos e as estórias, vamos prosseguir com a análise dos contos obedecendo a ordem de publicação das obras.

Na obra de Orlanda Amarílis o tema da diáspora é recorrente, fazendo, através de personagens femininas, em sua maioria, ecoar um sentimento doloroso de desgarramento da terra-mãe (ou madrasta, muitas vezes). O espaço em que as personagens são inseridas está repartido entre a Europa e a África, onde transitam, ao mesmo tempo, os sentimentos de estranhamento do exílio e a nostalgia da terra natal, com seu sofrimento, sua fome, seu ilhamento.

Um indício dessa relação em trânsito pode ser visto já desde o título do livro *Cais do Sodré té Salamansa*, evidenciando a relação entre o exílio em Lisboa, Portugal, e Salamansa, vila de pescadores localizada no norte da ilha de São Vicente, Cabo Verde. Não por coincidência, os contos que abrem e fecham este livro têm títulos homônimos à obra. Isso parece indicar uma relação cíclica pois o lugar de partida e chegada invertem aqui seus papéis.

A diáspora, enquanto tema e estratégia narrativa, está presente desde o primeiro conto do primeiro livro da autora demonstrando sua preocupação com a realidade da mulher e também do homem caboverdiano. “Cais do Sodré” é uma estação ferroviária que fica em Lisboa, centro da migração caboverdiana. A protagonista do conto, Andresa, é uma caboverdiana que vive a luta de se integrar no exílio ou viver a solidão no estrangeiro. Como todo imigrante de seu país, ela experiencia a insularidade característica das ilhas, agora revertida também no seu aspecto cultural.

Vivendo entre duas realidades, ela encontra sua patrícia, Tanha. Este encontro desperta em Andresa um duplo sentimento de rejeição, por querer ser como o outro, e de aceitação, pela nostalgia que sente de sua própria terra.

Andresa ajeita a mala sobre os joelhos, acaricia o fecho de tartaruga, num gesto vago, sem atinar porque dera conversa à senhora. Conchêl, porquê? Onde? Só se for do tempo de chá de fedagosa. Sou mesmo disparatenta. Se eu era Andresa Silva filha de nhô Toi Silva de Casa Madeira? Sim senhora, sou Andresa, sobrinha de nh'Ana, filha de nhô Toi. É sim. Mais conversa pã mode quê? Ainda hei-de perder essas manias. Manias de dar trela a todo o biscareta da minha terra. Apareça-me pela frente seja quem for, não conheço, acabou-se. (CSS, p.11).

Como muitas outras personagens, principalmente mulheres, Andresa se viu obrigada a emigrar de Cabo Verde em razão da geografia da região, árida e seca, o que ocasiona a miséria da população e, conseqüentemente, a necessidade de ter de partir, mas querendo ficar. Essa impossível ubiquidade é um sentimento próprio do caboverdiano que ficou conhecido através da epígrafe do romance *Chiquinho* (1947), de Baltasar Lopes, expressão em crioulo: “*Corpo, q'ê nêgo, sa ta báí; coração, q'ê fôro, sa ta fica!*”.

Andresa encontra-se numa situação de fronteira, dividida entre a difícil integração e a manutenção de condição de exílio. Apesar disso, através do encontro com um patrício a personagem é transportada mnemonicamente para o espaço afetivo e nostálgico de sua cultura, sua mãe-terra. Em suas memórias, Andresa vai recompondo os “resíduos de ‘nostalgia entre o exílio e o desenraizamento’, como uma nuance do terralongismo, pela força do qual o universo cabo-verdiano se organiza nas teimosas e inevitáveis recordações” (SANTILLI, 1985, p.27).

Podia ir com a Tanha pela linha adiante e matar saudades, a ouvir a fala descansada e sabe de Soncente, fala de conversa de novidades.

[...] De há algum tempo para cá acontece-lhe isto. VÊ um patrício sente necessidade de lhe falar, de estabelecer uma ponte para lhe recordar a sua gente, a sua terra. Entretanto, feito o contacto, o desencanto começa a poderar-se dela. Qualquer coisa bem no íntimo lho faz sentir. Não há afinidades nenhuma com as pessoas de há quinze anos para trás. Nem são as mesmas. Topa-os aqui e ali, no Rossio, na Estrela, espalhados por Lisboa, no Camões aos

domingos de manhã, no Conde Barão, no Cais do Sodré. (CSS, p.15)

Através dessas recordações, Andresa é deslocada espaço-temporalmente de volta à sua infância em Cabo Verde, ressaltando elementos da tradição oral na narrativa da criada Bia Antónia que, “entre duas fumaças do canhoto [...] desfiava um ror de histórias” (CSS, p.16); como também aspectos da dura realidade e da vida social caboverdiana - alguns dos quais obrigaram vários caboverdianos a migrarem.

Andresa relembra tudo isto com tanta minúcia como se se nunca tivesse despegado da Mãe-Terra e tivesse continuado as pegadas de nhô Sinão Filili, de nhô Faia, de Antoninho Ligório, do Pitra. (CSS, p. 18).

Apesar de, no final do conto, procurar ficar próxima de alguém com quem se identifique (ela acaba acompanhando Tonha até Caxias), Andresa paga o ônus de viver entre o exílio e o desenraizamento, fronteira insular de quem sofre com a discriminação social e a solidão no estrangeiro.

Observado de Lisboa, o insulamento da terra não deixa de ser um elemento mítico de encontro. Uma utopia registrada criticamente e que propicia o nascimento de projetos. Não um sonho abstrato, devaneio, mas um sonho diurno de quem tem convicções transformadoras. (ABDALA JÚNIOR, 2006, p.154)

Outro conto que apresenta uma perspectiva diferente dos caboverdianos desenraizados na diáspora está no segundo livro da autora, *Ilhéu dos Pássaros*. “Thonon les Bains” é um dos exemplos mais claros dessa dinâmica ubíqua na narrativa, isto é, de querer ser/estar em dois lugares ao mesmo tempo. Neste texto, o narrador combina diferentes cronotopos elaborados a partir de um entrelaçamento fluido e não linear, que vai desde a linguagem crioulezada, passando pelos artifícios espaço-temporais e narrativos da ficção, até no entrecruzamento dos espaços diaspóricos entre a África e a Europa, marcas já características da autora. O que é possível perceber claramente no conto é a condição inerente à natureza dos sujeitos caboverdianos: o ser em diáspora que procura, no exílio, alterar a situação

permanente e (quase) inalterável de sua terra natal.

Assim, no conto, vemos o desenrolar de uma trama interligada a dois espaços: enquanto de um lado vemos a história de nh'Ana, desfiando o problema financeiro de Cabo-Verde, o problema do desemprego e das condições climáticas da terra madrastra, temas explorados pela geração de *Certeza*; do outro, a história dos primos Gabriel e Piedade, jovens sujeitos da diáspora, que denunciam, a partir de seus exemplos, os problemas enfrentados pelo imigrante na ambiguidade em relação ao exílio em Thonon-les-Bains, pequena cidade da França, na fronteira com a Suíça.

De um lado do conto, no arquipélago africano, vemos a narração o dia-a-dia a partir do olhar de nh'Ana e suas comadres. Aqui somam-se histórias de denúncia e de esperança. Com a ida dos filhos para o exterior e a possibilidade de um bom casamento para a filha Piedade, nh'Ana imagina pra si um tempo de abundância material que a faça sair da penúria: “Em sonhos enrodilhada, na esperança de abrir o seu botequim, nh'Ana ia desfiando os dias e recebendo notícias da filha” (*IP*, p.15)

Lado a lado com essas histórias, estão aquelas que apontam para as mulheres que não têm perspectiva financeira, que sobrevivem na miséria e sofrem, muitas vezes sozinhas, as agruras e secas constantes da terra madrastra.

Sabe, comadre, a vida aqui já não podia continuar como era. Sete anos sem chuva é muito. Eu não tenho nem uma migalha de reforma de Deus-haja. Nós vivemos da renda dos bocadinhos de terra e de mais alguma coisinha, encomendas dos nossos rendeiros, um cacho de banana de vez em quando, uns ovinhos, um balaio de mangas uma vez por outra, uma quarta de mongolom, umas duas quartas de milho e é tudo. (*IP*, p.14)

Do outro lado, vemos a história de Piedade e seu meio-irmão Gabriel, típicos representantes da diáspora na vida dos jovens cabo-verdianos. Dessa maneira, o narrador, através de um verdadeiro jogo de espelhos, traça uma geografia imaginária em que os espaços se interpenetram, ora se confundindo, ora se expandindo, em especial entre as personagens mulheres.

No conto, Piedade vai morar com seu meio-irmão Gabriel em Thonon-les-Bains. Lá ela conhece Jean, francês bem mais velho que ela, separado, com quem

mantém um namoro sério e “correto” sob os olhos sempre atentos do meio-irmão.

Jean era um bocado ciumento, tinha quarenta e dois anos, era separado de uma outra mulher, mas era muito seu amigo. Trazia-lhe chocolates quando vinha namorar com ela, tudo à vista de Gabriel e dos seus amigos. Nunca ficava só com ele porque Gabriel não deixava, sempre a espiar, até os dois amigos eram capazes de lhe ir contar qualquer coisa mal feita ela viesse a fazer. (IP, 1974, p.19)

Por meio da descrição e da diferença de valores no cruzamento de dois espaços distintos, a saber, o Ilhéu dos Pássaros e Thonon-les-Bains, (Cabo-Verde e França; África e Europa), e, principalmente, de idade entre Piedade e Jean é possível percebermos a radical diferença cultural existente entre eles, diferença esta que vai ficando cada vez maior quando Piedade prefere manter-se fiel à percepção da vida e do modo de ser do cabo-verdiano.

Apesar de emigrantes, no conto os cabo-verdianos decidem que viver fora de seu país não significa abrir mão de suas raízes, de suas “dengosices”, “requebros”, “floreios de tango e de rumba negra”. Esse sentimento bem característico da *morabeza* se traduz no reverso da saudade, pois, acostumado a conhecer novas terras, como emigrante, o cabo-verdiano desenvolveu uma “atitude amigável, simpática e gentil de receber e de querer agradar e compartilhar” (CRISTÓVÃO, 2005, p.736), expressando, assim, a forma como gostaria de ser recebido, mesmo no estrangeiro. No excerto abaixo vemos como, apesar do clima de festa entre os patrícios em Thonon, as diferenças entre Piedade e seu namorado francês, o Jean, vão pouco a pouco ficando mais evidentes.

Jean era bom, era seu amigo, mas começou a pensar na sua idade e na dele, começou a pensar na seriedade do Jean, na sua maneira de tratar tudo tão a sério. Deitava contas à vida, calculava todos os francos para isto e para aquilo e ela começou a perder a paciência para aquelas conversas. Um bocado alevantada, esboada mesmo, queria brincar, rir, fumar o seu cigarrinho e ei-la agoniada com as conversas de gente-velha do Jean. E depois, aquele moço da Ribeira da Barca, badio de pé ratchado, vinha todas as tardes com o transistor e aí começavam a dançar os dois, a fazer partes, a cair para a frente e para trás, a dar voltas e a mornar. Jean ficava na ponta da cama, sorria. Não gostava de dançar, preferia ver as dengosices da Piedade e o Maninho a segurá-la em meias voltas inesperadas, parecia um vime tocado pela brisa.

Naquelas partes e requebros, Maninho ia-a apertando e dizia-lhe umas palavrinhas sussurradas, depois largava-a, ela caía para trás e fazia mais partes com floreios de tango e de rumba negra. Jean sorria, sorria sempre, baixava e levantava a cabeça a marcar o compasso. (*IP*, p.20-21)

Longe da companhia da mãe, e mesmo sob os cuidados de Gabriel, Piedade, única mulher emigrada para Thonon-les-Bains, revela ser a personagem mais frágil do conto – seu nome traz a inocência e a fragilidade das vítimas que, por ironia, são impiedosamente violentadas por seus algozes. Assim como as outras personagens, diaspORIZADAS, ela revela a condição de minoria: emigrados, marginalizados e submetidos a uma sociedade onde apenas representam a força do trabalho, forma de garantir o sustento da família e a esperança de um dia voltar para casa.

Jean abraçou-a também, envolveu-a e foi levando-a assim de mansinho. Quando chegaram junto à porta, abraçando-a sempre pela cintura, puxou-a para dentro da casa de banho e com o pé fechou a porta e trancou-a. Piedade estava atónita. Ele nunca fora muito efusivo. Beijava-a muito na boca mas nunca fora além disso. Se calhar ela ia deixar de ser menina-nova ali mesmo no chão daquela casa de banho. De qualquer maneira iam-se casar. Ser agora ou no dia do casamento não tinha importância. Deixou-se escorregar sob o peso do homem e viu-se estendida na laje fria. A música vinha até eles e retornava ao pequeno quarto onde era a festa. Na escuridão nada se vislumbrava. Algo enregelou-a e ela pediu "Jean, Jean!"

Ele tinha qualquer coisa brilhante na mão, mas ela já não podia gritar pois ele tapara-lhe a boca com a outra mão. Na escuridão aquele brilho e os seus olhos esbugalhados a quererem ver. Sentiu uma frieza no pescoço e a seguir lume, lume.

Da casa de banho um grunhido fino ganhou intensidade e correu a casa toda. Os olhos de Piedade esbugalharam-se mais, o pescoço retesou-se, deixou cair os braços. O sangue correu por debaixo da porta para o corredor.

Jean levantou-se, fechou a navalha e abriu a janelita.

[...] Piedade tinha sido degolada, degolada como se de um porco se tratasse. (*IP*, p.23-24)

No estrangeiro, Piedade acaba por ser vítima da repressão machista que não lhe faculta a independência emocional e a expressão de sua individualidade. Seja através da superproteção do meio-irmão Gabriel, ou do ciúme de Jean, ambas lhe delimitam as ações. Assim, seu assassinato não só revela sua dupla condição de

minoria, submetida a uma sociedade onde representa apenas a força de trabalho, como também sobre ele recai a injustiça do silêncio, já que o protesto doméstico fica circunscrito ao espaço daqueles que, subalternos como ela, não têm direito à voz. No dizer de Abdelmalek Sayad (1998, p.54): “Um imigrante é essencialmente uma força de trabalho, e uma força de trabalho provisória, temporária, em trânsito”.

Gabriel viu-se no meio do seu desespero. Teve de enfrentar a polícia. [...]

Um mês depois ele e os companheiros foram avisados para saírem de Thonon dentro de três dias. Se fossem apanhados noutra encrenca seriam expulsos do país. [...]

“Mas porquê, Gabriel, porquê não disseste na polícia que aquele home é que tinha esfaqueado a falecida? Mas porquê?”, perguntava Nh'Ana entre soluços.

Gabriel teve dificuldade em explicar-lhe. Isso não adiantava nada. Eles sabiam mãe Ana, sabiam, isto é, desconfiavam, mas eu sou emigrante. Emigrante é lixo, mãe Ana, emigrante não é mais nada.”

Não sabia mais que dizer sobre aqueles dias de pesadelo, nem ia contar como ele e os companheiros tinham sido enxovalhados na polícia. (*IP*, p. 24)

Sobre esse aspecto, o da violência contra o imigrante, Roland Walter (2009, p.148) diz que “o uso do afrodescendente, pela/na economia racializada e racista da violação institucionalizada, continua sendo uma das razões pela errância neocolonial (...) entre lugares e espaços, terras e mares em busca de lares”.

O que parece ser uma boa e simples solução frente à escassez de recursos materiais e econômicos da ilha acaba por ter um desfecho trágico, (des)encaixes que frustram as expectativas e os projetos de todos da família.

No excerto anterior vemos que, apesar de terem sido vítimas e de saberem disso, as personagens atribuem a gratuidade da violência ao fato de serem emigrantes, de serem lixo e mais nada, o que demonstra, “a internalização dos valores do discurso e sistema dominantes que lhes incutiram autodesprezo” (WALTER, 2009, p.148).

Ao final do conto, resta a Gabriel planejar emigrar novamente para a Europa em busca de novas oportunidade, agora na Suíça, perto de Thonon, mas também para vingar a morte da irmã “mesmo que tivesse de ir até ao inferno atrás do Jean”

(IP, p.27).

Entre Cabo Verde e Suíça/Thonon-les-Bains, entre o presente e o futuro, tempos e espaços se mesclam e se sobrepõem, modificando uns aos outros, num trágico desejo de vingança.

O tema da diáspora e suas consequências também está presente nos contos do último livro da “trilogia” amariliana, *A casa dos mastros*. Como nos outros dois anteriores, são sete. Escolhemos o primeiro para a análise. Assim como os anteriores, o conto “Rodrigo” mostra a dificuldade que os imigrantes têm ao lidar com a diáspora, por terem de fazer uso de diferentes visões do mundo pautadas numa relação tríplice: “além das referências da terra de partida, eles têm que lidar com as referências da terra de chegada, e ainda com as da zona fronteira em que se encontram.” (BARROS, 2005, p. 52).

Rodrigo é um jovem caboverdiano bem sabido, único varão da família, boêmio e sempre rodeado de mulheres. Descrito como alguém que tem “a pele da cor de chocolate inglês, os cabelos fios de seda natural”, “dentes a brilhar” e “bigodinho à artista de cinema”, características estas que atraíam “moças e mulheres casadas” (ACM, p.33).

A história se abre com sua morte.

Rodrigo morreu. O boato espalhou-se, roçou as ásperas paredes e encostou-se à porta da Ricardina. [...]

Pois Rodrigo morreu. Tão célere como passara pela vida, negando doar contributos para incerto dividendo. (ACM, p.19)

Assim como em outras narrativas amarilianas, o conto se desenvolve através do entrelaçamento espaço-temporal. A morte do personagem se transforma, assim, na pedra de toque dos encontros e desencontros nesse entrelugar⁷⁶ (SANTIAGO, 2000). A memória e a narrativa em analepses e prolepses ditam o ritmo do conto a partir do olhar da narradora, sobrinha do personagem que dá título ao conto,

⁷⁶ Aqui utilizamos o conceito de “entrelugar” de Silviano Santiago de forma ampla, um lugar de fronteira entre lugares, tempos, memórias, culturas, identidades.

transitando, desordenadamente, entre a chegada de Rodrigo a Lisboa e sua recente morte.

Como muitos outros caboverdianos, Rodrigo é impulsionado a migrar não apenas pela difícil situação climática e social de Cabo Verde, mas também porque este fora estudar direito em Lisboa. No entanto, por causa da falta de chuva em sua terra natal e, conseqüentemente, do dinheiro ganho pela família com a venda de produtos, o que o sustentava na metrópole, Rodrigo é obrigado a deixar os estudos, como podemos ver no excerto abaixo:

Queria lá saber das chuvas, explodiu de mau humor inesperado. E deu um estouvado soco na consola. Vê lá, vê lá, não me partas a jarra, avisei-o. Explodiu de novo: Por causa das chuvas a mãe Nené foi-me alimentando as esperanças ano após ano. Cheguei a dever dinheiro a meio Campo de Ourique, ouviste? Sempre à espera das chuvas. Olha, acabei por abandonar a Faculdade. (ACM, p.22)

Apesar do título de o conto traduzir a ideia de que o personagem masculino é o protagonista da história, ele na verdade é o *leitmotiv* que conduz não só as lembranças da narradora anônima, como também reafirma sua condição feminina, solitária e abandonada no estrangeiro. Situada entre o desejo de voltar à sua terra e a eterna necessidade de desenraizar-se, é Rodrigo quem resolve, no entanto, dar um norte à vida da narradora propondo-lhe “arranjar uma ocupação” e dar uma “educação conveniente” às filhas.

Eu tinha vivido vários anos fora de Lisboa. Em Caldas, no Porto, em Leiria. Não por gosto meu. De cada vez que eu arranjava um novo namorado, fazia-me um filho e lá ia eu viver com ele onde quer que fosse a sua morada. Tive quatro filhas, uma de cada pai. Chegada à última, desisti. Sempre pensara em casar e foi o Rodrigo perspicaz como sempre, a aperceber-se da minha ideia fixa em arranjar marido. Olha, disse-me ele, desiste. Assenta arraias aqui em Lisboa e trata de dar uma educação conveniente às tuas filhas. Vou falar com o Almerindo, avisou, para te arranjar uma ocupação. (ACM, p.27)

Mesmo assim, diante das dificuldades enfrentadas no exílio e das agruras da vida em Cabo Verde, a narradora expressa seu desejo de, algum dia, voltar às ilhas.

Diz ela: “As minhas saudades do Mindelo, nunca extravasadas, fizeram-me estremecer. Quantos de nós, longe das nossas ilhas, sempre a quereremos ir sem podermos e a ter de ficar sem quereremos.” (ACM, 28).

Para Jane Tutikian (1999, p.139), os motivos internos que levaram os caboverdianos a migrarem para o exterior foram: “Seca, ilhamento e força opressiva da tradição: esse é o rosto da terra madrasta (Amarílis, 1991: 52), a que condena os filhos à emigração ou à miséria, sem que a primeira, necessariamente, exclua a segunda.”

O destino da narradora se entrecruza com mais duas personagens, as duas namoradas de Rodrigo: Maria da Glória e Ricardina. Rodrigo, cujo nome significa “rei famoso pela sua glória”, tem seu dias de fama na vida boêmia e entre as mulheres ceifados pelo mesmo desfecho trágico que outros quatro personagens de mesmo nome mencionados no conto: seu primo, o Rodriguinho, que morreu de uma biliosa; Rodrigo Cambará, que morreu baleado, do romance *O tempo e o vento*, de Érico Veríssimo; e seu pai, que atirou acidentalmente em si mesmo com uma espingarda quando voltava de uma caça. Além dessas mortes já elencadas, outras se fazem pesar na diegese. A tia Nené, mãe de Rodrigo e exemplo de mulher para a narradora, tinha morrido “lentamente, de saudades de seu filho Rodrigo, único varão da família.” (ACM, p.36)

Em prefácio ao livro *A casa dos mastros*, Pires Laranjeira resume a temática da diáspora na obra de Amarílis ao fazer uma retomada de sua trilogia. Ele diz:

Com a diáspora por cenário se abrem os três livros de contos de Orlanda Amarílis, que logo se continuam em histórias localizadas no chão das ilhas, de outro tempos [...]

Atmosferas tensas, dramáticas, evoluindo para a tragédia individual, no cume dos desajustes: carrega-se a culpa, a solidão, o pecado, o desalento; encontra-se o patricio, regressa-se à terra, chega-se a Lisboa, recorda-se a juventude. [...]

Destino: entre o amor e a morte, só a diáspora persiste. Mas se a diáspora existe, o amor é, então, mais forte: tem-se saudades da terra e da mãe. Se a terra é madrasta e a morte levou a mãe, só resta a memória de um pai castrador [...]. Mulheres à deriva, perdidas, insuladas, buscando o amor. Homens, seus iguais. Há muitas solidões e desencontros no arquipélago da vida. Há uma ilha dentro de nós, nas ilhas da diáspora, nas ilhas. (ACM, p.10-1).

Por fim, podemos afirmar que no conto “Rodrigo”, a distância das personagens passa pela questão territorial, pelo exílio. A narradora vive o drama da impossível ubiquidade, isto é, de querer estar ao mesmo tempo em Cabo Verde e em Portugal, lá e aqui, na sua terra natal e na terra onde cria suas filhas, procurando melhor qualidade de vida e oportunidades para elas. Não se vinculando nem a um nem a outro lugar, a narradora apresenta-se como um sujeito cindido em relação ao vínculo territorial. Assim, sofrendo com o ilhamento físico, psicológico e cultural, vê-se deslocada, solitária. Eis mais uma das “mulheres-sós” amarilianas.

Nesses cenários, as personagens de Orlanda Amarílis são sujeitos cindidos, fragmentados, que buscam incessantemente seu lugar no mundo; enquanto a literatura da autora funciona como campo simbólico da realidade caboverdiana, documento de forte denúncia social.

4.4 Narração, guerra e diáspora endógena: *Ventos do Apocalipse*, Paulina Chiziane

Ó grandes e gravíssimos perigos!
 Ó caminho de vida nunca certo:
 Que aonde a gente põe sua esperança,
 Tenha a vida tão pouca segurança!

No mar, tanta tormenta, e tanto dano,
 Tantas vezes a morte apercebida!
 Na terra tanta guerra, tanto engano,
 Tanta necessidade avorrecida!
 Onde pode acolher-se um fraco humano,
 Onde terá segura a curta vida,
 Que não se arme, e se indigne o Céu sereno
 Contra um bicho da terra tão pequeno?

Luís de Camões, *Os Lusíadas*, Canto I

E quando abriu o quarto selo, ouvi a voz da quarta criatura vivente dizer: — Vem! E eu vi, e eis um cavalo descorado, e o que estava sentado nele tinha o nome de Morte. E o Hades seguia-o de perto. E foi-lhes dada autoridade sobre a quarta parte da terra, para matar com uma longa espada, e com escassez de víveres, e com praga mortífera, e pelas feras da terra.

Apocalipse, 6: 7, 8.

“Sou contadora de histórias e não romancista.” É dessa maneira que Paulina Chiziane, considerada a primeira romancista moçambicana, se define. Uma mulher que, pela força da tradição oral de narrar o universo africano, escreve suas histórias inspirando-se nos contos à volta da fogueira, como os “griots”. Em entrevista a Patrick Chabal, ela se autodescreve da seguinte maneira:

Dizem que sou romancista e que fui a primeira mulher moçambicana a escrever um romance, mas eu afirmo: sou contadora de histórias e não romancista. Escrevo livros com muitas estórias, estórias grandes e pequenas. Inspiro-me nos contos à volta da fogueira, minha primeira escola de arte. Eu apenas trago a escrita, de resto não sou diferente das mulheres de minha terra, das mulheres do campo. (CHABAL, 1994, p.20).

Nascida em Manjacaze, sul de Moçambique, em 1955, Chiziane foi morar ainda muito jovem em Lourenço Marques, atual Maputo, capital do país. Lá fez sua formação primária em uma escola missionária católica. Começou o curso de Linguística na Universidade Eduardo Mondlane sem o ter concluído. Durante a juventude, participou ativamente da cena política de Moçambique como membro da FRELIMO. No entanto, desiludida com o partido e com os rumos que a política seguira após a independência do país, deixou a militância para se dedicar à escrita.

Nas suas obras, a autora problematiza a situação da mulher num país e seus micro-espacos divididos entre práticas socioculturais distintas, mas marcadamente patriarcais, lançando um novo olhar sobre Moçambique. Assim, as personagens femininas ganham lugar de destaque em seus romances, minimizando a invisibilidade da mulher moçambicana, através de uma narrativa de memória coletiva oral que mescla constantemente elementos míticos, lendas, ritos e crenças da tradição oral e a herança escrita da literatura europeia.

Tem publicadas as seguintes obras:

1990 – *Balada de amor ao vento* (romance)

1995 - *Ventos do Apocalipse* (romance)

1999 - *O sétimo juramento* (romance)

2002 - *Niketché: uma história de poligamia* (romance)

2008 - *O alegre canto da perdiz* (romance)

2008 - *As heroínas sem nome: memórias de guerra e paz das mulheres em Angola*, em coautoria com a angolana Dya Kassembe (memórias)

2013 - *As andorinhas* (contos)

2013 - *Na mão de Deus*, em coautoria com Maria do Carmo da Silva (romance)

2013 - *Por quem vibram os tambores do além*, biografia do curandeiro Rasta Pita (biografia)

2013 - *Eu, mulher... por uma nova visão do mundo* (ensaios)

Ventos do Apocalipse foi o segundo romance publicado pela autora, escrito logo após seu primeiro grande sucesso, *Balada de amor ao vento* (1990). A obra nos transporta ao espaço apocalíptico de Moçambique durante o período da guerra civil que assolou o país entre o período de euforia pós independência (1975) e o acordo de paz entre a FRELIMO e a RENAMO (1992). Dessa maneira, inseridos num cenário mórbido de seca, guerra e sofrimento, os personagens procuram reconstruir suas vidas através do resgate da tradição cultural ancestral que, embora contaminada pelos anos de exploração e assimilação dos valores coloniais, permanece arraigada na estrutura da sociedade moçambicana. Esse resgate se dá através de um processo coletivo onde as personagens de identidades marginalizadas, participam igualmente, sobrevivendo às mazelas de um país em ruínas, preservando, assim, a dignidade de todos.

Sobre o *Ventos do apocalipse*, Inocência Mata (2003, p.58) afirma que ele funciona “com uma lógica antiépica que acaba por referenciar os ideais agônicos da revolução e do nacionalismo (...) através do despertar de vozes e memórias que na utopia político-social não tinham lugar”.

No romance, nos deparamos com dois processos narrados em paralelo: o dos habitantes de Mananga e o da protagonista, Minosse. Esposa de Sianga, régulo da aldeia, ela é a única que não o abandona nos tempos de fome e miséria. Única voz feminina não silenciada, é ela quem conta a história da aldeia a partir de sua perspectiva e, construindo sua própria identidade, tenta repassá-la para as mulheres do futuro. Vemos que, nesse contexto de guerra civil, as personagens femininas representam a força da mulher frente às dificuldades.

Mesmo apresentando uma perspectiva através da ótica feminina, as heroínas do romance não propõem o rompimento com uma sociedade patriarcal e misógina, o que seria de se esperar, mas, ao contrário, propõem que haja uma relação de interdependência e complementaridade com o universo masculino.

Acerca do romance *Ventos do Apocalipse*, Shirlei Campos Victorino diz:

As metáforas de fronteira de que se utiliza a autora atuam como afirmação da interioridade, de um espaço periférico no interior do País, permitindo pôr em xeque as lógicas hegemônicas de um Estado pretensamente centralizado, cabendo ressaltar que, hoje, em

Moçambique, o conceito de nacionalidade passa pelo conceito de territorialização.

[...] Assim, manifesta-se neste livro as estratégias discursivas e performativas que têm por objetivo apresentar/discutir um país de diferenças, tanto culturais quanto étnicas. Neste sentido, essas práticas discursivas rechaçam as ideologias colonialistas, abordando outras textualidades que problematizam a representação, o sentido, o valor, o cânone, a universalidade, a diferença, o hibridismo, a etnicidade, a identidade, a diáspora, etc., no intuito de mapear diferentes formas de conhecimento da realidade, como forma de gerir os novos rumos da narrativa moçambicana. (VICTORINO, 2007, p.353)

É num aparente contexto de tranquilidade que, em meio à noite, anuncia-se a chegada dos quatro cavaleiros do apocalipse: peste, guerra, fome e morte. A imagem bíblica é uma metáfora para anunciar, em meio ao cenário de guerra civil, as pragas que devastarão o mundo no final dos tempos. É possível observar na descrição e no contraste da calma na aldeia com a tensão que paira sobre ela a partir da presença de “aves noctívagas [que] voam agressivas num azafamado bater de asas e rapinam algures”, prenunciando as desgraças que cairão sobre o povo.

A aldeia repousa tranquila envolvida no manto de escuridão. Os galos deram as boas-noites e dormiram. As aves noctívagas voam agressivas num azafamado bater de asas e rapinam algures. A noite é negra, a noite é misteriosa. É à noite que os homens se amam, que as crianças nascem, que as vidas se esfumam.

Tudo cai. O ciclo da desgraça evolui e está prestes a atingir a fase crucial: a colheita do diabo.

Há cavaleiros no céu. O som das trombetas escuta-se no ar. Na terra há saraivada e fogo e tudo se torna em “*Absinto*”. Quem tem olhos que veja, quem tem ouvidos que escute.

[...] Toda a terra está na expectativa e em pânico. [...] No povo reina o medo e a insegurança, o pior pode acontecer a qualquer momento, estão a caminho os quatro cavaleiros do Apocalipse, é o tempo de cavarmos as nossas sepulturas, yô! (p.47-8)

O retrato da guerra civil moçambicana é narrado por meio da peregrinação dos personagens que na busca por um *locus amoenus* fogem constantemente do *locus horribilis* em que vivem. É como “um cancro que condena o homem ao desterro” (VA, p.51). Diante do cenário apocalíptico eminente, ninguém pode permanecer na

aldeia devastada – uma vez que a situação é a mesma em todo o território, pois outros fugitivos encontram-se em situação igual. Partir é uma imposição urgente.

O excerto a seguir, traduz as dificuldades de quem tem de deixar a terra por força do clima hostil e das constantes guerras que impulsionam todos a migrarem de seus lugares, numa diáspora endógena que parece não ter destino nem hora da chegada. Esta visão contraria o desejo de *homeland* como o local para o qual se deve voltar, uma vez que a terra não é mais vista de forma nostálgica. A experiência de sofrimento vivenciada pelas personagens, e as rápidas mudanças no cotidiano dos seus lugares de origem, excluem qualquer possibilidade de acolhimento com o qual eles possam se identificar política, cultural, ideológica, social e afetivamente. Até porque os que permaneceram ficaram por força de não poder emigrar. São eles: velhos, doentes, mulheres e crianças.

A guerra penetrou em Mananga. Já se ouvem rumores da guerra em Macuácuá, mas ultimamente os roquetes de bazucas e rajadas de metralhadoras aproximam-se de Alto Changane. Já se ouvem notícias de camponeses mortos e capturados.

O momento é de dificuldades. Quem escapa da fome não escapa da guerra; quem escapa da guerra é ameaçado pela fome. Os jovens arrumam a trouxa e partem. Os velhos, as mulheres e as crianças ficam. (p.58)

Tanto a guerra colonial quanto a civil trouxeram grande devastação para o território moçambicano, levando seus habitantes à fuga premente. Seus primeiros sinais foram anunciados em 1960, com o massacre de Mueda, quando um grupo de camponeses foi dispersado a tiros pelas autoridades administrativas locais. A partir de então começam as tensões entre os militares portugueses e o grupo de guerrilheiros da FRELIMO, intensificando-se a partir de 1965. Uma das estratégias dos portugueses para o combate às forças de resistências estava justamente no recrutamento de mercenários que, aproveitando as rivalidades existentes, utilizavam as forças locais para a conquista territorial (CABAÇO, 2009, p.250). Ao mesmo tempo havia, por outro lado, uma atitude solidária entre os grupos de combate ao inimigo comum, o colonizador português. As práticas coloniais, então, tinham também uma relação direta com a simpatia na luta de libertação moçambicana e no avanço da estratégia guerrilheira da FRELIMO.

Com o fim da guerra colonial após o 25 de abril, iniciaram-se as tensões entre a RENAMO e a FRELIMO, polarizadas entre os dois blocos econômicos existentes na época: capitalismo e socialismo, respectivamente. Os efeitos dessas tensões seriam sentidos durante os quinze anos de guerra civil: mais de um milhão de mortos e quatro milhões de moçambicanos desterritorializados.

Os quase trinta anos (1965-1974 Guerra de Independência e 1977-1992 Guerra Civil) sob o flagelo da fome, da morte e do terror estão personificados em *Ventos do Apocalipse* pelos quatro cavaleiros do juízo final. No romance de Paulina Chiziane, é possível vermos a tensão se formando em torno da aldeia de Mananga, preconizando, gradativamente, a chegada da destruição e da guerra.

O êxodo aumenta em Mananga, Sianga está bem informado sobre isso. O amor é uma fantasia inventada pelos homens, não existe e nunca existirá, isso é claro e evidente. No passado, os homens organizaram exércitos e mataram-se por amor à terra, em defesas do território, da soberania, e agora que a coitadinha já não tem nada, deu tudo o que tinha a dar, foi terrivelmente sugada, os homens abandonaram-na porque está na desgraça. Os mais fortes foram trabalhar nas minas das terras do Rand e um dia voltarão com motorizadas, bicicletas e roupas baratas para aliciar as mulheres da terra. As mulheres mais jovens foram para os subúrbios das cidades vender a sua honra em troca do pão, fazendo reviver, subtilmente, os antigos centros de prostituição já banidos pela lei. (VA, p.70)

Na fuga em busca de melhores condições de vida, cada um busca o destino conveniente às suas condições – alguns fogem para as minas nas terras do Rand, homens robustos, outros para os subúrbios das cidades reavivando os antigos prostíbulos, mulheres jovens. Privadas de seus locais de origem, as pessoas partiam, deixando a família e a comunidade, à procura de outras aldeias onde acreditavam ter segurança e melhores condições de vida. No período da guerra civil, Maputo representava o oásis de segurança e fartura para as pessoas oriundas das regiões rurais, mais afetadas pela violência e saques das milícias e outros grupos paramilitares.

O ambiente de guerra em que as personagens se lançam ao êxodo mostram uma parcela aterrorizante dos quinze anos de guerra civil em Moçambique. Sem eufemismos, a guerra é vista de forma crua e violenta. No romance, vemos um universo em que o ambiente e os homens sofrem paulatinamente com a destruição

provocada pela seca e pela guerra (ADÃO, 2007). Esse contexto de destruição, guerra e fome acaba destituindo os personagens de sua humanidade e transformando-os em feras que, por um lado, procuram sossego como cães farejam os caminhos da tranquilidade, e por outro, procuram defender seu território a todo custo de forasteiros que invadem suas terras, saqueiam sua comida e atraem doenças das mais diversas. O excerto abaixo é longo, porém necessário para ilustrar o caos e a miséria que tomou conta da aldeia de Mananga com a “invasão” dos habitantes da destruída Macuácuá.

Em Macuácuá a guerra é quente, dizem. Fica distante de Mananga, mas não tão distante, sendo necessário apenas uma manhã de marcha para se chegar lá. Os que escapam da guerra procuram refúgio, procuram sossego, seguem o mesmo trilho que os cães quando estes farejam os caminhos da tranquilidade. Chegam a Mananga em cardumes. Primeiro foi uma família, depois outra, e outra, agora são centenas. Estão aglomerados como porcos no canto norte da aldeia. [...] A chegada dessas pessoas de Macuácuá é uma agressão, uma invasão, e causa revolta em todos os habitantes de Mananga. A recepção é hostil e as atitudes fratricidas. O nosso povo sente o desejo louco de defender o território à força de ferro mas as autoridades impõem-se, malditas autoridades. Deixaram esses forasteiros fixar-se no nosso solo, nesta terra tão pobre e tão seca. Vieram apenas para roubar-nos os alimentos, a paz e o sossego com os seus problemas. Mas onde se escondeu a nobreza desse povo? Que tipo de gente é essa capaz de abandonar a terra, os haveres, os túmulos dos antepassados por temer um conflito? As guerras existiram em todas as gerações. Eles deviam lutar e resistir, expulsar os invasores como fazem todos os povos. São um bando de cobardes, sim, em vez de mostrarem o que valem, preferem transferir os seus problemas para outra gente. A nossa terra está pobre, não tem alimentos para dar aos habitantes, como é que vai poder sustentar estes medricas que nem conhecem a lição da gratidão? Estes renegados causam-nos prejuízos. São imorais e estão a semear hábitos malignos no nosso meio. À noite invadem os nossos celeiros e rapinam as nossas aves. Até temos medo de cozinhar durante o dia. O cheiro da comida atrai essas moscas que invadem as nossas casas e não as abandonam enquanto não se lhes dá um colher de comida. Se vissem as choças onde dormem! Sem jeito. Sem forma. Sem estética. Apanham ramos de qualquer árvore para fazerem o abrigo. Depois metem a palha de qualquer maneira. Com tantas estacas a morrer nos campos eles preferem viver assim. São inúteis. Preguiçosos. Uma raça sem dignidade. É degradante. Nojento. As nossas galinhas, os nossos patos, têm melhor abrigo do que eles. Estão maltrapilhos, estão nus, alguns estão enrolados em sacos de serapilheira. A sarna deles é pior do que a nossa. As moscas brincam sobre as feridas das suas crianças sujas, podres, malcheirosas, remelosas, ah, que repelente, essa gente de Macuácuá. (VA, p.109-10)

O sentimento de hospitalidade tão comum entre os povos acaba dando lugar à feroz hostilidade em defesa do território, por não poder ter roubado o pouco de vida que ainda resiste.

Com a chegada do novo grupo à aldeia fica clara a iminência e proximidade da guerra visto que Macuácuca não ficava muito longe, só um dia de caminhada. A única alternativa dos habitantes da machamba era chegar à aldeia do monte, “lugar de paz e sossego onde a história da guerra é apenas um murmúrio desagradável.” (VA, p.119). No entanto, apesar de todos pensarem em partir daquele lugar maldito e construir uma vida pacífica em outro lugar, uma dúvida paira entre eles: “Mas depressa os ânimos se esfumam: como chegar ao Monte? A esperança da chegada é ténue, os caminhos estão cobertos de mistérios: minas semeadas nas estradas, raptos, emboscadas”. (VA, p.120).

As personagens estão completamente desorientadas, fruto de uma inadaptação às novas condições de existência, “provenientes da guerra civil, agravadas por uma organização política e administrativa incapaz de gerir as enormes dificuldades herdadas do regime colonial” (AFONSO, 2004, p.389). Na esperança de encontrar uma saída para a situação aporética, desesperados no cenário de guerra, anseiam por chegar à aldeia do Monte, espaço do *locus amoenus*, horizonte geográfico utópico.

No excerto abaixo, o tão sonhado Monte é comparado à Mananga, onde, por conta da presença decrépita dos habitantes de Macuácuca, tornou-se um lugar inóspito, de “terra tão pobre e tão seca”. Vemos, então, que a aldeia do Monte é descrita como um paraíso ainda intocado, onde todos podem saciar uma resistente vontade de (sobre)viver.

Mas dizem que a vida é bela do lado de lá. Dizem que o céu é mais azul e as nuvens verdadeiras. Do lado de lá, a floresta é pasto, come-se pão de qualquer bananeira, de qualquer papaeira. Dizem que cada arbusto é fonte, bebe-se seiva de palma, de cana e de caju. Do lado de lá há sorrisos e risos e os cansaços repousam no regaço de terra, dizem.

O povo de Mananga rasga o aro e salta. Rasga o universo do ovo com a coragem do pinto ao vigésimo primeiro dia, a vida é mais verdadeira do lado de lá. Desenham no ar novos caminhos, canoa no

mar da tempestade seguindo rotas planeadas pelos caprichos de vento.

O sol está no meio do céu e os aldeões já estão prontos para a partida. Os de Macuácuá não concordam com a hora. [...]

[...] Partem. Os que vão têm o espírito leve para partir, não perderam nada nem ninguém. O desgosto que os abate é desgosto alheio porque não sentiram bem a fundo o abalo da morte.

A partida tem sabor a areia solta, a sede, a poeira seca, o Sol é demasiado forte e o calor destila. [...] (VA, p.147)

Para chegar lá e fugir da morte, a partida é iminente. E o espaço da fuga torna-se mais desesperadora. O ambiente hostil que não só a savana, mas também o horário da fuga (decidem por se esgueirar durante a noite) e a marcha em cadência sinuosa propiciam, funciona como mais um operador nas dificuldades que o grupo tem de enfrentar para alcançar o ponto de chegada. Na incerteza, são impelidos pelas trevas, dia após dia, sem ter mais a noção de tempo ou de espaço.

Os dois guias reuniram o povo e ditaram as normas. Chegado o momento, todos se erguem e, em bandos divididos, dão as primeiras pisadas na savana. Escolheram o caminho do mato porque é o ideal para uma viagem clandestina. Caminham felinos. Saltam de árvore em árvore à procura da protecção das sombras noturnas. A marcha é sinuosa, será demorada porque mais importante que o passo acelerado é o tacto de quem caça para não ser caçado. De momentos a momentos param para perscrutar a mata embaciada e aprendem a identificar os seus ruídos. Ganham distância. Os pés descalços sofrem picadelas de ervas e espinhos. Sangram. Os ramos dos arbustos dão dentadas nas roupas já esfarrapadas que cobrem o corpo. Rasgam. No chão seco as folhas estalam denunciando a marcha dos fugitivos. (VA, p.155)

O horror da guerra iminente exprime seu carácter apocalíptico através da descrição de um espaço que hora ilude, na esperança/incerteza de futuro em algum lugar longe dos perigos que assolam o país, hora torna-se ameaçador na constante travessia dos personagens que deambulam esgueirando-se pela noite na mata hostil. Até aqueles de quem se esperam grandes feitos de sua liderança, como é o caso de Sixpence, um dos poucos personagens masculinos com destaque, “integram um fresco de heróis problemáticos, representando a sociedade à deriva”. (AFONSO, 2004, p.391).

Olham para todos os lados e identificam: uma terra nova com gente nova, o que significa uma vida nova, o recomeço de tudo. E divagam no mar da incerteza, da insegurança, talvez o dia de amanhã seja mais amargo do que o de ontem ou de hoje. Não falam. Olham-se apenas. Guardam um silêncio pesado, profundo, porque estão no velório da sua própria tristeza. À sua volta a natureza vibra em mais um ritual de saudação ao sol enquanto os raios de luz penetram deleitosos nas profundidades das águas do riacho. O vento corre. As folhas caem e as que se deitam no riacho flutuam sob as minúsculas vagas e deixam-se embalar porque caminham para o apodrecimento total. (VA, p.193)

Após longa jornada descortinando as trevas apocalípticas de seu desterro, o grupo finalmente chega ao Monte, a terra-sonhada, onde podem finalmente recomeçar suas vidas. Lá o grupo recebe abrigo e alimento:

As águas do Monte lavam todas as dores e mágoas. O clima quente e húmido faz do Monte uma estufa quentinha como o ventre materno onde as vidas se colocam em segunda gestação. No momento do renascer, areias colocam remendos nas almas apunhaladas. (VA, p.207)

Posteriormente, a aldeia é destruída pelas chuvas. A descrição da natureza anuncia, mais uma vez, um ambiente sombrio de destruição e morte: “um manto negro cobre o céu da aldeia, a noite invade novamente os destinos dos homens. O espectro da morte executa a dança macabra e os aldeões assistem, impotentes.” (VA, p.233). A única solução é esperar pela ajuda humanitária vinda, principalmente, da Europa e da América. Apesar de vista com desconfiança pelos mais velhos, os mais novos esperam aqui pela esmola, transformada em moeda neocolonial.

A chegada na nova terra provoca também o afastamento da tradição e, simbolicamente, dos valores culturais. Os antepassados são culpados de terem abandonado o povo às agruras da guerra. “Os mortos devem ser esquecidos” (VA, p.264), diziam os mais jovens. “Os mortos vingam-se-ão” (VA, p.267), diz o adivinho Mungoni ao realizar uma análise da história de Mananga e da situação atual em que todos se encontravam. Por isso, com a reconstrução da aldeia através dos recursos oriundos da filantropia, a religião cristã torna-se, lentamente, numa alternativa para as antigas tradições religiosas. Mais uma vez, os efeitos da ação colonial alteram o

destino dos personagens, favorecendo a ação destrutiva do espaço, pois, no dizer de Memmi (2003, p.117), “conversion of the colonized to the colonizer's religion would have been a step toward assimilation.”⁷⁷”

No final do romance, a insegurança pressentida na nova aldeia dá lugar a uma cena que privilegia o escatológico, cenário de horror que se instala na descrição sombria de um “céu de cinzento-negro” que anuncia o retorno dos cavaleiros do apocalipse.

Um vendaval surge inesperadamente e cobre o céu de cinzento-negro numa fracção de segundo. O céu arribomba numa trovoadá medonha e a chuva cai. [...]

De todos os lados surgem homens trajados de verde camuflado, de armas em punho violento estrondo acompanhado de uma saraivada de balas que se abatem sobre as cabeças que dispersam procurando abrigo.

[...]

Descem do Poente os cavaleiros do Apocalipse. São dois, são três, são quatro, o povo inteiro cava sepulturas. O quarto, o terceiro e o segundo já aterraram. O primeiro está quase a aterrar. O seu cavalo reverbera no Céu ofuscando a vista, gira, balança-se, rodopia, ginga, toma a posição de aterragem, os pés do cavalo estão a um milímetro do chão, o cavaleiro nobre sorri satisfeito, Deus, tende piedade deste povo inocente! Perante o espanto do galhardo cavaleiro, o cavalo encolhe os pés, bate as asas para o alto e sobe, sobe, acabando por ficar suspenso nas nuvens.

E a aldeia do Monte recebe o seu baptismo de fogo. (VA, p.273-5)

Remetendo a uma estrutura circular, a narrativa fecha com a traição de uma das personagens, Emelina, a volta dos cavaleiros do apocalipse e a destruição da aldeia do Monte. No romance, Emelina assassina os próprios filhos para fugir com o amante. Insatisfeita com o fato de ter que dividí-lo com outras duas mulheres, pede para ele matá-las. Depois de perceber que cometeria um crime atroz, o amante a abandona. Revoltada, infeliz e, por fim, enlouquecida, Emelina jurava se vingar do povo da aldeia. Assim, acompanhada pelo seu ódio, ela conduz todo povo da aldeia ao juízo final.

⁷⁷ “a conversão do colonizado à religião do colonizador teria sido um passo em direção à assimilação.”

Uma figura andrajosa projecta-se no ponto mais alto do Monte, todos a vêem: Emelina! Emelina esboça um sorriso nunca visto e ri, ri, até perder o fôlego. A força do riso esgota-lhe as forças. Ajoelha-se. Ri. A violência do riso depende-lhe a bexiga e a urina liberta-se molhando as pernas e o chão. Continua a rir e peida de tanto riso. O esfíncter do ânus é mais forte mas também acaba desorientado, as fezes líquidas abandonam o continente, correm pelo traseiro, pelas pernas, pelo chão, Emelina perde o domínio completo de si, cai, rebola sobre os seus excrementos e ri um riso que não acaba e que fica marcando nos corações dos homens, cujo eco ainda continua a ouvir-se nos céus do Monte.

[...] Cai. Levanta-se. Cambaleia. Volta a correr e borra-se de fezes, de urina e de sangue, a bala acertou em Emelina pelas costas, perfurando a mão e o filho. O padre corre, cai e corre. Emelina já não se ri, delira, agita-se na última agonia. O padre sente uma forte vertigem, cai e descansa, o roquete de bazuca decepou-lhe a cabeça loira. O povo em debandada grita em nome de Emelina. Chora em nome de Emelina. Sucumbe debaixo do fogo da traição de Emelina. Foi ela quem conduziu a fogueira que incinerou a vida, acabando também queimando-se nela, foi ela e não outra e nós a pensarmos que era doída, ó gente! (VA, p.274-5)

A personagem faz parte de um dos contos de tradição bantu, “Mata, que amanhã faremos outro”, que servem de introdução ao romance. Esta estratégia de entrelaçamento com aspectos de formas simples e ancestrais da oralidade griótica é utilizada pela autora no sentido de estabelecer uma relação entre passado e presente, entre a tradição e a modernidade, instalando a intemporalidade mítica no “presente linear da narração” (DAVID, 2010, p.124).

Por fim, as páginas finais do romance remetem à desolação, permeada pela fome e pela guerra, num ambiente de extrema miséria material e espiritual, durante o longo período de guerra civil em Moçambique.

5 CONCLUSÃO

De maneira geral, as literaturas africanas de língua portuguesa problematizam, através de seu discurso ficcional, práticas culturais que se interrelacionam às estruturas de poder. Por estarem profundamente vinculadas às suas raízes culturais e às dinâmicas sociais de seus contextos, não devemos considerá-las, ingenuamente, como uma produção extensiva da literatura europeia, como uma *mimesis* de terceira mão. Um rápido olhar sobre essa produção, de maneira especial as contemporâneas, possibilita a constatação de que essas manifestações privilegiam duas experiências fundamentais para sua compreensão: a *tradição da oralidade* e a *identidade cultural*. Alguns autores acreditam, inclusive, que esses temas são indissociáveis, uma vez que não há como dimensionar a construção das diferentes identidades culturais do continente africano fora do âmbito da oralidade. É esta que possibilita, por exemplo, estabelecer uma marca distintiva entre o discurso africano e as heranças do jugo colonial.

Dessa forma, ao longo da história de sua formação, as literaturas das Áfricas lusófonas têm procurado estabelecer uma síntese conciliadora entre a herança da tradição cultural das sociedades autóctones, pautada numa literatura de caráter oral, e a assimilação dos valores grafocêntricos do colonialismo português. Aliás, talvez essa seja uma das poucas semelhanças entre os cinco países do PALOP, que, ao contrário de países anglófonos e francófonos, não fazem fronteira entre si. Outra semelhança partilhada são os anos de colonização e exploração pelo mesmo algoz: Portugal. Não é à toa que a antiga metrópole acabou se transformando em destino quase certo para aqueles que procuram migrar em busca de melhores condições de vida.

Neste sentido, o espaço diaspórico é um lugar fronteiro onde culturas, as mais diversas, constantemente se (re)produzem através da transformação e da diferença. A desterritorialização, seja para o exterior ou no interior do próprio

território nacional, torna-se um elemento fundamental para refletir sobre a construção de um espaço de identificação cultural.

Com a nossa pesquisa, percebemos que o espaço, a partir de uma perspectiva transdisciplinar, contribui, significativamente, para a compreensão mais ampla de sua dimensão na narrativa ficcional. Isso porque, sócio e historicamente construído, ele é utilizado das mais variadas formas possíveis para a delimitação e determinação entre territórios, isto é, nas relações de poder entre os sujeitos.

Acreditamos que as literaturas africanas de língua portuguesa problematizam essas relações, forçando o aparecimento de fissuras na tentativa de ultrapassar as barreiras do discurso dominante e das culturas hegemônicas. Dessa maneira, os textos apontam para a busca de uma síntese conciliadora entre as heranças culturais da tradição africana e do projeto de civilização/modernização trazido pelo colonialismo através da dimensão dos espaços diaspóricos na ficção.

Consideramos este espaço na diáspora, então, comum a todos os PALOP. Seus motivos, implicações e consequências é que diferem entre si. A questão da migração, do exílio e da (não) pertença geográfica ainda é uma grande ferida nos estudos críticos do pós-colonial e é, por certo, aquele do qual se alimentam as literaturas africanas de maneira geral, não somente as lusófonas. Dessa maneira, percebemos que as literaturas dos países africanos de língua portuguesa que tematizam a diáspora refletem ficcionalmente a realidade social de quem vive no exílio, do sujeito desterritorializado.

Os romances *O pecado maior de Abel* e *15 dias de regresso* possuem uma estrutura semelhante no que diz respeito ao destino dos seus protagonistas: mulatos, são tirados de seus lares muito jovens e levados pelo pai ao estrangeiro, em ambos os casos, Portugal. O enredo estabelece uma relação de trânsito cultural entre as obras, evidenciada pelo conjunto de valores que os personagens dividem no cronotopos. Presente e passado, aqui e lá, assim se atualizam através da memória e se entrelaçam na busca pela construção da identidade. Assim, através de perspectivas distintas entre si, vemos que Ernesto, protagonista do primeiro romance, sofre a perda dolorosa de uma identidade fragmentada por não reencontrar no presente o passado cheio de afetos da infância; enquanto, por outro lado, no segundo romance, o retorno de Olívia-Xininha ao seu lugar de origem,

profundas raízes culturais africanas, depois de um longo tempo no exílio, significa o reconhecimento de sua identidade crioula.

A última tragédia é um romance que faz parte de uma trilogia. Apesar de não adentrarmos na análise dos outros dois livros, percebemos que esta obra acena no sentido de uma “narração da nação” através dos acontecimentos do período anterior à independência da Guiné-Bissau, denunciando, em retrospectiva, o fracasso do processo de descolonização do país e das heranças nefastas da política pós-colonial. No caso específico da personagem Ndani, os espaços percorridos no seu êxodo e seu exílio forçados levam a uma reflexão sobre os traumas da colonização, demarcando claramente as fronteiras simbólicas e culturais entre os universos do colonizado e do colonizador.

A trilogia do exílio de Orlanda Amarílis constitui um retrato da condição do caboverdiano. Os contos analisados mostram as dificuldades que as personagens enfrentam no estrangeiro, ao mesmo tempo em que a narrativa entrecruza espaço e temporalmente Cabo Verde, denunciando os problemas climáticos e sociais no país de origem - muitas vezes considerada uma terra madrastra - que obriga seus habitantes a migrarem em busca de melhores condições de vida, mas sempre com a esperança de um dia poder voltar. A experiência de viver no exílio, seja ele físico, psíquico ou linguístico, de querer estar em dois lugares e estar em nenhum, acentua a solidão cultural e a melancolia a que o imigrante está fadado, ou até mesmo sua morte física. Resta apenas o desejo de voltar ao “*pays où l'on n'arrive jamais*”, para usarmos a expressão de Abdelmalek Sayad (1996).

Em *Ventos do Apocalipse*, de Paulina Chiziane, acompanhamos a saga de um grupo de refugiados que procura incessantemente escapar dos horrores da guerra civil na busca de um lugar onde possam recomeçar a vida. No romance, o espaço funciona como um elemento de mal presságio, anunciando paulatinamente a chegada do apocalipse. Ao mesmo tempo, é nessa diáspora endógena que os personagens deambulam, numa estrutura circular, em um ambiente hostil e ameaçador. Na busca por um recomeço, iludidos pela utopia de um *locus amoenus* e a ilusão de poder fugir da guerra e da morte, eles se encontram ao final do romance com um ambiente de total miséria que devastou o país inteiro durante o período da guerra civil.

Nesse sentido, nosso aporte teórico revelou-se adequado na análise da dimensão do espaço diaspórico do nosso *corpus*, permitindo o rastreamento dos aspectos fundamentais na relação do tema pesquisado entre as realidades textuais e extratextuais. A partir da leitura e análise dessas obras, percebemos que o espaço diaspórico - seja ele estabelecido no trânsito com o exterior, seja no interior do território nacional -, constitui um elemento fundamental na análise das identidades culturais, uma vez que elas são constituídas nas fronteiras como espaços de negociação, entrelaçamento de valores, culturas, ideias e combinações, num eterno processo de negação, assimilação, revisão e reapropriação cultural, entre as dinâmicas do colonialismo, entre o passado da tradição e o presente da modernidade.

Cabe lembrar que, ao longo deste trabalho, observamos a questão da diáspora, perfazendo um panorama desde o êxodo dos judeus e seu desenraizamento no mundo até as chamadas diásporas contemporâneas, estas marcadas pela política expansionista e o crescimento econômico que tiveram início no século XV e se intensificaram ao longo dos séculos XIX e XX, principalmente. Observamos que a principal consequência desses movimentos migratórios é o deslocamento de milhões de pessoas, temporária ou permanentemente, de seus lugares de origem em busca de melhores condições de vida, geralmente nas antigas metrópoles ou nos grandes centros econômicos mundiais.

Procuramos aproximar, no segundo capítulo, a relação do espaço nas ciências humanas e sua representação na obra literária. Analisamos alguns textos fundamentais da teoria e da crítica literária, problematizando os conceitos de espaço em sua relação com os elementos textuais e extratextuais.

Esperamos mais uma vez que este trabalho possa contribuir para os estudos das literaturas africanas de língua portuguesa, bem como das diásporas contemporâneas. Assim, projetamos continuá-lo ampliando para outros autores, obras e países, estabelecendo um diálogo comparativo mais profundo entre essas produções e, conseqüentemente, ampliando o olhar sobre o texto literário enquanto um fenômeno cultural.

REFERÊNCIAS

CORPUS LITERÁRIO E DE ANÁLISE

AMARÍLIS, Orlanda. **A casa dos mastros**. Lisboa: Bertrand, 1989.

_____. **Cais-do-Sodré té Salamansa**. Coimbra: Centelha, 1974.

_____. **Ilhéu dos pássaros**. Lisboa: Plátano, 1974.

ANDRADE, Inácio Rebelo. **Lamento de um exilado**. Lisboa: Colibri, 2012.

_____. **O pecado maior de Abel**. Lisboa: Colibri, 2009.

_____. **Passageiro sem bilhete**: ou a história do benguelinha que viajou clandestino para o puto. Lisboa: Veja, 2003.

_____. **Revisitações no exílio**. Lisboa: Vega, 2001.

BEJA, Olinda. **15 dias de regresso**. Coimbra: Pé de Página, 2007.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CHIZIANE, Paulina. **Ventos do apocalipse**. Lisboa: Editorial Caminho, 2002.

DÁSKALOS, Maria Alexandre; APA, Livia; BARBEITOS, Arlindo (Orgs.). **Poesia africana de língua portuguesa**: antologia. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 2003.

LARA FILHO, Ernesto. Pergunta. In: FERREIRA, Manuel (Org.). **No reino de Caliban**: antologia panorâmica da poesia africana de expressão portuguesa. vol.2. Lisboa: Plátano, 1976.

LOPES, Baltasar. **Chiquinho**. São Paulo: Ática, 1986.

NETO, Agostinho. **Sagrada esperança**. 9. ed. Luanda: UEA, 1985.

SILA, Abdulai. **A última tragédia**. Bissau: Kusimon Editora, 1995.

_____. **Mistida**: trilogia. Praia-Mindelo: Centro Cultural Português, 2002.

TAVARES, Eugénio. **Mornas** – cantigas crioulas. Luanda: Liga dos Amigos de Cabo Verde, 1969.

TENREIRO, Francisco José. Canção do Mestiço. In: DÁSKALOS, Maria Alexandre; APA, Livia; BARBEITOS, Arlindo (Orgs.). **Poesia africana de língua portuguesa**: antologia. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 2003.

GERAL

ABBGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ABDALA JÚNIOR, Benjamin. Globalização, cultura e identidade em Orlanda Amarílis. **Veredas**: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas, Porto Alegre, v.7, p.145-159. 2006.

ADÃO, Deolinda M. Novos espaços do feminino: uma leitura de *Ventos do Apocalipse* de Paulina Chiziane. In: MATA, Inocência; PADILHA, Laura (Orgs.). **A mulher em África**: vozes de uma margem sempre presente. Lisboa: Edições Colibri, 2007. p.199-208.

AFONSO, Maria Fernanda. **O conto moçambicano**: escritas pós-coloniais. Lisboa: Caminho, 2004.

AGUIAR E SILVA, Victor Manuel de. **Teoria da Literatura**. Coimbra: Almedina, 1988.

AHMAD, Aijaz. The politics of literary postcoloniality. In.: MONGIA, Padmini (Org.). **Contemporary postcolonial theory**: a reader. New York: Arnold, 1996. p. 276-293.

AUERBACH, Erich. A cicatriz de Ulises. In: _____. **Mimesis**: a representação da realidade na literatura ocidental. 5.ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

AUGEL, Moema Parente. **O desafio do escombro**: nação, identidades, e pós-colonialismo na literatura de Guiné-Bissau: Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. In: _____. **A filosofia do não; O novo espírito científico; A poética do espaço** – Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1978. p.182-354.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e estética**: a teoria do romance. 4.ed. São Paulo: Unesp, 1998.

BAL, Mieke. **Narratology**: introduction to the theory of narrative. Toronto: University of Toronto Press, 1994.

BANZO. **Dicionário Eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Versão 1.0. São Paulo: Objetiva, dez. 2001.

BARROS, Maria Regina de. **Emigrar é preciso, viver não é preciso**. 2005. 105 f. Dissertação (Mestrado em Literaturas de Língua Portuguesa) – Programa de Pós-

Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.

BARTHES, Roland. Introdução à análise estrutural. In: _____ *et al* (Orgs.). **Análise estrutural da narrativa**. Petrópolis: Vozes, 1976. p.19-60.

_____. O efeito de real. In: _____ *et al* (Orgs.). **Literatura e semiologia**. Petrópolis: Vozes, 1972. p.35-44.

BAUMANN, Martin. Diáspora: genealogias semânticas y la comparación transcultural. In.: GOLUBOV, Nattie (Org.). **Diásporas: reflexiones teóricas**. Mexico: Ed. Universidad Nacional Autónoma de Mexico, 2011.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BLANCHOT, Maurice. **O espaço literário**. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

BONNICI, Thomas. **O pós-colonialismo e a literatura: estratégias de leitura**. 2.ed. Maringá: EDUEM, 2012.

BORGES FILHO, Ozíris. **Espaço e literatura: introdução à topoanálise**. Franca, SP: Ribeirão Gráfica e Editora, 2007.

BOURNEUF, Roland; OUELLET, Réal. **La novela**. Barcelona: Ariel, 1981.

BYFIELD, Judith. Introduction: Rethinking the African Diaspora. **African Studies Review**, v.43, n.1, p.1-9. 2000.

BRAH, Avtar. **Cartographies of diaspora: contesting identities**. New York: Routledge, 2005.

BRANDÃO, Luis Alberto. Cultura e espaço na Teoria da Literatura. In: **Via Atlântica**, São Paulo, n.8, p.83-97, dez. 2005.

_____. Espaços literários e suas expansões. In: **Aletria: Revista de Estudos de Literatura**, Belo Horizonte, v. 15, p. 207-220, jan./jun. 2007.

_____. Tensões do espaço literário. In: **Aletria: Revista de Estudos de Literatura**, Belo Horizonte, v. 22, p.193-203, set./dez., 2012.

_____. **Teorias do espaço literário**. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte, MG: FAPEMIG, 2013.

CABAÇO, José Luís. **Moçambique: identidade, colonialismo e libertação**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

CANCIAN, Juliana Ragozzini. **O contexto da diáspora na construção da identidade cultural**: a experiência do personagem José Viana, do romance *Sem Nome*, de Helder Macedo. 2007. Disponível em: <<http://bocc.unisinos.br/pag/cancian-juliana-contexto-da-diaspora.pdf>>. Acesso em: 29 jun. 2014.

CANDIDO, Antonio. Degradação do espaço. In: _____. **O discurso e a cidade**. São Paulo: Duas Cidades, 1993.

_____. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. São Paulo: TA Queiroz, 2000.

CANIATO, Benilde Justo. Cabo Verde: o drama da partida em sua literatura. In: _____. **Percursos pela África e por Macau**. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.

CARDOSO, Carlos. A diáspora africana no contexto da globalização: entre a integração social e a cidadania política. In: Congresso Internacional de Estudos Africanos, 2004. Barcelona. **Anais...** Barcelona: África Camina, jan. 2004. Disponível em <<http://www.didinho.org/cardoso.pdf>>

CHABAL, Patrick (Org.). **A history of postcolonial lusophone Africa**. Bloomington, Indiana: Indiana University Press, 2002.

_____. (Org.). **The postcolonial literature of lusophone Africa**. Evanston, Illinois: Northwestern University Press, 1996.

_____. **Vozes Moçambicanas**: Literatura e Nacionalidade. Lisboa: Veja, 1994.

CHAVES, Rita. **A formação do romance angolano**: entre intenções e gestos. São Paulo: FBLP; Via Atlântica, 1999.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números). 12.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

CLIFFORD, James. Diásporas. **Cultural Anthropology**, v.9, n.3, p.302-338, ago. 2004.

COELHO, Jacinto do Prado (Org.). **Dicionário de literatura**. 3.ed. 5.vol. Porto: Figueirinhas, 1982.

COSTA LIMA, Luiz. Agradecimento e Posfácil. In: _____. (Org.). **Teoria da literatura em suas fontes**. 3.ed. vol.2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. p.1027-1033.

_____. Um instante com Wolfgang Iser. In: _____. **História. Ficção. Literatura.** São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p.278-291.

CRISTÓVÃO, Fernando (Coord.). **Dicionário temático da lusofonia.** Lisboa: Texto Editores, 2005.

DAVID, Débora Leite. **O desencanto utópico ou o juízo final:** um estudo comparado entre *A costa dos murmúrios*, de Lídia Jorge, e *Ventos do apocalipse*, de Paulina Chiziane. 2010. 229 f. Tese (Doutorado em Letras Clássicas e Vernáculas) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. 1440: o liso e o estriado. In: _____. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia.** v.5. São Paulo: Editora 34, 1997. v. 5, p. 179-214.

_____. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia.** v.1. São Paulo, Editora 34, 1995.

DERRIDA, Jacques. **Posições.** Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2001.

DIÁSPORA. **Dicionário Eletrônico Houaiss da língua portuguesa.** Versão 1.0. São Paulo: Objetiva, dez. 2001.

DIASPORA. **Oxford English Dictionary Online.** Disponível em <<http://oxforddictionaries.com/definition/diaspora?q=diaspora>>. Acesso em 5 de fev. de 2013.

DIMAS, Antônio. **Espaço e romance.** São Paulo: Ática, 1994.

DUARTE, Zuleide. **A impossível ubiqüidade:** uma representação melancólica da diáspora portuguesa – a ficção de Maria de Lourdes Hortas. 1999. 171 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 1999.

_____. (Org.). **Áfricas de África.** Recife: Programa de Pós-Graduação em Letras/UFPE, 2005.

_____. Dissimular para sobreviver: estratégias de resistência. **Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF,** Rio de Janeiro, v.5, n.10, p.67-78, abr. 2013. Disponível em: < http://www.uff.br/revistaabril/revista-10/004_Francisca%20Zuleide%20Duarte%20de%20Souza.pdf>. Acesso em 13 set. 2014.

_____. **Outras Áfricas:** elementos para uma literatura da África. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2012.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Juiz de Fora: UFJF, 2006.

FERREIRA, Eduardo de Sousa; LOPES, Carlos M.; MORTÁGUA, Maria João. **Diáspora Angolana em Portugal**: Caminhos de Retorno. Cascais, PT: Príncípia Editora, 2008.

FERREIRA, Manuel. **Literaturas africanas de expressão portuguesa**. São Paulo: Ática, 1987.

_____. **Literaturas africanas de expressão portuguesa – I**. Lisboa: Instituto de Cultura Portuguesa, 1977a.

_____. **Literaturas africanas de expressão portuguesa – II**. Lisboa: Instituto de Cultura Portuguesa, 1977b.

FORSTER, Edward Morgan. **Aspectos do romance**. Porto Alegre: Editora Globo, 1969.

FOUCAULT, Michel. Outros espaços. In: **Ditos e Escritos III – Estética**: literatura e pintura, música e cinema. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. p.411-422.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande e senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 48.ed. São Paulo: Global, 2003.

GAMA-KHALIL, Marisa Martins. O lugar teórico do espaço ficcional nos estudos literários. **Revista da ANPOLL**, Belo Horizonte, n. 28, v.1, p. 213-236, jul-dez. 2010. Disponível em: <<http://www.anpoll.org.br/revista/index.php/revista/article/view/166/179>>. Acesso em: 04 abr. 2013.

GENETTE, Gérard. Fronteiras da narrativa. In: BARTHES, Roland *et al* (Orgs.). **Análise estrutural da narrativa**. Petrópolis: Vozes, 1976. p.255-274.

GILROY, Paul. **O atlântico negro**: modernidade e dupla consciência. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2001.

_____. **The black Atlantic**: modernity and double consciousness. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1994.

GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

GOMES, Simone Caputo. **Cabo verde**: literatura em chão de cultura. Cotia, SP: Ateliê Editorial/Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 2008.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. **Os filhos da África em Portugal**: antropologia, multiculturalidade e educação. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

HAESBAERT, Rogério. Concepções de território para entender a desterritorialização. In: SANTOS, Milton; BECKER, Bertha K. *et al* (Orgs.). **Território, territórios**: ensaios sobre o ordenamento territorial. 3.ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007. p.43-71.

_____. **O mito da desterritorialização**: do fim dos territórios à multiterritorialidade. 5.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

_____. Cultural identity and diaspora. In.: MIRZOEFF, Nicholas (Org.). **Diaspora and visual culture**. London/New York: Routledge, 2000. p.21-33.

_____. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

_____. Pensar en la diáspora: en casa, desde el extranjero. In.: GOLUBOV, Nattie (Org.). **Diásporas**: reflexiones teóricas. Mexico: Ed. Universidad Nacional Autónoma de Mexico, 2011. p.127-148.

_____. Subjects in History: Making Diasporic Identities. In.: LUBIANO, Wahneema (Org.). **The House that Race Built**. New York: Vintage, 1998. p.289-299.

HAMILTON, Russell G. **Literatura africana, literatura necessária**. v.2. Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe. Lisboa: Edições 70, 1984.

_____. **Voices from an empire**: a history of afro-portuguese literature. Minnesota, USA: Napco Graphic Arts, Inc., 1975.

HUA, Anh. Diaspora and cultural memory. In.: VIJAY, Agnew (Org.). **Diaspora, memory, and identity**: a search for home. Toronto: University of Toronto Press, 2005. p.191-208.

IFEKWUNIGWE, Jayne O. Scattered belongings: reconfiguring the 'African' in the English-African Diaspora. In.: KOSER, Khalid (Org.). **New African Diasporas**. London and New York: Routledge, 2003. p.56-70.

IRELE, Francis Abiola. **The African imagination: literature in Africa and the black diaspora.** Nova York: Oxford University Press, 2001.

ISER, Wolfgang. Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional. In.: COSTA LIMA, Luiz (Org.). **Teoria da literatura em suas fontes.** v.2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. p.955-987.

KOSER, Khalid. New African Diasporas: an introduction. In.: KOSER, Khalid (Org.). **New African Diasporas.** London and New York: Routledge, 2003. p.1-16.

LARANJEIRA, Pires. Mulheres, ilhas desafortunadas (Prefácio). In: AMARÍLIS, Orlanda. **A casa dos mastros.** Lisboa: Bertrand, 1989. p.9-11.

LEFEBVRE, Henri. **The production of space.** Cambridge: Blackwell, 1984.

LEITE, Ana Mafalda. Angola. In.: CHABAL, Patrick (Org.). **The postcolonial literature of lusophone Africa.** Evanston, Illinois: Northwestern University Press, 1996. p.103-164.

_____. **Literaturas africanas e formulações pós-coloniais.** 2.ed. Maputo, Moçambique: Editora da Universidade Eduardo Mondlane, 2004

LINS, Osman. **Lima Barreto e o espaço romanesco.** São Paulo: Ática, 1976.

MACÊDO, Tania; CHAVES, Rita. **Literaturas de língua portuguesa: marcos e marcas – Angola.** São Paulo: Arte & Ciência, 2007.

MACÊDO, Tania; MARQUÊA, Vera. **Literaturas de língua portuguesa: marcos e marcas – Moçambique.** São Paulo: Arte & Ciência, 2007.

MATA, Inocência. **A literatura africana e a crítica pós-colonial: reconversões.** Luanda: Editorial Nzila, 2007.

_____. A condição das literaturas africanas de língua portuguesa: algumas diferenças e convergências e muitos lugares-comuns. In.: VAZ LEÃO, Ângela (Org.). **Contatos e Ressonâncias: literaturas africanas de língua portuguesa,** Belo Horizonte: Editora PUCMINAS, 2003.

_____. **Diálogo com as ilhas:** (sobre cultura e literatura de São Tomé e Príncipe). Lisboa: Edições Colibri, 2008.

_____. Laços de memória: a *escrita-testemunho* como terapêutica na literatura africana – os casos de Angola e da Costa do Marfim. In: _____. **Laços de memória & outros ensaios sobre literatura angolana.** Luanda: UEA, 2006. p.17-31.

_____. Para uma geocrítica do eurocentrismo. In.: FONSECA, Maria Nazareth Soares; CURY, Maria Zilda Ferreira (Orgs.). **África: dinâmicas culturais e literárias**. Belo Horizonte: Editora PUC MINAS, 2012. p.123-144.

_____. Paulina Chiziane e a exposição de um “ossário de interioridades mortais”. In: MIRANDA, Maria Geralda de; SECCO, Carmen Lucia Tindó (Orgs.). **Paulina Chiziane: vozes e rostos femininos em Moçambique**. Curitiba: Appris. 2013. p.151-159.

_____. Sob o signo de uma nostalgia projetiva: a poesia angolana nacionalista e a poesia pós-colonial. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 10, n. 19, p.25-42, 2º sem. 2006.

MATEUS, Dalila Cabrita; MATEUS, Álvaro. **Purga em Angola**. 3.ed. Lisboa: Texto Editores, 2003.

MEMMI, Albert. **The colonizer and the colonized**. London, UK: Earthscan, 2003.

MONLOUBOU, L. DU BUIT, F. M. **Dicionário bíblico universal**. Petrópolis, RJ: Vozes; Aparecida, SP: Editora Santuário, 1996.

MOREIRA, Terezinha Taborda. A palavra em exílio. In: MATA, Inocência; PADILHA, Laura (Orgs.). **A mulher em África: vozes de uma margem sempre presente**. Lisboa: Edições Colibri, 2007. p.365-377.

MOSER, Walter. Estudos literários, estudos culturais: reposicionamentos. **Literatura e Sociedade**. n.3, p.62-76, dez. 1998.

MOYA, José C. Estudios sobre la diáspora: ¿nuevos conceptos, enfoques y realidades? In.: GOLUBOV, Nattie (Org.). **Diásporas: reflexiones teóricas**. Mexico: Ed. Universidad Nacional Autónoma de Mexico, 2011. p.205-224.

MUIR, Edwin. **A estrutura do romance**. Porto Alegre: Globo, s/d.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. Introdução às antigas civilizações africanas. In.: _____ (Org.). **A matriz africana no mundo**. São Paulo: Selo Negro, 2008. p.55-72. (Sankofa: matrizes africanas da cultura brasileira; 1).

NOA, Francisco. **Império, mito e miopia: Moçambique como invenção literária**. Lisboa: Editorial Caminho, 2002.

NUNES, Benedito. **O tempo na narrativa**. 2.ed. São Paulo: Ática, 2008.

ODA, Ana Maria Galdini Raimundo. Escravidão e nostalgia no Brasil: o banzo. **Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.**, São Paulo, v.11, n.4, p.735-761, dez. 2008.

_____. O banzo e outros males: o *páthos* dos negros escravos na *Memória* de Oliveira Mendes. **Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.**, São Paulo, v.X, n.2, p.346-361, 2007.

OKPEWHO, Isidore; DAVIES, Carole Boyce; MAZRUI, Ali A. **The African diaspora: African origins and new world identities**. Bloomington: Indiana University Press, 2001.

ØIEN, Cecilie. The Angolan diaspora in Lisbon: an introduction. **Economia Global e Gestão**, v.12, n.3, p.23-33, dez. 2007.

PEREIRA, Kleyton Ricardo Wanderley. Reflexos e reflexões das diásporas nas literaturas africanas em língua portuguesa. XIII Congresso Internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada. In: **Anais...** v.1, n.2. João Pessoa: Realize, 2013. p.1-11. Disponível em: <http://editorarealize.com.br/revistas/abralicinternacional/trabalhos/Completo_Comunicacao_oral_idinscrito_1048_e51d560331206dacf6b4adb370bc99c2.pdf>.

_____. Violência, gênero e diáspora na curta ficção africana de língua portuguesa. XII Congresso Internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada. In.: **Anais...** Curitiba: ABRALIC, 2011. Disponível em: <<http://www.abralic.org.br/anais/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC0772-1.pdf>>.

PERUZZO, Lisângela Daniele. **De armas e de palavras: um estudo comparado da temática da guerra em *Terra Sonâmbula*, de Mia Couto, e *Ventos do Apocalipse*, de Paulina Chiziane**. 2010. 200 f. Tese (Doutorado em Letras Clássicas e Vernáculas) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

PRINCE, Gerald. **Narratology: the form and function of narrative**. 1982.

QUEIROZ, Amarino Oliveira de. **As inscricuras do verbo: dizibilidades performáticas da palavra poética africana**. 2007. 310 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

_____. Onde Canta o Ossobó: vozes literárias femininas do arquipélago de São Tomé e Príncipe. **União dos Escritores Angolanos**. 2008. Disponível em: <<http://www.ueangola.com/criticas-e-ensaios/item/320-onde-canta-o-ossob%C3%B3-vozes-liter%C3%A1rias-femininas-do-arquip%C3%A9lago-de-s%C3%A3o-tom%C3%A9-e-pr%C3%ADncipe>>. Acesso em 12 dez. 2014.

QUEIROZ, Maria José de. **Os males da ausência: ou a literatura do exílio**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998.

REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. **Dicionário de teoria da narrativa**. São Paulo: Ática, 1988.

REUTER, Yves. **A análise da narrativa: o texto, a ficção e a narração**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

_____. **Introdução à análise do romance**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

REVEL, Judith. **Dicionário Foucault**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

SAFRAN, William. Las diásporas en las sociedades modernas: mitos de la patria y el retorno. In.: GOLUBOV, Nattie (Org.). **Diásporas: reflexiones teóricas**. Mexico: Ed. Universidad Nacional Autónoma de Mexico, 2011. p.31-50.

SAID, Edward. **Cultura e imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. The Text, the World, the Critic. **The Bulletin of the Midwest Modern Language Association**, v.8, n.2, p.1-23. 1975. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/1314778>>.

SANTIAGO, Silviano. O entrelugar do discurso latino-americano. In: _____. **Uma literatura nos trópicos: ensaios de dependência cultural**. 2.ed. Rio de Janeiro, Rocco, 2000. p.9-26.

SANTILLI, Maria Aparecida. **Estórias africanas: história e antologia**. São Paulo: Ática, 1985.

_____. **Literaturas de língua portuguesa: marcos e marcas – Cabo Verde**. São Paulo: Arte & Ciência, 2007

SANTOS, Luis Alberto Brandão; OLIVEIRA, Silvana Pessoa de. **Sujeito, tempo e espaço ficcionais: introdução à teoria da literatura**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SANTOS, Milton. **O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos**. 2.ed. São Paulo: EDUSP, 2004.

_____. **Metamorfose do espaço habitado**. 3.ed. São Paulo: Hucitec, 1994.

SAYAD, Abdelmalek. **Imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Edusp, 1998.

_____. Le pays où l'on n'arrive jamais. **Courrier de L'Unesco**, Paris, out. 1996. p.10-12.

SECCO, Carmen Lúcia Tindó. **A magia das letras africanas**: ensaios sobre as literaturas de Angola e Moçambique e outros diálogos. Rio de Janeiro: Quartet, 2008.

SEMEDO, José Maria. O milho, a esperança e a luta. In.: MARIANO, Gabriel (Org.). **Cultura caboverdeana**: ensaios. Lisboa: Vega Editora, 1991. p. 81-92.

SHOHAT, Ella; STAM, Robert. Do eurocentrismo ao policentrismo. In.: _____. **Crítica da imagem eurocêntrica**: multiculturalismo e representação. São Paulo: Cosac & Naify, 2006. p. 37-88.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In.: _____. (Org.). **Identidade e Diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p.73-102.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

SOETHE, Paulo Astor. Espaço literário, percepção e perspectiva. In.: **Aletria**, Belo Horizonte, v.15, p. 221-229, jan./jun., 2007.

SOJA, Edward. **Postmodern geographies**: the reassertion of space in critical social theory. New York: Verso, 1995.

TAMBLIAH, Stanley J. Movimientos transnacionales, diáspora y modernidades múltiples. In: GOLUBOV, Nattie (Org.). **Diásporas**: reflexiones teóricas. Mexico: Ed. Universidad Nacional Autónoma de Mexico, 2011. p.179-204.

TODOROV, Tzvetan. As categorias da narrativa literária. In: BARTHES, Roland *et al* (Orgs.). **Análise estrutural da narrativa**. Petrópolis: Vozes, 1976. p.209-254.

TÖLÖLYAN, Khachig. Diáspora studies: past, present and promise. **IMI Working Paper Series**, 2011a, n. 55, p.1-14.

_____. La reconsideración de Diaspora y las diásporas: poder sin Estado en el momento transnacional. In.: GOLUBOV, Nattie (Org.). **Diásporas**: reflexiones teóricas. Mexico: Ed. Universidad Nacional Autónoma de Mexico, 2011b. p.51-84.

TRIGO, Salvato. Literatura colonial/literaturas africanas. In: _____. **Ensaio de literatura comparada**: afro-luso-brasileira. Lisboa, Vega, 1986. p.129-146.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983.

TUCÍDIDES. **História da Guerra do Peloponeso**. 4.ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2001.

TUTIKIAN, Jane. **Inquietos olhares**: a construção de identidade nacional nas obras de Lídia Jorge e Orlanda Amarílis. São Paulo: Arte & Ciência, 1999.

_____. Por uma *Pasárgada* caboverdiana. In: MATA, Inocência; PADILHA, Laura (Orgs.). **A mulher em África**: vozes de uma margem sempre presente. Lisboa: Edições Colibri, 2007. p.209-220.

_____. **Velhas identidades novas**: o pós-colonialismo e a emergência das nações de língua portuguesa. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2006.

VENÂNCIO, José Carlos. **Literatura e poder na África lusófona**. Lisboa: Ministério da Educação – Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1992.

_____. **O facto africano**: elementos para uma sociologia da África. Lisboa: Vega, 2000.

VITORINO, Shirlei Campos. A geografia da guerra em *Ventos do Apocalipse*. In: MATA, Inocência; PADILHA, Laura (Orgs.). **A mulher em África**: vozes de uma margem sempre presente. Lisboa: Edições Colibri, 2007. p.351-364.

WALTER, Roland. **Afro-américa**: diálogos literários na diáspora negra das Américas. Recife: Bagaço, 2009.

_____. Literatura comparada: diversidades, diferenças e fronteiras de identidades culturais. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**. Porto Alegre, nº. 7, p.149-67. 2005.

WANDERLEY, André de Sena. **Visões do ultrarromantismo**: melancolia literária e modo ultrarromântico. 2010. 541 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade**: na história e na literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.